

UNIVERSIDADE ABERTA



**A Literatura Oral Tradicional no Concelho de Melgaço –
Uma Riqueza do Património Cultural e Linguístico.**

Ana Maria Esteves da Rocha Ramos

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa –
Investigação e Ensino

2019

UNIVERSIDADE ABERTA



**A Literatura Oral Tradicional no Concelho de Melgaço –
Uma Riqueza do Património Cultural e Linguístico.**

Ana Maria Esteves da Rocha Ramos

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa –
Investigação e Ensino

Orientadora: Prof. Dra. Isabel Maria de Barros Dias

2019

RESUMO

O objetivo deste trabalho de investigação foi o de conseguir recuperar alguns exemplos da literatura oral tradicional no concelho de Melgaço e mostrar como a sua preservação é muito importante e urgente. Embora feita por homens e mulheres sem instrução, está impregnada de conotações, de sentidos figurados, de intenções e moralidades que foram sendo transmitidos de geração em geração e que, apesar da grande proximidade com a fronteira galega, mantiveram a sua identidade e contribuíram para a formação cultural de um povo.

A primeira fase do trabalho foi a recolha no terreno feita em várias etapas e contou com a ajuda de alguns populares locais e entidades públicas que se disponibilizaram para colaborar.

Depois, dirigi a atenção para a bibliografia sobre o tema e para alguns textos mais antigos e outros mais recentes recolhidos por investigadores ou simplesmente amantes do tema, de modo a conseguir um termo comparativo que, sem dúvida, enriqueceria a pesquisa e ajudaria a comprovar que género de textos ainda se mantém e quais são os que tendem a desaparecer mais rapidamente e por que motivo. Este estudo permitiu-me aprofundar conhecimentos sobre o património oral, conhecer os diferentes temas que dominavam as composições orais e confirmar que o objetivo primário da literatura oral era a transmissão do saber e dos valores aos mais novos.

Por fim, com o propósito de melhor retirar a mensagem do conteúdo de cada texto, procedi a uma divisão dos mesmos em três áreas temáticas nas quais tentei inseri-los: composições lúdicas, medicinais e religiosas / moralistas. Sempre que possível, fiz uma análise comparativa entre os exemplos que recolhi no terreno e os que recolhi da bibliografia consultada, inserindo cada um no contexto correspondente.

Palavras chave: literatura oral tradicional, património imaterial, Melgaço, sátira, medicina tradicional, textos moralizadores e religiosos.

ABSTRACT

The purpose of this research is to recover some of the traditional oral literature made by illiterate men and women in Melgaço and show how it is full of second meanings, intentions and moralities which have passed from generation to generation. Even close to the Spanish border, it has kept its identity and built the culture of its people.

First, I have met some locals who gave me precious information on oral literature, which allowed to make comparisons and to find out which remain or have just disappeared and why.

This study has allowed me to get more knowledge on oral literature and to find out that the main purpose of oral speech was indeed to teach traditions and moral values to the next generations.

After, I have created three different groups according to their main subject: ludic, medicinal, and religious / moralistic. Whenever possible, I have presented a comparative analysis of these examples and those found on the bibliography.

Keywords: Traditional Oral Literature; Intangible Heritage; Melgaço; Satire; Traditional Medicine; Religious and Moralistic Texts.

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este trabalho ao meu pai, o senhor António da Rocha que tanto amou esta terra de Melgaço onde nasceu e de onde partiu cedo; à minha mãe, a D. Cândida Esteves que, apesar de aqui não ter nascido, tem cá as suas raízes e tanto gosta de cá viver; e às minhas filhas, a Cláudia e a Joana, que tanto me apoiaram e ajudaram neste trabalho e que, felizmente, herdaram o gosto dos avós maternos por Melgaço.

Desejo que o empenho e a atenção que dediquei a esta investigação, dê às crianças de amanhã a oportunidade de conhecerem alguns factos passados que fizeram parte da minha vida e de tantas outras que viveram numa outra realidade, porém muito felizes.

AGRADECIMENTOS

Fazer um trabalho deste género para o qual precisei da colaboração de tantas pessoas, muitas das quais não me conheciam nem nunca sequer me tinham visto, não foi fácil. A todas, em geral, um muito obrigado!

A disponibilidade e a simpatia que mostraram, os livros que me emprestaram, os amigos que me apresentaram, todos os contatos e a ajuda que deram foi muito preciosa e juntos conseguimos um resultado bastante satisfatório, embora ainda incompleto dada a riqueza e a variedade de informação que se encontra por estas serras e aldeias à beira-rio. Quem sabe um dia...

No entanto, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas e entidades em particular e peço desculpa se alguma falhar...

Agradeço...

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Isabel Maria de Barros Dias, pela orientação e conselhos na elaboração desta dissertação.

À minha sogra, a D. Ludovina Ramos que sempre esteve disposta a acompanhar-me nas visitas e que tantas horas passou à minha espera.

Às minhas tias paternas, a Fernanda e a Lena, às minhas primas Mimi e Glória, aos meus primos Carlos Dias e José Cardoso e aos meus tios, Evaristo Esteves e Manuel Cordeiro.

Às vizinhas do Lugar de Paradela, em Penso, a Sra. Judite, a Rosa, a Olívia, a Maria Cândida e a Dra. Bernardete Cordeiro.

Às melgacenses D. Virgínia do Carmo de Paderne, à D. Lindalva de Alvaredo, à Maria Castro de Sante, à D. Elisabete de Castro Laboreiro, à Ana Maria Passos de Penso, à Cátia e à Conceição Silva da Vila e à D. Maria da Vila.

À Dra. Diana Lobato e aos utentes da Associação Castro Solidário, de Castro Laboreiro.

À Dra. Joana, à Dra. Lurdes e aos utentes do Lar D. Paterna, em Paderne.

À D. Teresa e à D. São, responsáveis pelo convívio para os idosos na vila de Melgaço aos domingos à tarde.

Ao Sr. Padre César Maciel de Castro Laboreiro pela disponibilidade.

Ao Sr. Valter Alves que tantas sugestões se prontificou a dar-me e em cujo blogue encontrei tantas lendas de Melgaço.

Ao Sr. Gerardo da Associação “Ponte nas Ondas”.

A todas as pessoas da Câmara Municipal de Melgaço, da Casa da Cultura e do Espaço Memória e Fronteira que se prontificaram a ceder materiais e recursos para enriquecer o trabalho.

ÍNDICE

Introdução -----	8
Parte 1 -----	11
Parte 2 -----	18
Composições lúdicas -----	19
1. Os serões -----	19
2. Os trabalhos no campo -----	25
3. As romarias, os bailes e a feira -----	38
4. As crianças -----	43
5. A poesia popular do concelho -----	45
Composições medicinais -----	52
1. Talhar a peçonha -----	58
2. Talhar o enganido -----	59
3. Talhar os herpes -----	61
4. Talhar o mau ar e o mau olhado -----	62
5. Talhar o lixo -----	64
Composições religiosas e moralistas -----	65
1. A missa -----	66
2. As procissões -----	71
3. As festas em honra dos santos padroeiros -----	74
4. A Inês Negra -----	83
5. O Tomás das Quingostas -----	92
6. Os provérbios -----	94
Conclusão -----	98
Referências -----	100
Anexo I -----	105
Anexo II -----	105
Anexo III -----	110

INTRODUÇÃO

Fui desde criança habituada a ouvir histórias, quadras e provérbios cuja mensagem não compreendia, mas que me fascinavam por serem ditos por pessoas que eu sabia que nunca tinham andado na escola, o que me levava a perguntar onde teriam aprendido aquilo e como as sabiam de cor, já que nem nunca tinha visto livros lá em casa.

Na verdade, eu não era mais do que uma criança lisboeta que passava as férias em Melgaço e cuja curiosidade despertou ainda mais e cresceu ao ver uma avó analfabeta a “talhar a peçonha” a outra criança da aldeia, repetindo uma lengalenga estranha que dava àquela octogenária uma importância e uma sabedoria, na altura, incompreensível.

Com o passar do tempo, fui-me apercebendo da riqueza que me era disponibilizada, fui-me apercebendo de que há sabedoria fora dos livros e apercebo-me hoje como, infelizmente, muita dessa riqueza já se perdeu.

Assim, surgiu a escolha do tema e da área de investigação a que me iria dedicar, após o estudo na Unidade Curricular de primeiro ciclo “Literatura Oral e Tradicional” do curso de Licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos. Apresentou-se a possibilidade de aprofundar esta área, podendo contribuir ao mesmo tempo para a manutenção e o enriquecimento de um legado cultural e linguístico imperdível.

O património oral imaterial faz parte, em todas as suas vertentes, da identidade de um povo e deveria ser recuperado e preservado com a mesma intensidade e interesse que damos ao património material. Juntos, são a génese e a raiz que formaram durante séculos homens e nações. Para conseguirmos este feito, é necessário envolvermos todos os que se interessam e que têm possibilidade e meios para o fazerem, de modo a conseguirmos salvar o que existe na memória dos mais antigos ou dos mais novos que, pelo contato e vivência com os outros, são fontes de informação muito válidas e de referência.

De facto, já alguns estudiosos e interessados na área dedicaram muito do seu tempo a recolher estes saberes, evitando que se perdessem com o passar do tempo e com a mudança de hábitos e costumes que foram desaparecendo e que eram espaços ou momentos de preservação e divulgação dos mesmos, como, por exemplo, os serões.

Para enriquecer e fundamentar a minha pesquisa, contei com a extensa obra de recolha realizada por Leite de Vasconcelos, bem como algum material publicado pela Câmara Municipal de Melgaço, o concelho onde se centra a minha investigação.

O Município de Melgaço localiza-se no noroeste de Portugal e é constituído por freguesias ribeirinhas pela sua proximidade ao rio Minho e freguesias de montanha. Podemos ler no portal da Câmara Municipal que Melgaço é uma

vila raiana do distrito de Viana do Castelo, [...] É sede de concelho com 238,25 km² de área, e tem cerca de 10 000 habitantes. O município é limitado a norte e a Leste por Espanha, a sudoeste pelo município de Arcos de Valdevez, e a oeste por Monção. [...] distingue-se pelo seu carácter único humano e cultural, hábitos, costumes, e uma história que vale a pena vivenciar. De realçar, e a exemplo, a cultura local de transumância, única no país, o linguajar, e os hábitos de vestir locais. Entre um património edificado de elevado interesse turístico, uma cultura regional que incentiva e beneficia das relações culturais com as regiões vizinhas, uma gastronomia fortemente dominada pelo fumeiro, pelo cabrito e pela lampreia, é obrigatório elevar a importância da produção vinícola da região. [...] Com fortes tradições enraizadas, a vila de Melgaço orgulha-se de resgatar e preservar costumes de outros tempos. (Melgaço, s/d)

Esta dissertação visa exatamente, em primeiro lugar, contribuir para essa preservação e, por esse motivo, apresentará, no tempo que tinha disponível e com as pessoas com quem pude contar, uma amostra da riqueza literária oral que ainda se encontra na região. Para alcançar este objetivo, contei também com a disponibilidade de vários representantes de instituições públicas do concelho, como da Casa da Cultura, do Espaço Museológico Memória e Fronteira, da Câmara Municipal, de Associações de Solidariedade e de alguns Centros de Dia.

Como veremos ao longo do trabalho, destaca-se o valor da memória como veículo de transmissão de saber, de aprender e ensinar a viver melhor, ou pelo menos segundo os princípios e os valores considerados como tal.

É meu objetivo destacar também a língua e o seu valor na comunicação e na transmissão da subjetividade coletiva e local. Muitas produções apresentam variantes muito próximas que, sem deixar de fazer alusão ao cerne da mensagem que terá levado à sua criação, refletem ainda o cunho do indivíduo que as conta e lembram a máxima de que “quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto”.

Nenhuma das pessoas com quem falei é contadora de histórias, ou “contadora de profissão” (Pedroso, 2000:9), o que, no meu ponto de vista, é muito positivo para este trabalho, já que permite uma maior variedade e riqueza de exemplos, sendo que, ao mesmo tempo, comprova que “é impossível evitar toda a vez que a pessoa que conta, pela repetição habitual dos mesmos episódios, insensivelmente os vai dispondo e modificando

seu bel-prazer, apagando-lhes cada vez mais o cunho impessoal e anónimo para lhes dar carácter individual” (Pedroso, 2000:9).

Lembro dois exemplos, um deles fazendo alusão à presença da devoção à Senhora da Peneda, a quem encontrei dedicadas imensas quadras com poucas variantes, ou um outro, ao modo como se talhava o enganado, sendo que para umas pessoas era preciso juntar duas “Marias” e, para outras, três. Felizmente que na terra não faltavam “Marias”!

Recolher os géneros orais que se enquadrassem na minha investigação revelou-se uma tarefa longa e demorada, mas que superou de um modo muito positivo as minhas expectativas pessoais, já que tive a oportunidade de ver e ouvir na primeira pessoa as histórias acompanhadas de sentimentos e emoções que de algum modo registei e que compartilho. Muitas vezes, numa tarde inteira consegui apenas duas ou três quadras, já que muitas pessoas idosas se encontram sozinhas e a possibilidade de falar com alguém, mesmo que estranhos, era para elas uma felicidade e sinónimo de duas ou três horas de conversa acompanhada de chá e bolachas. Como refere Consiglieri Pedroso, na sua obra *Contos Populares Portugueses*, “o povo em toda a parte [...] guarda ciosamente o tesouro das suas tradições, e, para que revele sem pensamento reservado o que lhe pedem, é mister primeiro ganhar-lhe a confiança, que só com uma larga convivência se adquire” (Pedroso, 2000:9).

Lamento, na minha recolha, a pobreza a nível das eventuais músicas que acompanhavam as cantigas que eram cantadas durante os trabalhos agrícolas, já que poucas foram as pessoas que se dispuseram a cantar.

Na primeira parte desta dissertação, irei fazer uma abordagem do valor inegável do património oral que fundamentarei com exemplos recolhidos pessoalmente no concelho. Estes exemplos serão divididos em três áreas temáticas: a lúdica, que inclui os que eram contados com o objetivo de entreter e alegrar a população, durante as festas e os momentos em que se juntavam as famílias e os vizinhos, para trabalhar ou conviver; a medicinal, que engloba todas as referências a sugestões de tratamentos e mezinhas caseiras para alívio dos padecimentos físicos; e a religiosa / moralista, onde enquadro todas as manifestações recuperadas que surgiam a propósito da fé e da devoção dos habitantes e que eram usadas para transmitir valores de moral e modos de comportamento.

A par destes exemplos, irei incluir outros recolhidos por investigadores a nível pessoal ou institucional que foram, alguns deles, na minha opinião, pouco divulgados e que devem ser destacados pelo seu valor linguístico e cultural.

Por fim, debruçar-me-ei sobre as metas atingidas, qual o valor desta investigação para o enriquecimento do nosso património e como é que o facto de vivermos na era da tecnologia que proporciona informação em qualquer momento e lugar pode favorecer a recuperação e divulgação deste património.

PARTE 1

Na recolha de bibliografia para fundamentar e sustentar a minha pesquisa, encontrei uma referência feita pelo investigador Helder Raimundo a uma frase de Leite de Vasconcelos que se enquadra de modo perfeito neste momento: “Acudamos a tudo enquanto é tempo!” (Raimundo, 1990:105).

Ao contrário das manifestações escritas, materiais, as manifestações orais, imateriais, para continuarem a existir, dependem de cada uma de todas as gerações que vão passando e que a transmitem. Um registo escrito ou uma gravura pode guardar-se durante décadas numa gaveta, mas quando essa gaveta se abrir, quase tudo pode ser transmitido e divulgado tal como foi guardado. Uma igreja, um castelo ou outro monumento pode ser abandonado e um século depois, aquando de uma tentativa de recuperação, pode contar fielmente a história da época em que foi construído e, muitas vezes, até de quem lá viveu. Um relato oral perde-se, infelizmente, com muito mais facilidade.

Segundo um artigo na página em linha da Unesco intitulado “Oral Traditions and expressions including language as a vehicle of the intangible cultural heritage” (Unesco, s/db), a literatura oral insere-se no conjunto das manifestações culturais do património imaterial e inclui “an enormous variety of spoken forms including proverbs, riddles, tales, nursery rhymes, legends, myths, epic songs and poems, charms, prayers, chants, songs, dramatic performances and more.” O mesmo artigo salienta de forma explícita o que quero mostrar com esta pesquisa e que se prende com a capacidade de a tradição oral ser usada para “pass on knowledge, cultural and social values and collective memory”.

Usada para transmitir a sabedoria e o conhecimento às gerações que se seguiam, a literatura oral nas suas mais diferentes formas está bastante ameaçada, provavelmente porque esta função já não se impõe na sociedade dos nossos dias. Inclusivamente, certos costumes e certas práticas que eram incentivadas ou condenadas, como por exemplo os relacionamentos sexuais antes do casamento, não têm nos nossos dias, para a maioria das sociedades, razão de existir. Ou ainda, certos “tratamentos” não se justificam hoje, já que a ciência e a medicina conseguem explicar e curar a maioria deles.

Assim, o objetivo deste estudo é salientar o interesse da literatura oral para a época em que as composições eram usadas com a relevante finalidade de educar a sociedade,

mas também, quando possível, mostrar o que chegou até aos nossos dias contribuindo para enriquecer o nosso património imaterial.

Jean Derive, professor na Universidade de Savoie e investigador linguístico, aborda esta questão da literatura oral como instrumento de educação que se impunha numa determinada época e local. No artigo “La littérature orale traditionnelle, un instrument d’éducation ?” (2016), Derive refere a legitimidade incontestável desta forma de ensino “validée par plusieurs générations d’ancêtres postulés comme garants d’une sagesse d’autant plus crédible qu’elle est présentée comme le fruit d’une expérience collective [...] une conception éducative à très forte composante patrimonial” e sublinha o facto de a mesma conseguir fazer de modo que “l’individu est préparé à conduire sa vie d’homme ou de femme selon un idéal pensé comme l’accomplissement parfait de la condition humaine”, mas... “à un moment donné”.

Derive reconhece ainda no mesmo artigo como esta literatura oral “est toujours supposée façonner l’individu”, contudo releva o facto de esta capacidade de “façonner” ser, mesmo que talvez na época não se apercebessem disso, “conforme aux valeurs du moment”. E, alguns séculos depois, sabemos que muitos destes “valeurs”, como Derive também destaca, “varient avec le temps.”

Com a experiência desta pesquisa, arrisco dizer que é a ausência desta contextualização espaço-temporal da literatura oral que mais contribuirá para o seu desaparecimento e relevância. Os espaços em que era criada, contada e ouvida já praticamente não existem e, como já acima referi, muitos dos seus conteúdos não se adaptam a estes tempos modernos. Bertrand Bergeron, num artigo intitulado “Les genres de la tradition orale” (2012) chama a atenção para um facto interessante. Refere que “les croyances et les valeurs ayant subi des mutations profondes”, os géneros orais “disputent leur place et leur identité aux rumeurs et aux faits divers”. E assim é, já que os mais idosos, principais veículos deste saber, não só não convivem tanto com as gerações mais novas, como também estas se interessam por outro género de informação, entre a qual os “rumeurs” e os “fait divers”, através dos meios de comunicação que os fazem chegar a qualquer local, a toda a hora, com atualidade ao minuto, ou menos.

Arrisco também afirmar que podemos estar perante as últimas gerações que, conscientes da importância e com alguns registos na memória, poderão fazer ainda algo

para que a literatura oral sobreviva, seja através de pesquisa, seja através do registo tão facilitado pelos mesmos meios de comunicação que a podem fazer esquecer.

Constatei que há apenas dois grupos de pessoas que ainda mantêm vivas algumas manifestações orais: as pessoas mais idosas, a quem a memória ainda não atraçou, e outras, um pouco mais novas, que ainda vivem ou viveram durante alguma parte da sua vida com os avós ou com os tios e tias-avós e não têm muitos anos de instrução académica. Aqueles que, mesmo vivendo diariamente inseridos numa família com pessoas mais idosas, mas que saíram para ir à escola ou trabalhar fora e abandonaram o trabalho do campo, perderam o contato com este contexto que melhor permitia e proporcionava esta transmissão. Além disso, como lembra o investigador Helder Raimundo, acima citado, a “escolaridade obrigatória [...] desvalorizou o impacto da transmissão oral tradicional, em troca do texto erudito” (Raimundo, 1990:105).

No entanto, também encontrei pessoas com mais idade que já não se lembram de quase nada e outras mais jovens, mas que, por se terem mantido em contacto com os familiares e os trabalhos diários no campo, ainda recordam versos, lendas e cantigas transmitidos por aqueles que não sabiam ler nem escrever, mas sabiam falar e recorriam à oralidade para veicular um saber anónimo baseado na experiência de vida, na observação diária e, por incrível que hoje nos pareça, na grande maioria das vezes ainda muito exato. Diz-nos José Alfredo Cerdeira, na sua obra *O Tomaz das Quingostas*, que

conhecendo do mundo simplesmente aquilo que os rodeava, [...] viam-se na necessidade de passar os conhecimentos adquiridos, ao longo das gerações, aos homens de amanhã, por via oral. O inconveniente detetado por esta forma de passagem de testemunho prendia-se no facto de aumentarem sempre mais um ponto, por sua conta e risco, embora, no fundo, não desvirtuassem o cerne do conteúdo. Por tal razão, as lendas e narrativas que chegaram até nós surgem adulteradas, mas sempre com um cunho de verdade. (Cerdeira, 2007: 46)

É também meu objetivo mostrar como esta literatura oral estabelece a nossa ligação com o passado e com as nossas origens, contribuindo para a coesão social que vivemos atualmente. Podemos ler na página em linha da Unesco um artigo em inglês sobre a “Intangible Cultural Heritage” (Unesco s/da) que refere exatamente esse papel da herança cultural da literatura oral. O artigo chama a atenção para a importância da literatura oral cujas manifestações “have been passed from one generation to another, have evolved in response to their environments and they contribute to giving us a sense of identity and continuity, providing a link from our past, through the present, and into our future”. Releva também como esta herança “contributes to social cohesion, encouraging a sense

of identity and responsibility which helps individuals to feel part of one or different communities and to feel part of society at large”.

Na tentativa de recuperar alguma dessa herança, algum desse saber guardado nas memórias, descobri verdadeiros tesouros que merecem ser lembrados: composições e histórias de vida marcadas pela forte tradição enraizada durante séculos num povo que, geograficamente estava aberto ao mundo pela proximidade com o rio Minho e a fronteira com a Galiza, mas onde as tradições e os valores falavam mais alto, involuntariamente dificultando a penetração de outros saberes e culturas. Descobri lugares cheios de histórias e influência na população como a Senhora da Peneda que administrativamente se situa fora do concelho, mas que sempre moldou e continua a moldar a forte fé dos populares e as suas mentalidades. Descobri personagens que povoaram durante séculos o imaginário da população como o “famoso” Tomás das Quingostas, o “Robin dos Bosques” de Melgaço que “roubava aos ricos para dar aos pobres” (San Payo, 2000:121) ou a não menos famosa Inês Negra, a heroína melgacense que defendeu a vila e o país dos castelhanos. Descobri que neste povo marcadamente religioso infelizmente se perdem tradições, se esquecem detalhes e se omitem pormenores. E descobri que podia realmente fazer alguma diferença recolher o maior número possível de testemunhos e registá-los para deleite das gerações vindouras.

Recolhi testemunhos orais e escritos.

A maioria dos testemunhos orais encontram-se registados em vídeo (anexo 1) e estão numerados, de modo a serem facilmente identificados, quando referidos.

Quanto aos testemunhos escritos, incluem-se os que foram recolhidos por mim e os que foram citados de outros autores e os que recuperei no meu contacto com as pessoas que os contaram. Estes últimos foram algumas vezes transcritos no meu bloco de notas quando os ouvia e não conseguia registá-los de outro modo. Foram-me ditos no meio de uma conversa, à beira de um caminho, sem que eu tivesse tempo de ligar a câmara.

Também, a D. Virgínia do Carmo Ferreira deixou-me copiar, dos seus cadernos onde regista algumas memórias, alguns provérbios que transcrevo na íntegra no anexo II, bem como alguns poemas que fotocopiei de outro dos seus caderninhos (Anexo III).

Houve também alguns casos em que as pessoas me pediam para voltar um outro dia e até lá escreveriam o que se fossem lembrando. Foi o caso das utentes da Associação Castro Solidário que me mostraram os poemas que tinham escrito aquando de um evento que realizaram e ao qual chamaram “Dia da Poesia” e que se encontravam afixados na parede da sua sala de convívio e os quais fotografei. Encontram-se no Anexo III (1 a 21), tal como as descrições da D. Glória Guedes, que me escreveu a contar como se “talhava o enganido” ou o que era “ir à doutrina” ou a D. Maria, de Sante que também me deu os seus rascunhos das quadras que me tinha prometido, numa primeira visita.

Todos os testemunhos que me foram transmitidos por escrito encontram-se reproduzidos tal como os recebi, com o objetivo de manter a genuinidade dos mesmos e também permitir aproximá-los do verdadeiro modo de falar e escrever dos respetivos informantes.

Dividi as recolhas em três grupos, de acordo com o contexto e o tema, e embora por vezes se misturem os géneros, tentei inserir cada texto no género que mais se destacava.

Assim, ao considerar o grupo das composições lúdicas, o grupo das composições medicinais e o grupo das composições religiosas e moralistas, tento articulá-las com os respetivos contextos em que são verbalizadas. Isto permite um melhor entendimento dos poemas e relatos porque destacam, não só usos e costumes ancestrais ligados ao momento da realização do contar ou cantar como, por exemplo, quando se fazia o pão, mas também se reportam a circunstâncias mais pontuais, seja da época, por exemplo durante os períodos de maior emigração, seja de vivências concretas. O último grupo termina com alguns provérbios que se enquadram no tema. Considero-os por isso como locais, ou seja, típicos desta região, muito provavelmente com equivalentes noutras zonas do país.

PARTE 2

Composições lúdicas

No conjunto das composições que considerei lúdicas, enquadram-se aquelas que falam de assuntos do quotidiano das populações, do modo como ocupavam o tempo e como conviviam na sociedade que os rodeava. São descritivas do seu modo de vida e dos seus hábitos. Eram contadas e cantadas durante os serões, durante os trabalhos agrícolas e durante os bailes, as romarias e a feira.

Incluo também uma parte dedicada ao modo como as crianças ocupavam os seus poucos tempos livres e à poesia popular que recolhi e que se enquadra principalmente na região mais montanhosa e agreste do concelho que é Castro Laboreiro. Esta recolha irá permitir inserir muito vocabulário característico da zona e um pequeno dicionário de termos da região. Também incluo alguns poemas sobre o concelho, que recolhi de testemunhos e outros já impressos, cujo objetivo é fazer referência aos costumes e tradições da região, bem como aos valores transmitidos através dos mesmos.

1. Os serões

Os serões eram reuniões familiares que incluíam também vizinhos de aldeias próximas e que se realizavam “por aquelas paragens perdidas nos confins do reino [...] nas longas noites de inverno, sentados à lareira” (Cerdeira, 2007:46).

O Center for Hellenic Studies da Harvard University, publicou um artigo em linha a propósito da obra *The Singer Resumes the Tale* (Lord, s/da) sobre o tema “The Nature and Kinds of Oral Literature” e onde se refere que a “oral literature, then, consists of the songs and stories, and other sayings that people have heard and listened to, sung and told, without any intervention of writing”(Lord, s/da), e continua a descrever que o “creator or transmitter did not write the song or the story but sang or told it; the receiver did not read the song or story but heard it. These stories or songs are, therefore, not only oral, but also aural; they are not only told, they are also heard” (Lord, s/da). Esta descrição de literatura oral enquadra-se no espaço onde se localizavam certos ajuntamentos que permitiam esta transmissão, os já referidos serões. O mesmo artigo mostra ainda que apesar das “circumstances will be different in each traditional culture but [...] I would find one of the most normal places for singing to be house in a small village where neighbors gather for

an evening and sit and talk and listen to a singer” (Lord, s/da). Compare-se com o que era um serão em Melgaço, através das recolhas efetuadas.

“Por Melgaço, o serão começa em uma terça-feira, nos fins de setembro e dura até sábado de Aleluia ou até terça-feira de entrudo [...] começa ao anoitecer e vai até à meia noite ou depois” (Vasconcelos, 2007: 508). Estas ocasiões eram muito apreciadas sobretudo pelos mais jovens, visto serem locais de eleição para escolha de namorados e namoradas e para todos cantarem e dançarem. Em *Retalhos de Vidas*, obra editada pela Câmara Municipal de Melgaço em 2002, podemos ler, na página 7, o testemunho da D. Isaltina Domingues, de Roussas que conta que “com 16 anos, comecei a ir aos serões, aos bailaricos e conseqüentemente a namorar, era muito namoradeira. Uma vez, numa fiada, namorei com 5 rapazes” ou ainda, na página 20, da D. Teresa Rodrigues que orgulhosamente relata que “com treze anos comecei a frequentar festas e fiadas, namorávamos muito, às vezes com seis ou sete rapazes”.

Vasconcelos, na obra acima referida, descreve que:

Por Melgaço, [...] sentadas, em uma sala, palheiro, etc., as mulheres trabalham em costura, croché ou a fiar, formando círculo, à luz da candeia ou candeeiro que prendem no tecto. [...] vêm os rapazes que se sentam junto das namoradas ou dançam no meio da roda e tocam harmónico, guitarra... [...] ouve-se em Melgaço: Se eu soubesse que tu ias / Esta noite ao serão / Mandava varrer a rua / Cum raminho d’hortelão. (Vasconcelos, 2007:508)

Em 1956, o jornal *Notícias de Melgaço* fazia referência a uma outra atividade executada pelas jovens melgacenses, que se fazia “da observação direta local” (Esteves, 2003a)

outrora, aqui em Melgaço, ao lado dos bordados a branco, escumilha e matiz, trabalhou-se também nas rendas, mas estas a breve trecho ficaram a dominar o meio, por os bordados se concentrarem nas casas dos ricos e do fabrico daquelas se ter apossado a actividade popular. Das mãos do povo, nunca mais essas rendas saíram e ainda hoje as mulheres de dentro da vila aproveitam as horas menos cansadas da sua vida caseira para pegarem nas agulhas e sentadas na soleira da porta, ou junto dos peitoris das janelas, desatam a fazer croché, lindos crochês, cujos riscos as encantou um dia já afastado, mas nunca por elas esquecido (Esteves, 2003a:568)

Sobre estes encontros, conta-me na primeira pessoa a senhora D. Virgínia do Carmo Ferreira, com 90 anos, de Alvaredo:

I
Os serões no meu lugar
Tinham um certo encanto
As mulheres iam fiar
Os homens jogavam num canto

II
Haviam moças que namoravam
Por noite dois ou três
Enquanto uns se sentavam
Outros esperavam pela vez

III
A moça que namorasse mais

IV
Era à luz do candeeiro

Era a melhor do serão
Mas as vezes entre rivais
Havia grande discussão

Que o serão se fazia
O petróleo fazia mau cheiro
Mas ninguém se afligia

V
Quando os rivais se zangavam
E queriam dar porrada
Primeiro no candieiro davam
E depois toda a gente levava

Nestes versos, que tentam lembrar o que era um serão na aldeia, podemos encontrar algumas semelhanças com a citada descrição de Leite Vasconcelos no que diz respeito à atividade do “fiar” a que se dedicavam as raparigas, à presença dos “rapazes” e das suas “namoradas” e ainda a referência à luz do “candeeiro” ou da “candeia” que funcionavam a “petróleo”.

Sobre as fiadas, descreve ainda a D. Virgínia do Carmo Ferreira o que se passava nas casas “fracas”, nas noites “geladas” de inverno (ver vídeo 00014):

I
No inverno eram as fiadas
Também eram divertidas
Como as noites eram geladas
Eram feitas recolhidas

II
Às vezes até eram feitas
Mesmo nas cortes do gado
As casas eram fracas
Não fosse cair o sobrado

III
Havia ricos que tinham
Grandes e boas salas
E com certo brio faziam
Alias suas fiadas

IV
Era bonito dever
À cintura tantas rocas
E os fusos a torcer
Para fazer as massarocas

V
Todas tinham uns cestinhos
No chão à sua beira
Davam muito aos dedinhos
A ver qual era a primeira

VI
As massarocas que fiavam
No cestinho iam deitando
Para ver as que mais trabalhavam
Havia quem hia contando

VII
E no fim da fiada
Arrumavam a fiança
E a mocidade aproveitava
Para dar um pé de dança

Nestes encontros, também se cantava ao desafio quando apareciam os então chamados “cantadores” e as “cantadeiras”.

A obra *Literatura Portuguesa de Tradição Oral* (AA.VV.,2003a), em linha, confirma que “antigamente, os rapazes e as raparigas que iam para as espadeladas do linho juntavam-se em grupos, tocavam viola e concertina e cantavam ao desafio”, o que

também exemplifica com a seguinte poesia a senhora D. Maria Helena Esteves Cordeiro, de 75 anos, nascida e a viver na freguesia de Penso (ver vídeo 0004).

Ele:
Menina, venha comigo,
Não tenha medo à fome,
Que meu pai tem uma quinta
Que sustenta quem tem fome!
Ela:
Eu consigo, ia, ia,
Se não fosse a recear, Já
sei a vida que tenho,
Não sei a que me irá dar!
Ele:
A vida que lhe vou dar,
É cortartojo na Tenreira,
Comerá onde eu comer, E
dormirá à minha beira.
Ela:
E com respeito a essa quinta,
Não sei que quinta há de ser, Se
sustenta quem não come, Eu
sustento-me a comer.

Nesta composição popular, destaca-se o tratamento respeitoso por “você” e a referência à posse de terras que era a riqueza da época, “meu pai tem uma quinta”. Note-se também o jogo de palavras que conferia uma certa graça à situação, já que “ele” diz que a quinta “sustenta quem tem fome” e ela percebe “sustenta quem não come”. Este aspeto cómico e até satírico encontra-se em grande parte dos exemplos que encontrei, o que vai ao encontro do que já afirmámos acima sobre os serões serem momentos lúdicos e de alegria. Incluo mais dois exemplos.

O primeiro, contado pelo senhor Isaiás Soares, de S. Paio, trata-se de uma conversa animada entre mãe e filha na qual esta confessa que sente muito “calor” e “comichão” e pede ajuda à sua mãe para a aliviar; o segundo, contado pelo senhor José Augusto Costa, de Chaviães, no qual fala sobre a sua sogra. Ambos fazem parte de uma recolha feita por Eva Martins e encontram-se na obra *Memórias* (2001).

Ao ler a primeira composição, notamos o já referido carácter cómico, que aqui é originado por um sentido subentendido, por exemplo, nos versos “Este calor o que é / Dá-me às vezes agonias / Não me posso ter em pé” ou “Estou certa que meu pai / Põe-lhe outra emplastada”. É igualmente evidente a cumplicidade e a proximidade do relacionamento entre a mãe e a filha através de expressões como “minha mãezinha”, “querida filha”, “querida mãe”, e, nas falas da mãe, é notório o esforço de ajudar a sua

filha e dar-lhe bons conselhos, “tens-me aqui para te valer”, “se tomares o meu conselho”, “deixa-te estar solteirinha” e “Observa o que te digo”. Interessante ainda a utilização de recursos aos remédios caseiros, dos quais mais tarde falaremos, como sinónimo de alívio para a pobre rapariga, “Banhos de erva molarinha / Ficas toda consolada” ou “Hás-de pôr na barriga / Um emplaste de linhaça / A ver se te abranda a fêvera”.

Ao nível da forma, verifica-se nesta, como em muitas outras composições, a utilização de uma rima cruzada simples com o objetivo de facilitar a memorização. Pinto (2013:132) refere que “as técnicas de versificação dependem da oralidade e resultam também da necessidade de memorizar o texto, a mensagem, em sociedades ágrafas”, e que, juntamente com a “métrica” e a “aliteração”, são “mnemónicas que contribuem para a manutenção da forma e do conteúdo dos textos”. Leiamos o exemplo.

“Conselhos de uma mãe para uma filha

(Filha) Venha cá minha mãezinha Quero um segredo contar Já muito guardo comigo Sem nunca o revelar Já não posso por mais tempo Tal segredo em mim calar	(Mãe) Conta-me já querida filha Que tal segredo vem ser Segredos para tua mãe Tu nunca devias ter Se for coisa que eu faça Tens-me aqui para te valer
(Filha) Eu não sei querida mãe Este calor o que é Dá-me às vezes agonias Não me posso ter em pé Custa-me viver assim Juro-lhe por minha fé	(Mãe) Vou dar-te um remédio Para ficares descansada É fresquinha e faz bem A quem anda esquentarada Banhos de erva molarinha Ficas toda consolada
(Filha) Eu já tomei muitos banhos Sem resultado algum tirar A moléstia é muito grave Não pode com isso sarar Eu já tenho as unhas rotas De tanto, tanto, coçar	(Mãe) Foi grande constipação Que apanhaste no bestelho Assim a coçá-lo à unha Já deve estar vermelho Mas isso depressa passa Se tomares meu conselho
(Filha) Venha daí o seu conselho Se acaso me agradar Para o pôr em prática Para o meu bestelho sarar Tal terrível comichão Eu não posso suportar	(Mãe) Vou dar-te uma receita Não julgues ser chalaça Hás-de pôr na barriga Um emplaste de linhaça A ver se te abranda a fêvera Não vejo mais que te faça
(Filha) Ó que grande disparate Linhaça não vale nada Eu estou certa que meu pai Põe-lhe outra emplastada Eu quero a mesma obra Para viver mais consolada	(Mãe) Eu sei a quem tu sais Assim tão desavergonhada Eu quando tinha a tua idade Não era tão arreitada Até tua avó dizia Que eu era bem criada
(Filha) Eu malcriada não sou Nem tola felizmente Até tenho a gabadinha	(Mãe) Pois vou falar com teu pai Para ver se isso pode ser Digo-lhe que queres casar

De ser em tudo prudente Mas também quero fazer Como faz a outra gente	Que andas num fogo arder Não vai ser pago por dinheiro Esse gosto que vais ter
(Filha) Arranje-me isso depressa Antes de Matosinhos Eu troco toda a riqueza Por abraços e beijinhos Eu estou mortinha por dar Para o céu alguns anjinhos	(Mãe) Julgas que é um regalinho Não sabes o que é sofrer Deixa-te estar solteirinha Coisa melhor não pode haver
(Filha) A mãe não fala verdade Posso-lhe isso afiançar Porque a vizinha viuviu E voltou-se a casar Se a vida não fosse boa Ela deixava-se estar	(Mãe) Observa o que te digo Não sejas descortês Algumas mulheres caem Primeira e segunda vez Quando elas são tolas Escorregam até às três
(Filha) Vossemecê não me convence Estou cheia de aflições Agora chegou o tempo O tempo das ilusões Choro, esgadanho-me toda Até faço borbulhões	(Mãe) Diabo da rapariga Anda tão entusiasmada Traz terrível comichão Quer por força ser casada Tu vais-te encher de filhos Vais ser uma desgraçada
(Filha) Eu daqui até os ter Tenho tempo de gozar Depois de os haver Também se hão-de criar É preciso que haja gente Pró mundo não acabar.” (Martins, 2001: 13)	

O segundo exemplo que transcrevo recria o mito da sogra má, uma “carraça” que “arrelia” o pobre genro, com quem vive. É um pequeno poema cómico cujos versos, apesar de longos, rimam entre si e são compostos por um vocabulário selecionado que contribui para a implantação do tom cómico em certas expressões como “faz banzé”, “não para mais de ralhar”, “chama-me estroina, perdido, desavergonhado”, “trinta mil diabruras” e “lá vem ela muito sorradeira”. Leiamos.

A sogra

Minha sogra é uma carraça, vive em minha companhia
Pois nem um só dia passa, que não me cause arrelia.
O que ela diz é que é, discute, eu arrelio,
Teima sempre, faz banzé e eu nem um pio.
Se ao teatro vou sozinho, para o espírito recriar
Isso então é um pratinho, não para mais de ralhar.
Chama-me estroina, perdido, desavergonhado, sem brio,
Faz-me trinta mil diabruras, e eu nem um pio.
Se chego de madrugada a casa, lá vem ela muito sorradeira
Chatear-me a cabeça dizendo: - minha filha não tinha vergonha
Para casar assim com um homem, mais valia ficar solteira. (Martins, 2001:13)

Também a D. Lindalva, de Alvaredo, recorda saudosa como eram os serões no seu tempo e conta duas histórias que se passaram numa dessas ocasiões.

A primeira, sobre um “velhote” com quem foi dançar num serão e que “perdeu a dentadura”, mostra como as faixas etárias confraternizavam e se encontravam juntas nestes momentos, sem que isso fosse um impedimento para o divertimento dos mais novos, que, aliás, sabiam muito bem, em particular as raparigas, que não poderiam estar nos serões à mercê dos rapazes que as queriam namorar, sem a presença de um adulto, normalmente um familiar chegado, como confirma Alice Araújo, de Roussas, em *Retalhos de Vidas* (2002:19), quando diz que para ir aos bailaricos, “o meu pai acompanhava-nos”.

A segunda refere a chegada ao serão de um grupo de rapazes que vinham acompanhados de “música, castanhas, figos e vinho” (ver vídeo 00009).

Estas deslocações eram uma prática frequente nas aldeias, já que passava de boca em boca o dia e o local onde seriam feitos os serões. Lembro-me de ouvir o meu pai contar que às vezes ia “namorar” ao serão a S. João de Sá, em Valadares, uma localidade vizinha, que já pertence ao concelho de Monção, a apenas alguns quilómetros, mas feitos a pé, de noite, por atalhos e caminhos sem luz.

Estes momentos estavam entre os mais frequentados pelas populações já que eram sinónimo de lazer e de divertimento, quer para os mais novos, pelo facto de poderem namorar e dançar, quer para os mais velhos, que confraternizavam com os amigos e os vizinhos, mas também proporcionavam encontros e possíveis “bons” pretendentes para o casamento dos seus filhos e filhas.

2. Os trabalhos no campo

Quanto aos duros trabalhos do campo, atividade que ocupava quase a totalidade da população, eram considerados também momentos de confraternização e proximidade ansiados por todos os membros da aldeia. Canta a D. Ilda da Conceição Xavier, de 79 anos, utente da Associação Castro Solidário a “alegria de trabalhar no campo”, mesmo que fosse pela necessidade de criar “os rapazinhos” (ver vídeos 00040 e 00041).

Incutia-se a necessidade do trabalho para sobreviver e contavam-se histórias, como diz a D. Maria Rosa, de 81 anos, utente da mesma Associação, “os antigos é que nos contavam estas coisas” (ver vídeo 00050), que transmitiam lições e incentivavam ao

trabalho. É o caso da famosa história da cigarra e da formiga, recontada pela mesma senhora no vídeo 00048.

Estes trabalhos incluíam, entre outras, as “espadeladas” e, para os mais abastados, as “ceadas”.

Ruth San Payo, na obra *Tempos Que Já Lá Vão*, descreve o que era uma espadelada, referindo que

numa determinada noite de luar, em agosto, juntavam-se as moças e mulheres da aldeia para a dita espadelada. Dispunham-se os cortiços em roda, numa eira. Cada espadeladeira trazia a sua espadela, sentava-se junto do cortiço e começava a espadelar. Numa mão segurava a estriça de linho, junto à boca do cortiço, com a outra brandia a espadela. O golpe seco do gume ia libertando as fibras. O som dos golpes parecia um batuque de ritmos desencontrados, no movimento dos braços e na toada das pancadas. Juntava-se-lhe o som da concertina ou do cavaquinho tangido pelos rapazes que vinham assistir à festa. (San Payo, 2000:159)

Também a D. Virgínia do Carmo Ferreira dedica a esta atividade e às “ceadas” alguns versos que a seguir transcrevo (ver vídeo 00014). Neles, vemos algumas semelhanças com a descrição de Ruth San Payo, como a referência ao mês de “agosto”, às “espadelas a bater”, aos “pretendentes” e à “alegria” das moças. A D. Virgínia faz questão, pela escolha de certos vocábulos, de nos transmitir a beleza e a felicidade do momento, pelo uso de expressões de sentido muito positivo, como “moças bem preparadas”, “um certo encanto”, “o espetáculo era romântico”, “eram muito belas”, “muita frescura”, “muito contentes”, sem esquecer de salientar a “simplicidade” da ocasião “porque luxo não havia” e “um pequeno divertimento / Já chegava para a alegrar”.

I
No mês de Agosto ao luar
Faziam-se as espadeladas
Numa eira do lugar
Com moças bem preparadas

II
As espadelas a bater no linho
Davam um certo encanto
Batiam todas tão certinho
Que o espetáculo era romântico

III
As raparigas eram muito belas
Mesmo sem usar pintura
Aquele sorriso delas
Dava-lhes muita frescura

IV
Vestiam-se com simplicidade
Porque luxo não havia
Não tinham sinais de vaidade
Mas tinham muita alegria

V
As moças ao serem convidadas
Ficavam muito contentes
Porque nessas espadeladas
Apareciam-lhe pretendentes

VI
Todas as que se juntavam
Eram de vários lugares
E quase todas namoravam
Pelo menos dois rapazes

VII
Havia rapazes que namoravam
Duas que estavam na espadelada
E se à beira de uma se sentavam
A outra sentia-se desfeitiada

IX
Mas algumas já contavam
E então iam preparadas
Um amigo convidavam
Para estarem acompanhadas

XI
Depois a festa continuava
Até ao romper do dia
Havia alguém que tocava
E toda a gente se divertia.

VIII
Depois sempre acontecia
Que havia alguma algazarra
A regeitada rapariga
Ficava muito envergonhada

X
As ceadas eram muito bonitas
Em lindas toalhas de linho
Brôa e sardinhas fritas
Acompanhadas de bom vinho

XII
A mocidade daquele tempo
Era boa de contentar
Um pequeno divertimento
Já chegava para a alegrar

Estes versos da D. Virgínia fazem uma referência particular à presença da música durante os trabalhos, “havia alguém que tocava / E toda a gente se divertia”. Motta (2015:91), num artigo com o tema “O papel da música nas atividades de trabalho”, depois de referir que “em todos os grupos humanos, em muitos tempos e lugares, a atividade musical [...] ocorre durante as atividades de trabalho de algum modo” e de mencionar alguns exemplos muito diferentes “como os cânticos marítimos dos Vikings, as Capinas de Roças de Minas Gerais, ou os cantos de trabalho dos africanos e afro-americanos escravizados nos Estados Unidos”, faz uma comparação muito interessante entre estes e “o uso de fones de ouvido em escritórios contemporâneos ou a música de imigrantes que frequentemente é ouvida nas cozinhas dos restaurantes ao redor do mundo, diferente da música que se ouve no ambiente das mesas”, comprovando que esta prática vem de longe, atravessou gerações e culturas e continua nos nossos dias.

Voltando a Melgaço, outros trabalhos como as “desfolhadas”, as “lavradas” e as “sachadas” ocupavam também o quotidiano das gentes melgacenses, que conciliavam a lavoura com o lazer como diz a D. Amélia Carpinteiro, de S. Paio,

“Deus venha com o tempo
Com o tempo que há-de vir
Com o tempo das desfolhadas
Para eu me divertir” (Martins, 2001:54)

Ou, mais uma vez, e com a presença das “cantigas” (estrofe VIII), como relata saudosamente a D. Virgínia do Carmo (ver vídeo 00015):

I
A nossa terra antigamente
Era muito povoada
E a maior parte da gente
Nos campos trabalhava

II
Em Maio e de madrugada
Iam os campos amanhar
Um homem com o arado lavrava
E uma junta de bois a puxar

III
Atraz deles andavam
Pessoas de enxada na mão
E a terra muito bem cavavam
Para depois semear o grão

V
Chamavam a este trabalho lavrada
E era feita com muita alegria
Havia uma cabaça que passava
E por ela toda a gente bebia

VII
Apareciam sempre crianças
Que vinham juntar-se aos pais
Eram lindas estas juntanças
E agora não vemos mais

IX
As desfolhadas eram lindas
Muitas vezes ao luar
Rapazes e raparigas
Aproveitavam para namorar

IV
Quando o trabalho começava
Havia um mata-bicho delecioso
Aguardente bem açucarada
E pão de milho muito gostoso

VI
No fim do trabalho almoçavam
Broa vinho e bacalhau frito
Comiam bebiam e conversavam
Era um convívio bonito

VIII
Depois vinham as sachadas
Quanta alegria nos campos
Ouviam-se cantigas e gargalhadas
Que eram os nossos encantos

X
Agora muita coisa mudou
Diminuiu a mocidade
Muita tradição acabou
E nós guardamos a saudade

Destas quadras que descrevem “estas juntanças”, é interessante destacar alguns aspetos que mostram como viviam as pessoas numa terra “antigamente [...] muito povoada”, onde “a maior parte da gente / Nos campos trabalhava” com muita “alegria” e “gargalhadas”, o que denota a felicidade dos envolvidos. A descrição destes momentos é enriquecida pela utilização de expressões caracterizadoras do meio rural e dos trabalhos realizados, como o “arado lavrava”, a “junta de bois a puxar”, e a “enxada na mão”, e da referência aos produtos da região para o “mata-bicho delecioso” como a famosa “aguardente”, o “pão de milho”, o “vinho” e o belo “bacalhau frito”, na altura, o alimento preferido dos pobres. A escolha dos adjetivos, de sentido muito positivo, como “gostoso”, “bonito” e “lindas”, bem como as expressões “agora não vemos mais”, “muita coisa mudou” e “nós guardamos a saudade” transmitem a nostalgia de um tempo que já passou e deixa saudades.

Uma atividade que ocupava também a população durante dois ou três dias para cada família eram as malhadas do centeio numa eira do lugar onde se juntavam vizinhos e amigos para se ajudarem uns aos outros. Estes encontros proporcionavam que fossem contadas histórias e cantadas cantigas que, infelizmente, não consegui recuperar. No entanto, lembro-me perfeitamente de muitas malhadas na eira da minha avó que no fim eram acompanhadas de vinho verde e bacalhau albardado. Encontrei uma descrição de

uma história engraçada que refere um episódio passado numa destas tardes. É contada por José Alfredo Cerdeira na obra *O Tomaz das Quingostas* (Cerdeira, 2007).

Numa malhada de centeio, em pleno estio, num dia de calor abrasador, num daqueles dias em que se suam as estopinhas, a patroa não se descosia a dar de beber ao pessoal, como era sua obrigação, vendo-se o caseiro na necessidade de lançar mão de uma astúcia.

- A senhora sabe como se chama a vaca que compramos, haverá uns três meses?
- Não faço a mínima ideia – replicou, indiferente.
- Chama-se Andúvia.
- Tem um nome engraçado!
- Teve uma cria, à qual pusemos o nome de Anduvinho.
- Bem pensado! – aplaudiu a patroa, muito a leste de onde ele queria chegar! – Foi buscar o nome à mãe.
- Não entendes patavina donde ele quer chegar! – intrometeu-se o marido, homem respeitado e conceituado entre o povo que, casualmente, assistia à malhada. – O que ele está a insinuar é que ande o vinho. Dá de beber aos homens que bem carenciados estão! (Cerdeira, 2007:40)

Aproveitavam-se então estas ocasiões para dizer alguns versos ou para cantar algumas cantigas, muitas vezes com a participação de várias pessoas que, à vez, iam enriquecendo o espólio e ajudando assim a passar o tempo e a esquecer a dureza do trabalho. O artigo “Traditional Work Songs” publicado na página em linha da Library of Congress refere que as “work songs are typically sung for two reasons: to coordinate the labor of a group of people working together, which improves the efficiency of the work, and to relieve the boredom of a tedious job, which improves the lives of the workers”(Henry, s/d), o que confirma a relevância do canto e da música para ajudar no trabalho, sobretudo quando, como já referi anteriormente esse trabalho era duro e difícil de realizar. No mesmo artigo, faz-se ainda uma advertência a um facto digno de nota. Mesmo quando esses trabalhos eram vigiados por alguém, um caseiro ou um outro responsável, este permitia muitas vezes que as letras incluíssem certas queixas e lamentos contra a situação dos trabalhadores, desde que o trabalho não parasse. Diz o mesmo artigo que, por exemplo, os “sailors were allowed to complain about working conditions only through the medium of their chanties – the songs were so important to keeping things moving that the officers tolerated a little grumbling in the lyrics.” (Henry, s/d)

Recolhi alguns exemplos, transmitidos oralmente, de algumas quadras da D. Rosa Esteves (quadras I a IV, em baixo), da D. Fernanda Rocha (quadra V, ver vídeo 00056) e

da D. Maria Cândida (quadra VI), todas a viverem em Penso, e que, segundo as próprias, costumavam cantar quando andavam no campo a trabalhar.

I
Ó que lindo chapéu preto
Naquela cabeça vai
Ó que lindo rapazinho
Para genro do meu pai.

II
Minha mãe é pobrezinha,
Não tem nada que me dar
Dá-me beijos, coitadinha
E depois põe-se a chorar...

III
Quem me dera ser o linho
Que vós na roca fiais
Quem me dera ter os beijos
Que vós na roca dais.

IV
Minha mãe casa-me cedo
Enquanto sou rapariga
O milho sachado tarde
Não dá palha nem dá espiga.

V
Não me ponha a mão na saia,
De longe diga o que quer,
Você não perde, que é homem,
Perco eu que sou mulher!

VI
Olhó velho, olhó velho,
Olhó o velho dos quintais,
Figos negros madurinhos
É do que ele gosta mais.

É interessante notar, na estrofe V, acima, dita pela D. Fernanda Rocha, a preocupação dada à proteção da honra feminina que, se perdida, punha em causa a fama da donzela, “você não perde, que é homem, perco eu que sou mulher!”. Conta-nos José Alfredo Cerdeira que

naquele tempo a honra lavava-se com sangue, sendo considerada uma coisa sagrada. Uma mulher que se prezasse somente se entregaria ao marido na noite de núpcias. Nenhuma família pactuaria com a desconsideração dos noivos manterem relações sexuais antes do matrimónio. Tratava-se de usos e costumes de que ninguém abdicava (Cerdeira, 2007: 91).

Também José Augusto Costa, de Chaviães, lembra esse pequeno pormenor e salienta o papel dos “moços” em manter essa honra:

Muito bem fica honra
Numa rapariga donzela
Muito bem nos fica a honra
Ó moços, fazei por ela! (Martins, 2001:9)

Talvez na tentativa de proteger esta “honra”, o casamento era tão ansiado e são frequentes as referências feitas a este fenómeno social que atraia tanto as raparigas, desde tenra idade, como referido anteriormente nos versos transmitidos pelas senhoras de Penso, “minha mãe casa-me cedo” (estrofe IV) e “ó que lindo rapazinho para genro do meu pai” (estrofe I).

Ruth San Payo, em *Tempos que Já Lá Vão* confirma esta realidade quando fala sobre as “castrejas”, as habitantes de Castro Laboreiro, dizendo que “era hábito casarem,

o mais tardar, antes de completarem dezasseis anos de idade. Se não arranjassem pretendente até então, eram consideradas ultrapassadas” (San Payo 2000:147). No entanto, é interessante fazer referência aos versos de Laurentina Domingues, de Paços, na obra *Retalhos de Vidas*, acima referenciada, que expressam a opinião de uma senhora já idosa que alerta as mais jovens moças apressadas em casar:

Raparigas do meu tempo
Todas da mesma idade
Não façais como eu fiz
Gozai-vos da mocidade
Apesar de eu ter sido feliz
Com o casamento. (Melgaço, 2002: 10)

Na realidade, embora desejado pela maioria das jovens, o casamento era, nesta altura, para a grande maioria, sinónimo de infelicidade, numa sociedade muito tradicional e marcadamente machista onde as mulheres serviam para ter filhos, tomar conta da casa e trabalhar no campo. Conta Carminda Lopes, de Paços, na mesma obra *Retalhos de Vidas*, na página 12, que teve “onze filhos, sete raparigas e quatro rapazes”, mas, confessa, “nunca fui feliz, o meu marido batia-me muito, bebia”. Também na mesma obra, Maria Leonor Pires, de Paderne, relata, na página 13, que ela e o seu marido eram “lavradores”, mas lamenta, “não fui feliz com o meu marido, pois este bebia muito e só casou comigo por interesse, por causa dos meus campos”. A vida das mulheres não era fácil, mesmo depois de saírem de casa dos pais e casarem, como lembra a D. Ilda da Conceição Xavier (ver vídeo 00045), tinham muitas vezes de ir trabalhar com as crianças ao colo, pois não tinham onde as deixar.

Outras ansiavam casar mesmo sabendo que corriam o risco de se tornarem “viúvas de vivos” (Costa, 2000:8), já que em diferentes épocas a região foi palco de saída de muitos homens que emigravam para o Brasil e, mais tarde, para França, “homens que emigram [...] chamados pelo dever instintivo de dar melhor pão aos seus deixando atrás de si as mulheres trajando luto no corpo e na alma” (Costa, 2000:8). Na obra acima referida, *Retalhos de Vidas* (Melgaço, 2002), lembra Laurentina Domingues, de Paços, na página 9, que não só o seu “pai foi para o Brasil e nunca mais voltou”, como já depois de casada, o seu marido “emigrou, foi trabalhar para França. Esteve lá trinta anos, eu e os meus filhos ficamos cá” e também, na página 16, Júlia Fernandes, de Cristóval recorda que o seu “pai nunca quis saber de nós, foi para o Brasil”. Estes comentários reproduzem a realidade vivida por várias gerações da sociedade melgacense, muito atraída pela emigração.

Justino Fernandes, nascido em Penso e emigrante no Brasil, conta também na sua obra *Variedades*,

Nasci na casa de pedra,
Mais tarde fui viajar,
Casa de pedra me espera,
No dia que eu voltar.

Desde os tempos de criança,
Pensava em viajar,
Quem espera sempre alcança,
O que Deus promete dar.

Eu viajei pelo mar,
Num navio bem velhinho,
Bem longe fui trabalhar,
Deixando as terras do Minho. (Fernandes, 1983:11)

Muitas destas composições incluíam referências a ditados e provérbios refletindo a sabedoria e a experiência populares, como se verifica no terceiro verso da segunda estrofe escrita pelo senhor Justino, “quem espera sempre alcança”, e nos versos três e quatro da estrofe IV, lembrada pela D. Rosa Esteves, “o milho sachado tarde não dá palha nem dá espiga”.

No conjunto de versos abaixo transcritos e que me foram transmitidos pela D. Maria Castro (ver Anexo III, PDFs 1731, 1734, 1735 e 1737), de Sante, Paderne, também lemos que “galinhas que não têm unhas não podem esgravatar” (estrofe I), que “o dinheiro mal ganhado, água o deu, água o levou” (estrofe IX), e que “uma amiga tem amiga, outra amiga, amiga tem” (estrofe XIII), (ver vídeo 00059).

I
Mariquinhas do cu torto
Só me falas em casar
Galinhas que não têm unhas
Não podem esgravatar.

III
Se fores domingo à missa
Poente em sítio que te eu veja
Não faças andar meus olhos
De leilão pela igreja.

V
Ó amor da minha vida
Para ti quanto tenho te darei
Darei te a vista dos olhos
Eu sem ela ficarei.

VII
Eu amor vem te amava
Se tu fosses para mim

II
Ó rapaz que vais a frente
Volta atrás e vem me ver
Quem tu és já eu foi
E quem eu sou tu as de ser.

IV
Minha maçã vermelhinha
Vermelhinha da macieira
Vermelhinha de casada
Que faria de sulteira

VI
Ó Senhora da Peneda
No teu terreiro te digo
Não venho aqui outro ano
Sem vir meu amor comigo.

VIII
Algum tempo era eu
Amor do teu coração

Amar outra e não a mim
São penas que não têm fim.

IX
A cantar ganhei dinheiro,
A cantar se acabou
O dinheiro mal ganhado
Água o deu, água o levou.

XI
Anda comigo meu amor
Para Roussas da Gavieira
Comerás do que eu comer
Dormirás a minha beira.

XIII
Menina tu não contes
Teus segredos a ninguém
Uma amiga tem amiga
Outra amiga, amiga tem.

XV
O alecrim é desterro
Eu não o quero na horta
Bem desterrado tu andas
Meu amor da minha porta.

XVII
Linda terra, linda terra
Ó terra onde eu nasci
Agora estou tão desviada
Ó terra que não te esqueci.

Agora sou bassourinha
Com que tu barres o chão.

X
Senta-te aqui meu amor
Tu numa pedra e eu noutra
Aqui choraremos ambos
A nossa furtuna é pouca.

XII
Eu cantar, cantava bem
Lá na minha mocidade
Agora quero e não posso
Tudo recrer a idade

XIV
A Senhora da Peneda
Tem um tiare que não teçe
Ou ela anda de amores
Ou o tiare lhe aborrece.

XVI
Tudo que é verde se seca
Lá no meio desse verão
Tudo torna a emberdeçar
Só a mocidade é que não.

Ainda nestes versos, é notória a referência a duas realidades diferentes que se complementam e aparecem muitas vezes associadas. São elas o namoro e o casamento e a devoção à “Senhora da Peneda”, a quem, frequentemente, era dada a responsabilidade de encontrar noivo para casar. Vemos a importância do namoro e do casamento, já anteriormente abordada, nas expressões “Ó rapaz que vais à frente / Volta atrás e vem me ver”, “Põe-te em sítio que eu te veja”, “Que faria de sulteira”, “Ó amor da minha vida”, “Senta-te aqui meu amor”, “Anda comigo, meu amor” e “Bem desterrado tu andas / Meu amor da minha porta”.

Antes de passar à frente, transcrevo ainda três quadras de Justino Fernandes, o já acima referido melgacense emigrado no Brasil, que, na sua obra *Variedades*, recorda também essas ocasiões que se mantinham na sua “lembrança de Portugal”,

[...]
Fazem trabalhos cantando,
Falando, brincando a rir,
Umas com outras falando,
Gostei muito de as ouvir.

Levam a vida cantando,
Na lavoura a trabalhar,
Assim nunca estão pensando,
Na falta que dá o azar.

Estão sempre pensando,
Nos moços bem bonitinhos,
Passeando pelos campos,
Namorando nos caminhos. (Fernandes, 1983: 20)

Gostava, neste momento, de falar de uma atividade que, embora não sendo realizada no campo, era daí resultante. Falo de fazer o pão, ou melhor dizendo, a broa. O milho e o centeio eram semeados e deles se fazia o pão para a família, depois de se levar o cereal ao moinho da aldeia onde ficava de um dia para o outro a moer. Era uma broa escura, densa e muito saborosa que durava para cerca de uma semana e que para além de acompanhar o caldo, era muitas vezes a côdea o que se levava para o campo para acompanhar a “malga” de vinho. Ora, o cozimento desta iguaria era acompanhado de dois rituais dignos de nota.

Um deles é lembrado pela D. Cândida Esteves, de 85 anos, uma lisboeta que casou com um melgacense e que passou a frequentar a terra nas férias. Vive atualmente na freguesia de Penso. Conta então a D. Cândida o seu espanto quando viu que, depois de meter o pão ao forno, a sua sogra fechou a porta e à volta colocou, para vedar, “bosta de vaca” (ver vídeo 00054). Este processo poderá chocar alguns, mas garanto por experiência própria que nenhum odor ou sabor passava para a deliciosa broa, que, quando estava mais rijá, no final da semana, era aproveitada para fazer “sopas de vinho”. A minha avó colocava num prato pedaços de broa com um pouco de açúcar e regava com o seu vinho verde tinto caseiro. Tapava e deixava em cima da mesa para ir tirando um pouco cada vez que entrava e saía de casa. “Dava força e era bom para o frio”, dizia ela. A verdade é que os netos também achavam isso e, enquanto um ficava a ver se a avó já vinha de dar de comer às galinhas, os outros iam, à vez, roubar um pedacinho de pão doce com vinho!

Claro que a D. Cândida não era a única que achava estranha a prática de vedar o forno com bosta. A D. Maria, de Sante, conta-me como duas raparigas da terra, no dia de cozer o pão, sabiam que os seus namorados vinham visitá-las e, para não colocarem a dita “bosta” na porta do forno, com vergonha e receio que eles vissem, colocaram massa de pão crua. Como resultado, estragaram a fornada! E, o mais engraçado é que, no final da história, os rapazes ficaram admirados de as moças taparem a porta do forno com massa do pão, quando eles, na sua aldeia usavam, imagine-se, “bosta”! (ver vídeo 00016).

Um outro ritual associado ao cozimento da broa é contado pela D. Fernanda, de Paradela, lugar da freguesia de Penso, que “colocavam-se as brasas de ter aquecido o forno na pá à porta do forno, com a mão fazia-se no ar uma cruz e dizia-se:

Cresça o pão no forno
E a graça de Deus pelo mundo todo.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria,
Um padre-nosso e uma Ave-Maria.” (ver vídeo 00057)

É interessante notar a simplicidade e a bondade implícitas nesta pequena quadra, que deseja o pão para si e para o “mundo todo”, o que traduz o caráter das pessoas e a sua vontade de partilha do bem.

Nos campos da aldeia, era semeado e cultivado o milho, o principal ingrediente para elaboração da broa, base da alimentação da família. Assim, funcionavam moinhos públicos movidos a água, onde era preciso deixar o grão a moer de um dia para o outro, quando era a vez de cada família. A D. Ilda da Associação Castro Solidário lembra uma quadra dedicada ao moinho. (ver vídeo 00044)

Adeus moinho, adeus
Um adeus me custa a vida
Porque tu móis a farinha
Para eu fazer a comida.

Durante a minha pesquisa, encontrei um trabalho feito pelos alunos da Escola EB 2, 3 de Melgaço e publicado em linha no sítio da Associação Ponte... Nas Ondas¹ que me foi sugerido pelo senhor Gerardo, uma das pessoas responsáveis pelo projeto que visa aproximar os dois lados da fronteira. Neste trabalho, os alunos apresentam alguns exemplares que recolheram, um dos quais sobre a cozedura do pão e que acho interessante incluir e destacar a semelhança dos costumes, provavelmente mantida pela proximidade. Em particular, a referência ao número “três”, à “maseira” e à “artesa”, à prevalência do *bem* sobre o *mal*, “bem converta os maus feitores” e “muere el mal” e às entidades religiosas “Deus”, a “Virgem Maria” e “Cristo”.

Oração do pão
Quando lhe custa a levedar
Põe-se de costas para a maseira e
dá-lhe com o cú, dizendo:
- Esperta, se dormes (3 vezes)
Quando já está no forno,
antes de fechar a porta,

Ó pan
En Sanxenxo, desque que se mete
no forno a massa do pan, ispese
ó neno enfermo e métese na artesa,
levantando e baixando a tupa três o
nove veces, e dicindo ó
mesmo tempo:

¹ Acessível em <http://patrimoniodefuturo.webs.uvigo.es/eb-23-de-melgaco-melgaco-identidade-e-territorio/>

Com um punhado de farinha,
e em cruz por cima, diz-se:
Vivam os lavradores,
Bem converta os maus feitores,
Que saia bem temperado,
Nem insonso, nem salgado.
Pela graça de Deua e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso e uma Avé Maria

Antes de este mal ser visto
Nació Cristo;
Muere el mal
Viva Cristo

Antes de terminar esta parte, parece-me bastante apropriado transcrever algumas quadras populares de autor desconhecido, recolhidas pela equipa do Melgaço Solidário, em outubro de 2002, e inscritas na obra *Retalhos de Vidas*, já que pelo facto de descreverem, na página 41, o “Ciclo de milho”, traduzem a quantidade de informação e ensino que era transmitido de geração em geração por observação direta, mas também por via oral. Além disso, servirão de introdução para uma lenda e uma história com elas relacionadas. Intitula-se a composição “Ciclo do milho”.

Eu sou o milho
Semeado nos campos
Sachado e regado
E depois desfolhado.

É semeado e cuidado
Com todo o nosso esforço
E transformado em pão
Para sustento do nosso corpo

A farinha sai do milho
Da farinha faz-se o pão
Com o suor do nosso rosto
Trabalhado por nossas mãos.

A seguir vai para o moinho
Para lá ser esmagado
Transformado em farinha
Com todo o nosso cuidado

Depois vai ser amassado
Amassado com carinho
Com todo o nosso esforço
Para ficar gostozinho

A seguir vai para o forno
Transformado já em pão
Vamos para as nossas mesas
Saborear nosso pão

O pão fresco e quentinho
O que saúde nos dá
É o pão de outros tempos
Que agora já não há

O pão tão bom que comíamos
Feito pelas nossas mãos
A água das nossas fontes

A lenha dos nossos pinhais. (Melgaço, 2002:41)

Este concelho de Melgaço, rico em “campos”, “pinhais”, florestas e matas, originava um modo de vida especial, completamente virado para a agricultura com as suas tarefas e rituais que era preciso aprender a conhecer para sobreviver.

Muitas vezes, esta proximidade com a natureza proporcionava também às pessoas um “convívio” com os animais que viviam à volta da aldeia e dos quais a população tinha de se proteger. No entanto, e o que é de interesse para este trabalho, são as histórias que se criaram a este propósito na tentativa de valorizar o homem perante o animal e, através do exemplo, dar coragem aos outros.

Transcrevo uma lenda publicada por Valter Alves no seu blogue “Melgaço, entre o Minho e a Serra” e que foi extraída da obra de Álvaro Campelo, *Lendas do Vale do Minho* (2002). Passa-se “no tempo em que de noite não havia luz em lado nenhum, os lobos vinham com frequência visitar as casas” e, “nas noites escuras de Inverno, quando certos barulhos circundavam as casas, todos se arrepiavam, pensando no lobo esfomeado. As histórias de pessoas e rebanhos devorados pelos lobos ouviam-se com frequência junto à lareira.” (Campelo, 2002:89) Conta então a lenda o que aconteceu com o “tio Agostinho” que:

tinha ido a Castro Laboreiro com o seu carro de bois. Ganhava a vida carregando feno, vinho ou lenha dos montes. Camiões e camionetas era coisa que não existia. Nesse dia carregara o carro com uma pipa de vinho para Laboreiro e, no regresso, para aproveitar o frete, trazia um carro de feno, abundante lá por Castro Laboreiro. Já que tinha de fazer o caminho, assim ganhava duas vezes, ocupando sempre o carro.

Quando regressou, como a viagem era longa e o caminho difícil para a segurança da carga, já fazia noite. Vinha sozinho com os bois entrepostos pela ladeira a baixo, com um aguilhão pr’a picar o gado. No meio da escuridão, o gado parecia conhecer melhor o caminho do que tio Agostinho, que ora seguia à frente dos animais, ora se colocava ao lado, conforme os locais e a disposição.

Havia passado Lamas de Mouro e estava perto de Cubalhão, num sítio a que chamam «as Grandes Botas de Cubalhão». Num raio de 4 ou 5 Km não se vê viva alma ou casa habitada. Ali não existe nada! As pessoas diziam que aquelas «botas» eram muito medrosas por ali ter sucedido há muito tempo acontecimentos estranhos com lobos. Conta-se que ali, numa encruzilhada, aparecia um lobo que comia as pessoas. Todo o que por aquele local passava, a uma certa hora, era comida! É verdade que alguns diziam terem visto no dito lugar botas, bocados de pés... Acontece que uma vez um homem muito valente, quando soube que tinha aparecido mais umas botas e pernas disse:

“-Eu vou desafiar o lobo! Vou matar esse lobo maldito!” Ninguém queria acreditar no que estava a ouvir. Os outros homens bem tentaram dizer-lhe que o que pretendia era uma loucura, e que iria morrer, como os outros; que ele sozinho não conseguia matar o lobo. Mas ele fez ouvidos de mercador e, depois de se apanhar com uma boa caneca de vinho, foi para a encruzilhada esperar o lobo, levando consigo um valente pau com que estava habituado a lutar nas festas e nas feiras da região.

A dado momento apareceu o lobo. Assim que o viu, o homem levantou o pau, em posição de espera, ora rodando à direita, ora à esquerda, na tentativa de não ser surpreendido pelo lobo. O lobo foi-se aproximando, confiante, mas sem grande entusiasmo,

como querendo estudar os golpes do seu adversário. O homem bem tentava «botar-lhe» o pau, mas o lobo, de tão manhoso e inteligente, apanhava o pau ao homem com o rabo! O pobre do homem por mais ágil que fosse, não conseguia acertar nem na cabeça nem no corpo do lobo, porque este desviava sempre o pau com o rabo. Durante a noite o homem foi lutando sempre, na expectativa de acertar na cabeça, mas sem sucesso. Começava a ficar cansado e a baixar cada vez mais o vara. Parecia que o lobo sabia o que estava a fazer: levar o pobre do homem a tal fadiga que, não conseguindo depois defender-se, o poderia comer a seu belo prazer.

Na aldeia a espera já angustiava os mais hesitantes. Então, um dos amigos, foi atrás dele: -“Esse desgraçado vai-se fazer comer! Deixa-me ir acudi-lo”. Pegou num outro pau e lá foi, não sem antes deixar de levar consigo lume, para assustar o lobo. Quando chegou junto do amigo, estava ele ainda a lutar com o lobo, e o lobo a deitar-lhe o rabo... Resolveu atacar o lobo pelo outro lado, a ver se lhe acertava na cabeça, pois ele não se podia defender dos dois ao mesmo tempo. Desta forma conseguiram dominar o lobo e matar a fera que a todos assustava.

Estava o tio Agostinho a pensar nesta luta, quando viu aproximar-se dele um grande cão, que logo viu ser um lobo! Perante tal visão, sentiu um arrepio pelo corpo todo. Segurou com força o aguilhão do gado, e colocou-se na frente dos bois, sem nunca tirar os olhos daquele animal que não deixava, agora, de o seguir. Durante 2 km o lobo acompanhou-o, sem mostrar qualquer receio, nem esboçar qualquer ar de ferocidade. Não teria ele fome? Estaria ele ali só para lhe lembrar que aquele era o seu território, exigindo o respeito que lhe era devido? A resposta era difícil de encontrar, mas o certo é que, já perto de Cubalhão, às primeiras casas, o latir dos cães ao barulhos dos rodados do carro fez parar o lobo. Tio Agostinho sentiu que o sangue voltava, na certeza de que dali para baixo já não era terra de lobos. (Campelo, 2002: p.89-91)

Pegando na referência ao “pau com que estava habituado a lutar nas festas e nas feiras da região”, incluo um comentário feito pelo senhor Evaristo Esteves e que reforça a ideia deste hábito por parte dos rapazes e homens nas aldeias que aprendiam dos mais velhos a arte da defesa pessoal com um pau. Conta o senhor Evaristo que era o “Senhor Professor Velho da Bastida” que “no recreio ensinava aos rapazes o jogo do pau que era para um dia mais tarde se defenderem de uma agressão” (ver vídeo 00067). Tendo em conta que isto aconteceu há mais de um século, por volta de “1912”, considera o senhor Evaristo que este “Senhor Professor” foi um exemplo de alguém que nasceu “à frente do tempo”. Hoje, ensinamos artes marciais aos nossos filhos e “netos” e naquele tempo era este o jogo de defesa ensinado.

3. As romarias, os bailes e a feira

As romarias, normalmente acompanhadas por músicos ou pequenas bandas de música, “em ritmo solene e respeitador” (San Payo, 2000:157) e realizadas no dia do santo padroeiro local, eram momentos lúdicos nas aldeias de todo o concelho, ansiados pela juventude da época que tudo faziam para não os perder. Também “eram pretexto para namoros” (Vasconcelos, 2007:188) e os bailes ou bailaricos, esperados “momentos de lazer”, como conta Júlia Fernandes, de Cristóval, em *Retalhos de Vidas*, na página 7,

“Depois de um longo dia de trabalho, íamos aos bailaricos para dançarmos, conversarmos e namorarmos”.

Conta Alice Araújo, de Roussas, na mesma obra, na página 19, que “nessa altura, eu e a minha irmã mais velha fugíamos de casa e lá íamos para os bailaricos” ou, noutras ocasiões, “o meu pai acompanhava-nos, mas isso só acontecia nos bailes de Carnaval e regressávamos a casa no melhor da festa, ou seja, à meia-noite”.

O senhor Germano Alves, de 74 anos, de Castro Laboreiro, utente da Associação Castro Solidário, repete saudosamente um verso que lhe vem à memória, quando se fala das romarias.

São Bento do Cando
Por cima da Gavieira
Prepara a romaria
Para a mocidade solteira. (ver vídeo 00034)

Francisco Igrejas, na sua obra *Poesia Popular*, transcreve uma dessas ocasiões onde transparece um tom contagiante de alegria e entusiasmo, através do uso dos verbos no modo imperativo, “bailai, mostrai” e da referência atrevida, mas contida às “meias”, às “ligas” e às “pernas” das raparigas e até ao eventual “falatório”, tão comum nestes meios pequenos, onde todos se conhecem e comentam sobre a vida alheia. O comportamento excessivo ou desrespeitoso de uma rapariga, mais do que de um rapaz, seria motivo para tornar conhecido esse “segredo”, que rapidamente se espalharia pela freguesia. Também se destaca no poema a referência à padroeira da terra, “Bárbara Santa” e os habituais conselhos e prudência, “olha-me a vida de frente”, sempre acompanhados do lembrete da recompensa para todos que os seguissem, “tens a vida inteira para rir e amar”:

Bailai Bailai raparigas
Ai, fazei da saia balão
Mostrai as meias e as ligas,
Ai, e as pernas que lindas são

E não tenhais medo
Que haja falatório, Bis
Sobre este segredo
Cá em S. Gregório.

Bailai Bailai raparigas
Ai, rapazes bailai também
Mostrai com vossas cantigas
Ai, o gosto que a vida tem.

E Bárbara Santa
Vossa padroeira Bis

Junto com vós canta.
Pela vida inteira.

Baila rapaz e contente,
Ai, bate com força o tacão,
Olha-me a vida de frente
Ai, pois tens o mundo na mão.

E desta maneira
Junto com teu par, Bis
Tens a vida inteira
Para rir e amar (Igrejas: 1989)

Também a senhora D. Virgínia do Carmo me conta

Quando íamos às romarias	Levávamos um farnel
Não havia carros era a caminhar	E uma cabaça com vinho
Muitos rapazes e raparigas	E aguardente com mel
Todo o caminho a cantar	Para bebermos pelo caminho

Havia alguém que acompanhava	Quando à romaria chegávamos
Pelo caminho e sempre a tocar	Aí era farra completa
Às vezes o grupo parava	No terreiro a dançarmos
E divertia-se a dançar	Até ao final da festa

Estas quadras transmitem o prazer que era dado a estas caminhadas em grupo, com “muitos rapazes e raparigas”, sempre a “cantar” e a “dançar”, mas também nos levam a questionar o verdadeiro motivo da romaria. Seria a fé e a devoção pelo santo padroeiro, ou, como descreve José Cerdeira em *O Tomaz das Quingostas*, “também havia, diga-se em abono da verdade, muita gente que se deslocava às romarias pelo prazer do passeio e pela abastança da merenda” (Cerdeira, 2007:203)? Seja qual for a resposta, ela não se enquadra no âmbito deste trabalho. Fica a sugestão.

Quer as quadras da D. Virgínia do Carmo, quer o texto de José Cerdeira mostram como se vão perdendo certas tradições, já que, como continua este último, “esta tradição perdeu-se com o aparecimento do automóvel e com a sua divulgação. Actualmente, salvo raras exceções, ninguém se desloca a pé e, muito menos, carrega com o açafate da merenda” (Cerdeira, 2007:203).

Também Rocha (1993) confirma que

são hoje raras as longas e penosas caminhadas a pé, pelos montes, em demandas dos santuários. [...] a romaria foi perdendo o selvático pitoresco de outrora, com abaladas noturnas pelo deserto pedregoso e carrasquento, espreitadelas de lobos, dormidas ao relento e colações improvisadas à beira dos regatos (Rocha, 1993: 372-373)

O senhor Evaristo Esteves, de 83 anos, conta-me também como estas ocasiões de longas caminhadas proporcionavam cantares ao desafio, ou à “súcia”, quer por amadores, quer por profissionais, os conhecidos cantadores e as cantadeiras que aproveitavam para ganhar a vida e para mostrar os seus dotes, proporcionando às populações momentos

lúdicos. Por vezes, na opinião de alguns, as letras não se enquadravam na religiosidade própria do momento, como podemos notar no seguinte exemplo, cuja linguagem mostra falta de delicadeza e chega a ser, para além de cómica e satírica, imoral, tendo em conta o local “sagrado” onde se contextualizava.

Há uma referência, por parte do cantador, à “vaca” e ao facto de “ver se andas saída” numa tentativa de ir ao encontro das palavras da cantadeira, o que mostra uma grande subtilidade e ousadia na qual está subjacente um segundo sentido, por todos compreendido.

Cantadeira:	Cantador:
Ai, Jesus quem me acode,	Eu venho de muito longe
No meio deste terreiro,	Com as agruras da minha vida
Anda aí um toiro bravo	Se eu sou toiro, tu és vaca
Mandem vir o carniceiro	E venho ver se andas saída. (ver vídeo 00067)

Ainda nesta linha do cómico, incluo uma das quadras que mais me transmitiu prazer quando me foi dita por uma das utentes do centro Dona Paterna, em Paderne, Melgaço. Não consegui apurar em que contexto era dita, mas a alegria contagiante da senhora faz transparecer o que lhe vem à memória, seja por recordar esses momentos lúdicos que fizeram parte da sua vida, seja pela malandrice subjacente aos seus versos que lhe provocam risos verdadeiramente genuínos. (ver vídeo 00030)

Eu vou por aqui p'ra baixo,
A tocar no cavaquinho,
Deixei a mulher na cama,
A arranhar o passarinho.

Não posso terminar esta parte sem incluir uma referência a um evento muito importante para a sociedade melgacense que era a feira semanal. Momento desejado por todos para comprar, vender e confraternizar, como lemos no portal da vila,

As feiras foram uma das mais importantes instituições do período medieval em Portugal e constituíram-se num espaço de encontro de produtores, consumidores e distribuidores, realizando-se em datas e locais fixados. A sua importância económica é inquestionável, testemunhando-o a proteção dispensada às mesmas pelos sucessivos monarcas, que concediam privilégios, na vinda e na ida, aos mercadores que a elas concorressem. No território português, a feira mais antiga que se conhece é a de Ponte de Lima, instituída em 1125, seguida, ainda no século XII, pelas feiras de Melgaço [...]. (Melgaço, s/d)

Este evento quebrava a rotina diária dos trabalhos no campo e dava também a oportunidade a uma prática tão simples que nós, cidadãos do século XXI, provavelmente, nunca imaginámos e que se prendia com o privilégio de poder usar

sapatos novos, em vez dos velhos ou até dos “socos” de madeira feitos por encomenda ao sapateiro ou melhor, ao “soqueiro” ou “tamanqueiro” (San Payo, 2000:113) da aldeia.

Para sachar e cavar, abrir poças e minas, conduzir a água para as sementeiras, ou ir ao encontro da levada vinda do monte, não havia nada melhor que uns socos e tamancos tradicionais (San Payo, 2000:113).

Uma destas idas à feira é descrita por Ruth San Payo em *Tempos que Já Lá Vão*, na página 133, quando conta que quando “era adolescente” ia com a sua “tia Adelaide à feira de Melgaço”. Este percurso de “uns cinco quilómetros, desde S. Paio” era feito a pé, “pela encosta, por caminhos e veredas lamacentas”, que obviamente sujavam o calçado. Então, para não entrar na vila com “o calçado enlameado”, “traziam-se os sapatos finos num saco, trocavam-se pelos velhos e sujos e entrava-se na estrada asfaltada com aspeto prazenteiro” [...] Só quem se prezava de ser alguém tinha calçado mais fino para ir às obrigações dominicais ou à vila, à feira”. Lembra também a D. Teresa Rodrigues, de Rouças, na página 20 da obra *Retalhos de Vidas*, publicada pela Câmara Municipal de Melgaço, que “para as festas levávamos os sapatos num saco plástico e só os calcávamos quando chegávamos lá, pois tínhamos que poupar”.

Conta também o senhor Evaristo Esteves que, “quando a feira de Melgaço ainda era ao sábado”, as raparigas que só tinham “tamancos de coiro e sola de pau”, para poderem impressionar os seus “conversados” na feira, “deixavam no muro da estrada os tamancos e entravam na feira de sapatinhos”. Também a maioria dos rapazes usava estes “tamancos” ou “socos” e, diz o senhor Evaristo que havia alguns que “só calçavam botas quando iam para a tropa” (ver vídeo 00067).

Também a D. Lindalva, de Alvaredo, me contou uma história engraçada sobre uma senhora que ia para o santuário da Senhora da Peneda, mas ia “descalça”, levando “os sapatos num cesto com a ponta de fora”, não fossem as pessoas pensar que ela não tinha sapatos. Acontece que, quem a via, até poderia pensar que ia “fazer uma promessa”, mas, na realidade, ela não usava os sapatos “para os poupar”! (ver vídeo 0006)

As pessoas davam muito valor ao pouco que tinham porque não havia como nem onde comprar. Lembro-me de, em miúda, ouvir as minhas tias ralharem com os meus primos quando vestiam alguma roupa ou usavam algum calçado que “não era para usar a cotio”. Eu achava aquilo estranho e não percebia o motivo pelo qual havia roupas e calçado que não se podia usar senão aos domingos. Com o tempo, percebi que a roupa

que se usava para levar à missa ao domingo era diferente da que se vestia para trabalhar no campo e que até mesmo as crianças tinham de perceber isso, já que participavam em praticamente todas as tarefas da aldeia, fosse na apanha de comida para o gado, na rega dos campos, na ida ao moinho ou até “ir levar a vaca ao boi”, numa aldeia vizinha.

4. As crianças

O dia-a-dia de uma criança melgacense era muito diferente e era passado entre os trabalhos no campo com os pais e as brincadeiras com as outras crianças da aldeia. Muito poucas iam à escola e, as que tinham essa sorte, frequentavam apenas os três ou quatro anos da instrução primária para aprender a ler e a escrever. Conta o senhor Evaristo (ver vídeo 00067) como “raro era aquele que chegava à terceira ou à quarta classe” porque quando já “sabiam juntar as letras”, os pais diziam-lhes “vais é trabalhar para o campo”.

As meninas eram as mais prejudicadas no que diz respeito a poderem ir à escola. Continua a contar o senhor Evaristo que “antigamente, as raparigas nem aprendiam a ler, as minhas tias não sabiam ler, as minhas avós não sabiam ler”. Também a D. Carminda Lopes, de Paços, na obra *Retalhos de Vidas*, acima referida, na página 12, confessa que “nunca frequentei a escola”, conta ela, “pois a minha mãe dizia que as mulheres não precisavam de frequentar a escola”. Outras havia que começavam a frequentar a escola, mas desistiam, visto que era comum e muito bem aceite que o professor exercesse a sua autoridade até mesmo recorrendo à força. Conta na mesma obra, na página 23, a D. Maria Alves de Cristóval que na escola “assustavam-nos, davam-nos muita coça, levei muitas reguadas, levávamos com canas da Índia pela cabeça abaixo”.

A D. Virgínia do Carmo descreve uma situação semelhante.

Os professores nesse tempo
Com dureza castigavam
As crianças com tanto sofrimento
A escola abandonavam

Alguns pais não se importavam
Que os filhos não fossem aprender
Ficavam em casa e trabalhavam
Para os ajudar a viver.

As raparigas já faziam o comer
Os rapazes o gado guardavam
Quando viam os colegas a ler
Com tanto desgosto choravam.

Quando as moças namoravam
E aos namorados queriam escrever
O desgosto que elas passavam
Por não o poder fazer.

Também a D. Palmira Aires, de Roussas, diz que

Aos seis anos comecei
A minha escola primária
Aos nove anos saí
O trabalho me esperava

Comecei a trabalhar

Todos os trabalhos fazia
Para ganhar o sustento
E o pão de cada dia

No campo eu trabalhava
Em casa e tudo mais
Ajudava os meus pais
Nas tarefas semanais (Melgaço, 2002:35)

Assim, dedicavam-se as meninas principalmente às lides da casa, aprendendo a cozinhar, a coser, a bordar e a fiar, enquanto os rapazes partiam para o campo com os pais ou andavam com o gado a pastar. A proximidade com a fronteira também levou muitos a participarem cedo no contrabando, servindo de transporte de produtos e animais que criavam em casa para trocar por outros que vinham de Espanha.

Sempre que tinham hipótese, brincavam com as outras crianças da aldeia. Conta-me a D. Virgínia do Carmo como era ser criança no seu tempo.

Aquilo que aqui vou escrever
Foi muito daquilo que vi
Se alguém um dia ler,
Pode crer que não menti.

Quando eu era criança,
A outras me ia juntar
E a nossa juntança
Era numa eira do lugar.

Aí é que nós brincávamos,
Andávamos às escondidas
A cabra cega jogávamos
Correndo as apalpadelas.

Depois havia um velhinho
Que a nossa beira se sentava
Nós chamávamos-lhe avosinho
E ele histórias nos contava.

Ali a volta do idoso
Todos com muita atenção
Estava tudo silencioso
Era a nossa televisão.

As raparigas também se entertinham
Com uns brinquedos baratos
Que elas próprias faziam
Um bonecas de trapos.

As roupas iam fazendo
Para as bonecas uzarem
E assim iam aprendendo
A pegar na agulha e a costurarem.

Os rapazes também faziam
Um bonecas para jogar
Alguns trapos nas meias metiam
E lá andavam a pontapear.

Havia alguns que faziam
Muito geitosos peões
Aos colegas os vendiam
Por uns simples tostões.

A barça para o pião andar
Faziam-a com geitinho
Às mães tinham de tirar
Uns fiosinhos de linho

Os mais espertos sabiam fazer
Um bonecas de madeira
Mas quando queriam correr
Procuravam uma ladeira.

As ladeiras às vezes tinham
Uns muros que as seguravam
Os condutores não os viam
E na vez de correrem, voavam.

Era engraçado de ver
E dava vontade de rir
O que para baixo ia a correr
Puxava a mota para subir.

Mas só as podiam executar
Aos domingos e dias santos
Na semana tinham que trabalhar
Guardar o gado e cavar nos campos.

Ler estas quadras faz-nos pensar no provérbio popular que diz que *A necessidade aguça o engenho*. Aqui vemos como a falta de recursos não era motivo para as crianças

não se divertirem e se “entreterem”, mesmo sem “televisão”. Jogavam “às escondidelas” e à cabra cega”. As meninas faziam “bonecas de trapos” e as “roupas” para “as bonecas uzarem” e os meninos faziam “bolas de trapos” com as meias, “geitosos peões” e “umas motas de madeira”. Com estas atividades, iniciavam-se as crianças nas tarefas que fariam parte do seu quotidiano mais tarde e aguçavam-se os dotes e as habilidades. Muitas das meninas casar-se-iam e teriam de saber coser, “pegar na agulha e costurarem” e os meninos, os que tivessem mais jeito, poderiam tornar-se aprendizes de carpinteiro, ou até exercerem outra profissão já atrás referida, a de “soqueiro” ou “mestres” do calçado. Estes artífices tinham de conhecer bem a madeira com que trabalhavam e “escolhiam a peça de madeira de vidoeiro, loureiro, bétula ou amieiro; traçavam a linha da curvatura do pé e esculpam a peça” de modo a conseguir um trabalho “perfeito” (San Payo, 2000:113).

Incluo, para terminar esta parte, a descrição de uma brincadeira feita por uma das utentes do convívio de Melgaço e na qual, no seu tempo de criança, participava. Conta que as crianças faziam uma roda e cantavam, mas iam falando de todas as profissões a cantar à vez (ver vídeo 00063). O interessante destacar é a letra que fazia parte da música, ou seja, a referência, como disse acima, às futuras profissões que as crianças poderiam ter e não a algo mais adequado às brincadeiras infantis como as princesas, os animais ou outros temas apropriados à sua idade.

5. Poesia popular do concelho

Durante a pesquisa e recolha que efetuei, recuperei três exemplares de poesia popular que descrevem, de um modo geral, o concelho e as suas tradições. São ricos em pormenores etnográficos e linguísticos que se enquadram neste trabalho pelo facto de terem ficado registados e passarem de geração em geração mostrando às populações de agora como era “naquele tempo”.

O primeiro exemplar foi retirado da obra *Poesia Popular* de Francisco Augusto Igrejas (1989) e data de 1950/60. É composto por uma série de quadras com rima cruzada simples, mas com uma grande riqueza de pormenores geográficos e patrimoniais, como é o caso da referência ao “Castelo” de Castro Laboreiro (estrofe 1), à “igreja”, à “escola” e à “fonte” (estrofe 4) ou ainda aos “conventos” de Fiães e de Paderne (estrofes 7 e 14). De notar também que não são esquecidos os produtos da região como a “batata” e o “mel” dos campos de Lamas de Mouro (estrofe 2), o famoso “vinho verde” e a “broa” (estrofe 13) e o cultivo ancestral do linho, que depois de preparado, envaidecia as donas de casa com as suas toalhas “de linho”, em dia de festa (estrofe 13).

Também digno de nota o realce dado às qualidades que identificavam os homens e as mulheres de bem, como ser trabalhador (estrofe 13), cumpridor da lei (estrofe 10), bondoso, generoso (estrofe 13) e modesto (estrofe 14). Leiamos.

O meu concelho

Eu sou Castro Laboreiro
De Portugal o mais belo
Dizem que foi o primeiro
De todos o meu castelo

E eu sou Lamas de Mouro
E adoro o meu Manel
E tenho lá um tesouro
De batatas e de mel

O meu nome é Cubalhão
Terra serrana e bravia
Mas tenho no coração
Requintes de fidalguia

A minha igreja branquinha
A minha escola e a fonte
Fizeram de mim limpinha
Eu sou Parada do Monte

Eram todos criminosos
Os meus filhos, mas DEUS sabe
Que são bons e generosos
Os corações dos da Gave

Sou Cousso, vivo contente
Trabalho de sol a sol
Quando canta a minha gente
Faz inveja ao rouxinol

Eu sou Fiães a falada,
Na romaria a S. Bento
E tenho a história gravada
Nas pedras do meu convento

Eis Cristovál, a dos cadetes
Conheci-a sem camisa
Agora tem palacetes
Abençoada Galiza

Eu sou Paços colossal
Isto aqui é céu aberto
O terror de Portugal
Só por ter o rio perto

Sou Chaviães, altaneira
E freguesia de lei
De todas fui a primeira
A pagar tributo ao rei

Se o Mundo um dia acabar
Ou mesmo for arrasado
Tem por força de ficar

A freguesia de Prado

Falam todos ao meu povo
E de mim, mas com inveja
Por ter um relógio novo
Na torre da minha igreja.

S. Paio de gente boa
Do trabalho, do carinho
Do vinho verde, da broa
Posta em toalha de linho.

Sou Paderne e sou modesta
A melhor de Portugal:
Tenho um convento que atesta
A glória Nacional.

Sou pequeno e pobrezinho
Não tenho inveja aos demais
Lembram aves em seus ninhos
Os filhos de Remoães.

Dizei, rapazes, dizei,
Podeis dizê-lo sem medo
Não há moças que eu bem sei
Que valham as de Alvaredo

Sou Penso pequeno e triste
A falar dos meus tormentos
A riqueza em mim existe
Mas tenho pobres aos centos. (Igrejas, 1989: 13)

Os dois exemplares que se seguem chegaram-me através do blogue “Entre o Minho e a Serra”, do historiador Valter Alves e foram recolhidos pelo investigador Leite de Vasconcelos.

Enquadram-se nesta pesquisa na medida em que nos aproximam do modo de falar da população desta região que, segundo Vasconcelos (1928) “conserva um estado muito arcaico da língua portuguesa”. São também registos de vocábulos e expressões da oralidade muitas delas comuns ainda hoje como a expressão “credo, cruces, canhota”. Além disto, testemunham tradições e hábitos como o de usar “chapéu” ou “lenço” e o poema datado de 1916 contém uma informação interessante sobre o facto de a “bila de Crasto” pertencer, antigamente, à “Probência de Tras-os-montes”.

Adeus, ó bila de Crasto,
As costas lh’eu bou birando,
Im que lh’eu as costas bire,
Meu coração bai chorando.

Adeus, ó bila d’Acastro,
Probência de Tras-os-montes,
No dia que t’eu ñ bêjo,
Meus olhos são duas fontes

Adeus, ó terra de Crasto
As costas te bou birar,
Bou para o bal de Chabes
Donde m'eu bou desterrar.

Fita berde no chapéu
Meu amor, nõ lh'a ponhais,
Dá-lh'õ bento abole, abole...
E eu cõido que m'açanais!

Heid' amar o cordon berde,
Im quanto tiber berdura,
Hei-d' amar a quem quijer
Q'inda nõ fije escritura.

Neste lenço deposito
Lágrimas que por ti choro
Por nõ poder alcançar
Os braços de quem adoro

Esses teus lindos olhos
Som cadeias de bom ferro,
Prisões que me a mim sigurã...
Eu outras já as nõ quero.

Alfaite, guarda a filha,
Nõ na ponhas na jenela,
Os soldados da marinha
Nõ tirã os olhos dela.

Alfaites nõ som homes,
Nem se lhes póde chamar,
Quando pérdim uma agulha,
Logo se põ a chorar! (Vasconcelos, 1916)

Mais uma cantiga popular.

Una belha qu'eu arrinjei,
Q' até já usava touca,
Era das pernas caneja
E tinha um tanto de mouca.
Credo, cruces, canhota!
Era o que me faltaba!
Casar-me c'una tabaqueira,
Que nim pa rapé ganhava.
Eu sô binho, tu ês auga,
Ó pê de mim, tu que ês?
Já tês oubisto dijer
Que ninguém xiquêr l'imbarra nos pês.
É ditado bem antigo,
Sempre tenho oubisto dijer:
- A fazenda qu'anda d'arrasto
Já pouco balor pode ter. (Vasconcelos, 1928)

Indo ao encontro do comentário acima citado de Vasconcelos sobre o caráter arcaico da língua que se fala em Melgaço, gostava de salientar que muito deste falar se mantém devido à proximidade com a Galiza. Vasconcelos (1928) cita também “o escrever

no século XVI de João de Barros segundo o qual os habitantes de entre o Lima e Minho ‘são quasi como galegos, e da mesma linguagem e traje’” e acrescenta que, “quando se trata de regiões vizinhas, é às vezes impossível fazer classificação linguística rigorosa” (Vasconcelos, 1928).

O projeto Frontespo cujo objetivo “é a documentação linguística exaustiva da franja fronteiriça entre Espanha e Portugal”, na sua página de apresentação em linha refere que esta fronteira,

um dos limites estatais mais antigos e estáveis da história, constituiu-se ao longo do tempo como um espaço de encontro e confluência de variedades linguísticas [...] Para além disso, a sua posição marginal relativamente aos principais núcleos urbanos reúne condições especiais para a conservação de estados de língua arcaizantes. Tem sido, também, um território de intensa mobilidade interpessoal, tanto temporal (jornaleiros, marinheiros, romarias, contrabando...) como permanente (casamentos mistos, emigração, exílio e refúgio, etc.).

Todas estas circunstâncias fazem com que a fronteira Portugal-Espanha seja um domínio privilegiado para a investigação linguística e etnográfica, sob variadas perspetivas.

A zona fronteiriça encontra-se sujeita a um processo evolutivo que está a transformar, de modo acelerado, a sua identidade cultural e linguística. Entre os múltiplos fatores de mudança podemos citar os seguintes: perda do modo de vida tradicional, despovoamento das terras do interior, emigração para as grandes cidades, supressão do controlo fronteiriço e livre circulação de mercadorias e trabalhadores, forte expansão dos meios de comunicação de massas e generalização da escolaridade.

Torna-se urgente, portanto, recolher informação sobre o território fronteiriço, para documentar o estado de vida tradicional e estudar o processo de mudança, assim como para valorizar o seu imenso património cultural, com o fim último de contribuir para a sua revitalização. (Pérez, 2019)

Também na mesma página em linha da Frontespo, lemos que

Los territorios fronterizos son espacios heterogéneos. Por propia definición, son lugares en donde las personas pasan de un país a otro y, con ellas, sus lenguas, culturas, objetos personales o de comercio. Esta circulación de personas, ideas y materiales va imprimiendo una identidad propia a las comunidades de frontera. El límite político entre España y Portugal no es, desde luego, una excepción, sino una franja que atesora un impresionante patrimonio cultural y lingüístico. (Pérez, 2019)

Não me quero afastar do objeto de investigação que me propus, o qual se direciona para a transmissão do saber antigo através da oralidade, mas não posso avançar sem incluir um minidicionário castrejo, um documento pessoal compilado e cedido pela Dra. Diana Lobato, Animadora Socio Cultural da Associação Castro Solidário, em Castro Laboreiro, e que reúne uma série de vocábulos que ainda hoje se usam maioritariamente naquela região oriental limítrofe do concelho de Melgaço.

A sua utilidade prende-se com o facto de serem uma ajuda à compreensão de determinados textos e outras produções regionais orais ou escritas. Já Vasconcelos achou interessante o modo de falar destas gentes de Crasto Laboreiro, na altura “uma aldeia do

concelho de Melgaço, a qual ao longe todos têm por uma das mais rudes de Portugal, isto é, de carácter mais primitivo: excelente campo, pois, para estudos etnográficos” (Vasconcelos, 1928:364) e recuperou alguns exemplares de modo a representar “a linguagem castreja com toda a naturalidade e pureza, pelo menos como os velhos então a falavam” (Vasconcelos, 1928:364). Seria interessante um estudo comparativo entre esses textos e o modo de falar atual, cerca de um século depois. Esse objeto afasta-se do propósito desta pesquisa, mas fica a sugestão.

De qualquer modo, e porque me parece que se trata de um documento que não deve ser desperdiçado pela sua riqueza de vocábulos e expressões regionais, decidi inseri-lo.

Dicionário Castrejo

Aboujado – surdo, tonto
Apajar – dar de comer aos animais da corte
Aparatrapos – adesivos para feridas
Apresilhar – apertar os cordões dos sapatos
Arcaz – arca de madeira
Báguas – lágrimas
Banaboia – malandro, que não trabalha, vagabundo
Batela – barco pequeno
Beïçon – obrigada
Bém com Deus – expressão usada para dizer bom dia/olá
Berças – couves
Bibo – animais
Bicharraco – pessoa grande
Bichera – boné, chapéu
Bijuaíro – dar de comer aos animais
Boia – lanterna, onde se acendiam as lanternas
Bufanda – cachecol
Cacharro – objecto velho
Cachimónia – cabeça
Calções – plainas
Candamalho – grande, desajeitado
Caneja – caminho apertado
Capote – casaco
Casqueiro – pão
Chambra – camisa
Charagom – colchão
Chastre – Alfaiate
Chicara – chávena
Chicotana – bem arranjada, bonita
Chiscar – acender
Chisga – carne
Chisquinho – pouca quantidade
Coitelo – faca
Coto – penedo
Encarrafuçado – zangado
Esburcelado – rachado, partido
Escaleiras – escadas
Escano – banco comprido
Escarrilhar – limpar os ossos com os dentes
Esturricado – queimado

Fuxicar – mexer
Gabejo – Bacia, garrafão
Gafas – óculos
Garruços – gorros
Garsé – Pluber
Gomarros – Ovos
Guins – Porcos
Ir à cucha – ir namorar
Jaquetas – casaco
Lapiseira – esferográfica
Luseiros – olhos
Mandil – avental
Mandil – avental
Metrouca – cabeça
Monada – bonita, jeitosa
Mouchos – bancos pequenos de cozinha
Obrijar – estar com frio
Panueleta – lenço da cabeça
Pastilhas – comprimidos
Pecha a porta – expressão usada para dizer fecha a porta
Petromax – candeeiro
Pirralho – criança pequena
Queixadas – bochechas
Quinchoso – horta pequena
Reichelo – animal ovino/caprino~
Rez – rebanho de ovelhas, cabras
Senguir – vestir/ajustar a roupa ao corpo
Tamancos – soques
Terma aqui – expressão usada para dizer segura aqui
Tirantes – suspensórios
Tónico- xarope
Topei- encontrei
Torresmo – rojão
Trastabulho – pessoa que fala muito
Tuplear – dormir, adormecer
Vicentes – sapatos (Compilado pela Dra. Diana Lobato, Associação Castro Solidário, cedido em agosto de 2018)

Composições medicinais

Aquando das temporadas que eu passava em Melgaço, ouvia muitas vezes a minha avó, as minhas tias e outras pessoas mais velhas dizer que as meninas, em certas alturas do mês, não podiam comer determinados alimentos como pêssegos, polvo ou a tão famosa lampreia. Na altura da Páscoa, em que todas as famílias prezavam ter a melhor mesa para apresentar aos amigos e familiares no dia de “*beijar a cruz*”², essas meninas também não poderiam participar na confeção dos bolos, entre os quais o tradicional pão de ló, já que o bolo não cresceria quando fosse ao forno a cozer. Havia até quem dissesse que já as claras, quando batidas, nunca ficavam em castelo.

Para mim, menina da cidade, achava aquilo muito estranho e quando tentava questionar a razão de tais proibições, ouvia um simples e repetido “diz que nun ê bô”. Na realidade, esta frase era dita com tanta segurança e certeza que ninguém a punha em causa e de facto, quando alguma miúda mais incrédula arriscava participar na elaboração do bolo, este ia para o forno e não crescia mesmo!

Lembro-me também de ter sido chamada à atenção pela minha prima, depois de eu ter sido mãe há poucos dias, por estar a lavar à mão a roupa da bebé, já que, segundo o mesmo princípio, “diz que nun ê bô mexer em água fria durante quinze dias após o parto”.

Na edição de 10 de fevereiro de 2018, o jornal em linha *A Voz de Melgaço* refere que

“diz que nun ê bô” era um género de policiamento que procurava limitar certas práticas... Incutindo a dúvida no ‘transgressor’ que, na dúvida, não desafiava as leis nem alguma sobrenaturalidade (?) que este “num ê bô” carregava [...] é daquelas frases que nos habituámos, desde sempre, a ouvir dos mais velhos. Diz respeito a tudo que se deve ou não fazer para algo não correr mal. É simples, vaga, quase sem sentido e, no entanto, ainda hoje, ouvi-la provoca-nos um arrepio na espinha e temos por ela tal respeito que, na dúvida, cumprimos. (Melgaço, 2018)

² No domingo de Páscoa ou na segunda-feira a seguir, dependendo do número de casas a visitar, andava e continua a andar o Senhor Padre de cada freguesia com uma grande cruz enfeitada por todas as casas da aldeias e toda a família se juntava para, literalmente, beijar a cruz. As famílias aproveitavam para embelezar o máximo possível as salas, utilizando as melhores toalhas de linho bordadas pelas raparigas ao serão e faziam-se bolos variados que quem queria comia. Também acompanhavam o padre nesta caminhada, o sacristão e algumas crianças que transportavam o saquinho das esmolos e que ansiavam as amêndoas e os bolinhos.

A verdade é que era dada toda a credibilidade ao saber dos mais velhos, de quem nunca se duvidava, já que os próprios levavam os seus conhecimentos e a sua palavra muito a sério, e “naquele tempo, a palavra valia uma escritura!” (Cerdeira, 2007:114), orientando todos na aldeia e os seus modos de vida.

Sobre o valor da palavra, conta a D. Cândida Esteves, de 85 anos, a viver em Penso, uma história verídica que se passou com a sua avó que era uma senhora “muito pobrezinha” e que pediu ajuda a um vizinho para resolver o mistério do desaparecimento do pouco vinho que tinha na sua adega. Este senhor, depois de descobrir o “ladrão”, fez-lhe a promessa de não contar à aldeia quem ele era, se este não voltasse a roubar a pobre senhora. Assim aconteceu. Nunca se soube quem tinha sido o ladrão porque o senhor tinha dado a sua palavra de que nunca o denunciaria e cumpriu (ver vídeo 00005).

As pessoas eram na sua maioria pobres e habituadas a viver com o pouco que tinham, num espírito de partilha e entreajuda em todos os momentos da vida. Mesmo quando estavam doentes, recorriam a encontrar soluções junto dos mais velhos da aldeia em busca de tratamentos milagrosos que aliviassem os seus padecimentos.

Conta uma das senhoras que participa no convívio aos domingos à tarde na Vila que, quando foi para França, a sua filha não comia bem e a mãe “mandou-lhe o bolo das sete massas” que quando chegou lá “já tinha bolor”, mas que depois da criança o comer, todos os males ficaram curados. (ver vídeo 00061).

“Naquele tempo”, como me conta a D. Maria, de Sante, “havia poucos médicos”, e, para as pessoas das aldeias mais escondidas na serra “como chegava até lá?” (ver vídeo 00017). Também a D. Virgínia do Carmo me lembra que

Médicos pouca gente chamava
Porque não havia dinheiros
A maior parte se tratava
Com estes remédios caseiros.

Na verdade, nas aldeias mais afastadas, os habitantes tinham muita dificuldade em sair para se deslocarem à vila mais próxima, e o mesmo acontecia, aliás, com os que chegavam da cidade utilizando o comboio que, naqueles tempos só chegava a Monção, “a última estação da linha do norte”, e “o carro de bois era o transporte que havia para quem, tendo partido de Lisboa no comboio da estação do Rossio até Monção e feito a ligação para Melgaço em camioneta, quisesse ir até a qualquer povoação perdida na serra, sem acesso por estrada” (San Payo, 2000:17). José Leite Vasconcelos, ao descrever a sua “excursão a Castro Laboreiro” que “fica na serra, em uma das regiões portuguesas mais rústicas”, confirma esta dificuldade e escassez de transportes para

acesso aos locais mais remotos e conta como “partimos de Melgaço, o Sr. Abade e eu, uma manhã, às nove e trinta, montados em mulas” (Vasconcelos, 1916:271), “transporte” também referido pela D. Maria de Sante, no mesmo vídeo acima indicado.

Ruth San Payo, na sua obra já citada *Tempos que já Lá Vão* (2000:135), relata um episódio e alerta o leitor mais incrédulo para que “não julguem que isto é inventado. É uma estória verdadeira”. Trata-se de nos fazer chegar como aconteceu um “parto no monte”. Transcrevo este episódio que faz arrepiar qualquer mulher do século XXI, pelo modo como ainda ia “ao monte, de madrugada para cortar um carro de mato” com o seu marido, quando “já ia pesada. Estava já no nono mês de gravidez e a criança podia nascer a cada momento. Já tinha as devidas luas” e também pelo modo como aquele casal, certamente sem formação médica e com os instrumentos que tinha à mão, realizou esta tarefa.

A descrição dialogada enquadra-se nesta dissertação visto ser um exemplo de como as mulheres estavam preparadas e eram ensinadas pelas mais velhas para serem mães. Obviamente, nunca tinham visto um livro na escola (onde muito provavelmente nem nunca tinham andado) a explicar o crescimento do feto, a diferença entre feto e embrião ou que cuidados deveria uma mulher ter quando está grávida. Era, mais uma vez, a transmissão oral que as preparava e que lhes transmitia o saber necessário (às vezes insuficiente) para sobreviverem. Conta Ruth San Payo que a jovem

Ao chegar ao monte sentou-se numa pedra para descansar um pouco, enquanto o José pegou no podão e começou a roçar o mato.

Para acelerar a tarefa, era preciso que a mulher o ajudasse a juntá-lo com a forquilha, e atirá-lo para cima do carro de bois.

A Maria levantou-se e começou a trabalhar. Já lhe custava o movimento dos braços, o corpo inclinado e o esforço de levantar a forquilha pesada e carregada de tojo, de fasco, urze e carrasquinha. Arfava. Inspirava a fundo o cheiro do mato fresco, acabado de cortar. De repente parou, com o suor a escorrer-lhe sobre a testa e disse:

- Ai, homem, que se me rebentaram as águas. Vou ter que parir aqui mesmo!

- Oh, mulher! Não podias esperar até chegar a casa?

- Que lhe hei-de fazer? Valha-me Deus, nosso Senhor mai la Virgem Maria. Vai-me nascer a criança.

E assim foi. O José fez-lhe uma cama de caruma, estendeu por cima o casaco e a mulher ali mesmo deu à luz um belo rapaz. Não era o primeiro. A Maria já sabia como era.

- Corta-me o cordão com a foice!

- E com que se há-de atar o umbigo?

- Com o atilho dos meus socos!

Assim se fez. O José embrulhou a criança na sua camisa suada, enterrou a placenta, ajudou a mulher a subir para o carro do mato, aconchegou-a com o filho entre a urze e a caruma. (San Payo, 2000: 135)

A distância e o isolamento levavam as pessoas a procurarem outros modos de vida e maneiras de ultrapassar as dificuldades e os males que as atingiam fisicamente, “com aquilo que possuíam dentro de portas” (Cerqueira, 2007:26) recorrendo ao que tinham à

sua volta, em particular as plantas da terra. Tinham conhecimento do valor medicinal de quase todas as plantas, como refere ainda no mesmo vídeo (00017) a D. Maria de Sante, ou como confirma a D. Virgínia do Carmo,

Quando as crianças choravam	Fôlhas de eucalipto e noqueira fervidas
Que lhe doía a barriga	E também ramos de alecrim
Azeite com alho rojavam	Com a água lavavam as feridas
Punham na dôr e ela desaparecia.	E eram curadas assim.

Para o fígado chá de ipericão	Chá de cidreira para ajudar
De politaina para a bexiga	O estomago a digerir
Vinho fervido com mel para a constipação	Tilia para acalmar
E chá de hortelã para a barriga.	E para de noite bem dormir.

Para a gripe as fretas usavam	Depois aguardente queimada
Meada de linho era costume usar	Com açúcar bem docinha
As costas muito bem esfregavam	A gripe ficava curada
Que o doente ficava a soar.	Graças a esta medecina.

Também a D. Cândida Esteves conta um episódio que parece tão irreal que a simpática senhora frisa ser uma “história verdadeira” que se passou com o seu pai que “sofria muito de cólicas do fígado” e, como a sua “avó era muito pobrezinha, não tinha dinheiro para ir ao médico”. Então, muito simples, fez “chá de caganitas de rato” (ver vídeo 00054).

Para além destes remédios caseiros de ervanária doméstica, havia ainda quem possuísse conhecimentos e habilidades que eram postos ao serviço de toda a comunidade para resolver “males” atribuídos a causas naturais de difícil resolução ou a causas sobrenaturais, fenómenos que não entendiam ou não sabiam explicar. Ou que até achavam que nenhum médico conseguia resolver. Chamava-se então a “curandeira” da aldeia. Conta-me a D. Virgínia que

Também era comovente	A curandeira era chamada
Ver-se crianças com pouca vida	Ela vinha prontamente
E dizia a nossa gente	A criança era observada
Que era a espinhela caída.	Deitada no chão somente.
Se tinha uma perna mais comprida	A curandeira receitava
E um braço também maior	Coisas boas para comer
A doença estava conhecida	A mãe num papel apontava
Era a espinhela sim senhor	E hi-a à loja para trazer.
A criança hi-a para a cama	Só que as compras acabavam
Quinze dias a repousar	E outras ninguém trazia
Com alimentação tamanha	E alguns meses passavam
Acabava por melhorar.	E a espinhela voltaria.

Determinadas práticas estavam intimamente ligadas com superstições que, graças ao acaso, corriam bem e eram aceites como válidas. Valter Alves publicou no seu blogue “Entre o Minho e a Serra”, no dia 13 de agosto de 2016, debaixo do tema “Estórias do

Mosteiro de Fiães contadas há mais de 300 anos” uma entrada onde refere que “num livro publicado há mais de 300 anos, encontramos algumas estórias curiosas acerca do Mosteiro de Fiães, nomeadamente a existência de um tanque para banhos cujas águas milagrosas conseguiriam curar muitas maleitas incuráveis”. Este historiador baseia a sua afirmação numa descrição de Frei Agostinho de Santa Maria (1712) que conta que “sobre uns levantados montes e encostados a outros mais eminentes se vê o antigo Augustiniano Mosteiro de Santa Maria de Fiães” e, continua a relatar que

Havia ali um banho, que por milagre de Nossa Senhora apareceu junto ao Mosteiro, cuja água era de tanta virtude (particularmente, dizem, no dia de S. João Batista) que todos os doentes de várias enfermidades e contrações incuráveis, que nele se iam banhar e voltavam sãos. Este tanque, ou banho se mandou entupir há já anos, por mortes, e feridos que havia entre os que haviam de entrar primeiro. Ainda hoje vão muitos a buscar aquela água que dela emana e a levam a enfermos, que bebendo-a com fé, obra Deus com ela pelos merecimentos de Sua Santíssima Mãe, muitas maravilhas e milagres. (Santa Maria, 1712)

É o caso também de um “Batizado na Barriga” história recolhida por Campelo (2002) e que a seguir transcrevo.

A Ana, aqui nossa vizinha, teve três abortos. E depois, o médico disse para ela não engravidar outra vez, pois era muito fraca e poderia apanhar qualquer coisa..., ou até a criança nascer defeituosa.

Um dia, numa esfolhada, eu disse-lhe. *Ó Ana, e se tu fosses baptizar a criança, ainda na barriga, debaixo da ponte de S. Lourenço? É uma ponte aqui próxima, neste regato.* Disse ela: *Você vai comigo? – Vou! – Então eu vou pensar nisso...*

Engravidou outra vez! Andava ela grávida de três meses, e uma noite viemos para cima da ponte (eu, ela e o marido). Esperamos em cima da ponte enquanto o marido foi debaixo da ponte buscar água. Depois, ficamos os três em cima da ponte à espera da primeira pessoa que ali passasse depois da meia-noite. Mas não podia passar nem cão nem gato, senão aquela noite já não servia, e tínhamos que vir noutra.

Veio o primeiro carro e eu fiz-lhe «alto». Mas ele não parou. Veio o segundo e eu voltei a fazer «alto» e ele parou. Mas a pessoa negou-se... e eu até o conhecia... Eu disse-lhe: *É para baptizar uma criança.... assim, assim..., mas ele negou-se.* Veio o terceiro. Parou e aceitou. E disse: *Ai que bom que me aconteceu! Já ouvira falar dessa história, mas nunca esperei que me acontecesse tal coisa.* Era do Registo Civil. Estava o pai com a água. *O que é que eu tenho de fazer?!*, perguntou o homem. Eu disse-lhe: *Você pega na água e diz: “Eu te baptizo, em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo”.* Não diga Amém, senão fecha o Baptismo à criança! Ele conhecia a rapariga e disse-lhe: *Levanta bem a blusa, que eu quero regar-te bem!* E passado o tempo nasceu uma rapariga linda! (Campelo, 2002)

Este episódio apresenta algumas semelhanças com o que é contado pela D. Virgínia do Carmo nos versos seguintes, nos quais fala sobre o mesmo hábito de tentar ajudar as mulheres a conseguirem ter filhos. Note-se a presença do elemento “água”, da “ponte”, da espera pela “primeira pessoa que ali passasse” e do resultado “passado o tempo”.

Se alguma mulher havia
Que os filhos não vingava
Quando grávida se sentia

Debaixo de uma ponte pernoitava.

Outra pessoa esperava
Em cima da ponte um bocadinho
O primeiro que ali passava
E com saúde nascia.

A criança era batizada
Mesmo dentro da barriga
Desta vez era vingada
Era convidado para padrinho.

Miguel Coelho (2017), na sua dissertação intitulada “*Religiosidade Popular: tradições, práticas e mitos*”, refere que as pessoas que tinham estes “dons” eram “homens e mulheres respeitados entre o povo, pois possuíam conhecimentos que mais ninguém tinha” e apresenta o seu modo de vida como um verdadeiro “ofício” que era “transmitido de geração em geração” (Coelho, 2017:21). Com o objetivo de “curar males e devolver o equilíbrio emocional e físico àqueles que as procuram ou deles ouvem falar”, Coelho (2017) clarifica que estes “detentores [...] capazes” conheciam métodos para “o tratamento do cobrão, do quebramento, o mau olhado, espinhela caída, dor de cabeça, esfalfamento, vermelhão na pele, engasgamento, e até contra algumas enfermidades nos animais” (Coelho, 2017:21)

San Payo (2000:61) lembra-se de como a sua “avó Angélica era cirurgiã dos seus animais domésticos”. Conta que, quando a avó se apercebia que algo se passava com os seus animais, como um “pico na pata, perna ou asa partida era submetido à sua intervenção. Tudo se curava nas suas mãos. Era um dom que tinha”. A senhora Angélica até se apercebia que algo se passava quando “um frango voraz aparecia triste e doente”. Então, “apalpava-lhe o papo e notava-lhe qualquer objeto estranho aí alojado”. Deixava o frango morrer? Nem pensar! “Abria-o e tirava-lho” com uma “perícia peculiar”. Relata a mesma autora o que presenciou.

- A galinha pedrês não anda boa -, observava.
Agarrava-a pela articulação das asas, apalpava-a e dizia:
- Tem o ovo atravessado, não lhe sai, vou-lho tirar.

Anestesiava o bicho com aguardente, que lhe deitava pelo bico, fazia uma pequena incisão no esfíncter e extraía-lhe o ovo. Cosia o golpe com agulha e linha, desinfetava-o com um unguento feito de azeite, monstrosos ou arruda e cinza fina. Dentro de dias, a galinha estava curada. (San Payo, 2000: 61)

Lembro-me de ver, numa das minhas férias em Melgaço, uma miúda da aldeia ir à vila para arrancar um dente. Até aqui, tudo bem, exceto quando vi que o “dentista” era o barbeiro que cortava o cabelo ao meu pai! Lembro-me também de ouvir dizer que uma criança da aldeia tinha ido “ao endireita, a Couso” porque tinha dado “um jeito ao braço”.

Intrigavam-me estes métodos, sobretudo quando via a criança chegar à aldeia como se nada se tivesse passado, e pensava no que diziam sobre a pequena freguesia de Cousso, no alto da montanha, de onde vinham antigamente as pessoas para comprar vinho ao meu avô. E perguntava a mim mesma como é que lá, no coração da serra, havia algum médico, sim, porque um endireita devia ser uma espécie de médico, já que a criança vinha curada.

José Alfredo Cerdeira, na sua obra *O Tomaz das Quingostas* (2007:26), aborda a existência destes homens que “compunham fraturas, debelavam luxações com mestria, servindo-se, tão somente, da sensibilidade dos seus dedos, dos muitos anos de prática, assim como de mezinhas” e vai ao encontro do nosso interesse por estas virtudes, quando refere que este era um “saber herdado dos seus maiores”. Ora, tendo em conta a dificuldade e, arriscamos mesmo afirmar, a impossibilidade de fazer um registo escrito das técnicas, métodos e produtos usados, seria com certeza através do testemunho oral que estes saberes passavam de geração em geração. Claro que, como refere o mesmo autor,

como facilmente depreendemos, no meio do trigo, crescia o joio, ou seja, frutificavam os charlatães, as mulheres ditas de virtude, os espanta diabos que, não raras vezes, ataçavam inimizades entre familiares e vizinhança com as suas intrigas. Semelhante praga nasceu com o homem, prospera entre ele e [...] para mal dos nossos pecados, haverá sempre quem creia piamente nessas pessoas despidas de escrúpulos, que se aproveitam do sofrimento do próximo para o explorar, vivendo à tripa forra, à custa dos incautos (Cerdeira, 2007: 26)

Na impossibilidade de determinarmos quais seriam os verdadeiros e os falsos dotados, continuo a minha exposição que tem como objetivo mostrar como estes saberes eram transmitidos de geração em geração e não determinar a sua validade.

Embora não me lembre nem um pouco das palavras que a minha avó disse quando “talhou a peçonha” a um miúdo da aldeia com quem eu brincava, nunca esqueci aquele momento e apesar da minha avó já não estar entre nós, consegui que uma das minhas tias ainda se lembrasse daquela lengalenga que transcrevo em primeiro lugar por me ser tão familiar.

1. Talhar a peçonha

Assim, conta a tia Lena, explicando que esta cura era feita com “9 ramos de salsa, 9 areias de sal, azeite, em jejum, durante 9 dias” e que se dizia:

Se és peçonha,
Eu te benzo, eu te corto,
Eu te talho e retalho
Para aqui não se arranjar nenhum trabalho.
Se és de cobra ou de cobrão
Ou aranha ou aranhão,
Sapo ou sapão, lagarto ou lagartão,
Ou de bicho de má nação,
Que anda a rasto pelo chão,

Volta atrás, adiante, não.

Pela graça de Deus e da Virgem Maria, um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. (ver vídeo 00002)

Destaco aqui, apesar de pobre, a tentativa de rima entre os diferentes versos, o que transmite uma certa musicalidade e facilita a memorização. Também o verso final com a referência às entidades religiosas de “Deus” e da “Virgem Maria” e às orações o “Pai-Nosso” e a “Ave-Maria” fazem lembrar a forte religiosidade que regia as povoações.

Não se enquadra no objeto de estudo desta investigação averiguar a suposta capacidade sobrenatural subjacente nesta lengalenga, por isso, optamos por confiar nos poderes curativos das ervas aromáticas, neste caso, a salsa e o azeite, quaisquer deles hoje definitivamente comprovados.

Também Leite de Vasconcelos, na sua obra *Etnografia Portuguesa* (2007:66), explica que “em Melgaço, quando um bicho peçonhento morde alguém, deita-se leite sobre a parte dorida e coloca-se por cima a pedra da peçonha; esta deve ter estado em leite ou em vinagre”, o que exemplifica a variedade de métodos aplicados sempre na tentativa de solucionar o problema, utilizando, também neste último caso, os produtos da terra, o “leite” e o “vinagre”.

Não posso deixar de fazer aqui uma referência ao facto de a minha avó ter em casa vinagre de vinho tinto feito por ela. Mais uma vez, isto era um feito extraordinário para uma criança da cidade que só conhecia as pequenas garrafas plásticas de vinagre “branco”, que se vendiam na mercearia.

Repetem-se estas capacidades curativas noutros exemplares que recolhi e que eram usados para “talhar o enganido”, “os herpes”, “o mau olhar” e “o lixo”.

2. Talhar o “enganido”

O “enganido” era o nome que se dava a “uma doença de crianças, que, embora comam bem, vão secando; têm enganido as que dormirem com as pernas em cruz” (Vasconcelos, 2007), e, quando essa situação se verificava, era preciso curar a criança.

Foi a D. Maria Glória Guedes, de 59 anos, nascida em Penso, Melgaço e a viver há alguns anos em Lisboa, que me contou orgulhosa como foi parte interveniente numa destas “curas”, já que a criança era o seu primo Manuel Joaquim. Para que o processo se realizasse, era preciso ser feito por duas “Marias” virgens. Então, segundo a mesma, e transcrevo o que a própria me escreveu (ver Anexo III, PDF 1739) “devia ser feito durante nove dias, antes do nascer do sol, debaixo de uma pola de um carvalho cerquinho” ou seja, um carvalho que tivesse um dos ramos em arco. “Põe-se uma Maria de cada lado e passa-se a criança por baixo da pola dos braços de uma Maria para a outra” e diziam:

- Toma lá Maria...
- Tu que me dás?
- Dou-te Manuel Joaquim enganado.
- Enganado, não o quero! Quero-o são e salvo conforme foi nascido. Pela graça de Deus, um Pai-nosso e uma Ave-Maria.

Este processo era repetido cada dia nove vezes, durante nove dias.

Encontrei registada por Vasconcelos uma outra versão com algumas diferenças, no que diz respeito à substituição do “carvalho” por uma “silva”, mantendo-se o pormenor do “arco” e ao número de dias que deveria ser feito, “três”, em vez de “nove”, precisando o “jejum”. Diz então que para curar o enganado “vão duas Marias virgens colocar a criança debaixo de uma silva que esteja presa por duas pontas, formando arco. [...] Faz-se isto três vezes, de manhã em jejum, em qualquer dia da semana” (Vasconcelos, 2007:95,96)

Aquando da minha visita ao convívio organizado pela D. Teresa na vila de Melgaço aos domingos à tarde, tive ainda a oportunidade de ouvir outra versão que descreve o modo como se “talhava o enganado”. Foi-me contada pela D. Maria Gonçalves Melo e pela D. Maria da Conceição. Esta descrição vai ao encontro do que descreve Leite de Vasconcelos na obra acima citada, embora se notem pequenas diferenças entre os dois relatos, como por exemplo mais uma “Maria” e a presença de um “bocadinho do chocolate” (ver vídeo 00062). Vasconcelos descreve que

a mãe leva a criança à igreja, acompanhada das duas Marias, todas em jejum, antes de nascer o sol ou ao apontar. Colocam uma mesa no meio da igreja e sobre ela pedaços de pão, de trigo ou de milho; uma Maria, de um lado, e outra, do outro, passam a criança em cruz debaixo da mesa, dizendo as palavras acima escritas. Saem as raparigas da igreja, comem o pão e dão o que sobra a um cão que ali passe: o cão fica com o enganado. (Vasconcelos, 2007:94).

No entanto, muitas vezes, este processo não era suficiente para curar a dita criança.

Então,

leva a mãe a criança, à meia-noite em ponto, e vai apanhar um feixe de trovisco, regressa, pesa a criança e antes de nascer o sol, de modo que o trovisco pese tanto como a criança e atira, voltada de costas, o trovisco para cima do telhado; à medida que o trovisco seca, seca o mal e lá se vai o enganado. (Vasconcelos, 2007:95)

Os alunos da Escola EB 2, 3 de Melgaço, já anteriormente referidos, incluíram também no seu trabalho duas composições semelhantes, comparando o que se fazia deste e do outro lado da fronteira.

Por cá, eram precisas três Marias virgens (tal como relata Leite de Vasconcelos, acima referido, e as senhoras do convívio de Melgaço) e que ainda não tivessem o período (elemento diferente que não consta em nenhuma das outras versões). Teriam as meninas

de executar a prática “antes do nascer do sol, em jejum” e precisavam de “uma mesa de três pés e de um cão”. À vez, cada Maria pegava na criança e ia-a passando a outra, repetindo:

“Toma lá Maria.
- Que me dás, Maria?
- Dou-te (nome da criança) com o enganido.
- Com o enganido, não o quero! Quero-o são e salvo.
Pela graça de Deus, um Pai-nosso e uma Ave-Maria.”
(Este processo repete-se três vezes, durante três dias.)

Nota: Os pais da criança davam às Marias um pão com manteiga (ou outra coisa). As Marias tinham que comer o pão deixando um bocadinho para o cão. Pois se elas comiam o pão todo, ficavam com o enganido. (Recolhido pelos alunos da Escola EB 2,3 de Melgaço e publicado na página em linha da Associação Ponte ... nas Ondas)

Esta nota incluída no final aproxima-se da versão das senhoras do convívio, sendo que a manteiga era substituída pelo chocolate, certamente mais apreciado pelas crianças.

Do lado galego, “en Cotobade”, “três Marias levam o neno enfermo a unha casa que non sexa a súa e, ademais, levam un anaco de pan e medio litro de vino” (novo elemento, diferente das versões anteriores). E continua,

ó chegarem ali, colócanse formando un triángulo na cocina, a caróndunha artesa, e van pasando, dunha à outra, o menino nove meces ó tempo que dio: Toma, Maria. Que me dás? O enganido. O enganido nonchoquero que quero a... (nome do enfermo). Despois, cambiam a roupa por outra limpa; cada Maria dálle tres veces ó neno coa cabeza na artesa, pásao outras tantas por baixo da mesma e para rematar queimam na lareira a roupa que traia posta. (Recolhido pelos alunos da Escola EB 2,3 de Melgaço e publicado na página em linha da Associação Ponte ... nas Ondas)

Esta semelhança entre o que se fazia e dizia de cada um dos lados da fronteira, comprova a proximidade das culturas e transporta-nos para o tempo em que as linhas fronteiriças delimitavam e interditavam o espaço geográfico entre os dois países. No entanto, isso não impediu o contacto e a passagem de vivências, costumes, tradições e conhecimentos para os dois lados da fronteira. Ainda hoje se verificam os efeitos desta proximidade nos hábitos, nos falares e nas paisagens. Valter Alves cita, no seu blogue “Entre o Minho e a Serra”, Vasconcelos (1928) que afirma que “o trato familiar e quotidiano entre as gentes de cá e as de lá não deixa perder certos caracteres iniciais, e permite a transmissão mútua de fenómenos.”

3. Talhar os herpes

Os “herpes”, segundo conta Helena Cardoso, de Penso, talhavam-se da seguinte forma:

Estava Lázaro sentado na fonte plenária,
Tanto chorava que no céu se ouvia.

E o Senhor lhe disse:

- Que tens, Lázaro que tanto choravas, que no céu te ouvi?
 - Senhor, tenho os herpes, o Ziple e o Ziplão. Não sei que mais males são...
 - Volta atrás, tu os curarás com azeite do olival, com carvão do lar, urze do urzal e uma areia de sal. E porás tudo a serenar e em três dias o verás secar!”
- Um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. (ver vídeo 00003)

Também Vasconcelos (2007) faz referência a uma lengalenga semelhante para curar a “erisipela”, também “vulgarmente” conhecida como “erisipelão, erzípla, e erzipela, urzípela e urzipela, zeripela, zeriplão, zipla e ziplão, injepela e injepelão, jipela e jipelão [...] mal d’empola, fogo, rosa” (Vasconcelos, 2007:97) e que, em Melgaço se tratava da seguinte forma:

A benzedeira benze-se, deita uma farpeira de fiulho, água de fonte que nunca seque, e azeite de oliva numa tigela, mexe tudo com uma pena de galinha viva, pega na pena, molha-a, vai untando em cruz as partes doentes e diz:

Pedro e Paulo foi a Roma

E Jesus Cristo encontrou.

- Pedro e Paulo, donde vens?

- Senhor, eu venho de Roma.

- E que novidades há por lá?

- Há muita força de erizípla e erisipela, e muita gente que morre dela.

- Pois torna atrás, Pedro, e cura-a com azeite de oliva e pena de galinha e água da fonte e fiulho do monte.

Pela graça de Deus e da Virgem Maria Nossa Senhora. (Vasconcelos, 2007:99)

Acrescenta Vasconcelos uma nota informativa dizendo que se repete “por nove vezes em nove dias, com nove padre-nossos e nove ave-marias; no fim uma salve-rainha e credo, por três vezes. Em dia de sábado e estando em jejum benzedeira e doente, isto vale por nove dias.” (2007:97)

Destaco, nas duas composições anteriores, as semelhanças nas referências às personagens bíblicas “Lázaro” e “o Senhor”, na primeira, “Pedro e Paulo” e “Jesus Cristo”, na segunda. Também a menção à água da “fonte” e o recurso ao “azeite” e às plantas “do monte”, a “urze”, na primeira, e o “fiulho” na segunda, que muito provavelmente graças às suas propriedades curativas e medicinais fariam a cura milagrosa que, mais uma vez nada teria a ver com o que se dizia ou com as virtudes e as supostas capacidades sobrenaturais de quem as dizia, como já tive oportunidade de referir.

4. Talhar o mau ar e o mau olhar

Embora se refiram a situações diferentes cuja distinção não se enquadra no âmbito desta pesquisa, parece-me que nesta zona de Melgaço podemos chegar à conclusão que as duas se confundem e eram ambas normalmente associadas à inveja que os vizinhos ou

até alguns familiares tinham de determinada pessoa e que, só de olhar para ela lhe transmitiam alguma espécie de mal.

Conta-me a D. Fernanda, de Penso que “nun era bô andar com as crianças ao colo à noite, fora de casa. Tinha de ser sempre um homem para não lhes dar o mau ar”, ou como refere o artigo anteriormente mencionado do jornal *A Voz de Melgaço* “para não lhes dar o ar da noite” e, continua a D. Fernanda, “também se cobria a criança com um casaco de homem para ficar protegida do mau olhado.”

Como se tentava então curar este mal, em Melgaço? A D. Virgínia do Carmo diz,

Quando a vista doía
Diziam que era mal ar
E uma mulher havia
Que o sabia talhar.

A pessoa era chamada
E vinha prontamente
Não lhe custava nada
Curar mais uma doente.

A camisa de um barão
Que já tivesse sido usada
Um rosário e uma faca na mão
E com estas palavras começava

Eu te desonjuro para o mar coalhado
Onde não toque o sino
Nem cante galinha nem galo
Nem haja bafo de menino

Que te desapareça esta dôr
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
E rezemos a Nosso Senhor
Um padre Nosso e uma Avé Maria

Já a D. Judite Esteves, de 89 anos, nascida e a viver em Penso, diz,

Consoante este pano foi urdido e tramado,
Saia este mau ar deste cristão.
Se é de vivo,
Se é de morto,
Se é de excomungado,
Vá para o mar coalhado. (ver vídeo 00058)

Encontrei ainda uma outra versão que me chegou através de uma cliente da D. Conceição Silva, com um estabelecimento comercial na vila de Melgaço, um salão de cabeleireiro, mas que não se quis identificar. Diz que para “talhar o mau olhado é preciso arruda, nove dentes de alho, bosta das vacas e um ramo de oliveira. Punha-se dentro de uma telha, pegava-se fogo e fazia-se a pessoa passar por cima nove vezes. Por fim, deitava-se tudo ao rio.” (melgacense a viver em Castro Laboreiro, contou como se talhava o mau olhado, ver Anexo III PDF 1738)

Também Vasconcelos (2007:56) faz referência a estes males e explica que “acredita-se que há *ar mau* ou *ares maus* que afetam tanto crianças como adultos”. Para o talhar, “em Melgaço, tomam sal virgem (que nunca salgou, que nunca serviu), fazem cruces sobre o rosto da pessoa doente, com ele na mão, três vezes, e dizem:

Talho mau ar,
Corrimento (dos ventos)
E tolhimento.
Bota-te fora deste corpo,
Vai-te para o mar coalhado:
Ar de vivo,
Ar de morto,
Ar de excomungado
Ar de empecimento
(Vasconcelos, 2007:56)

E ar de anveja
Q'antas calidades d'ares
Possa haver e empecer,
Eu te desconjuro
Para o mar coalhado
Deixa este corpo
São e salvo
Como na hora
Em que foi nado

Na mesma obra, faz o autor referência ao que se diz na freguesia de Prado sobre as “*más vistages* que fazem mal à gente” e as “*más olhadas*, dadas por gente que tem vista fina” (Vasconcelos, 2007:56).

Aqui, para “talhar ou cortar uma olhada ruim, que causa dor de cabeça, pega-se em areia de sal virgem (que não serviu) e, benzendo o doente, diz-se:

Dois olhos me feriram,
E quatro me sararão:
Dois sejam de Nossa Senhora
E dois de S. João.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
Um padre-nosso e uma ave-maria. (Vasconcelos, 2007: 139)

Faz-se isto três vezes e atira-se o sal para trás das costas.” (Vasconcelos, 2007: 139)

Já “na freguesia de Paderne, do mesmo concelho” continua Vasconcelos, “chamam *dada* à forte dor de cabeça que o mau-olhado provoca. A benzedeira pega em areia de sal virgem – como vem da loja – e, tocando com ela a testa, a barba e as fontes, isto é, fazendo uma cruz, diz três vezes:

Sal do mar sagrado,
Tire-me daqui este mau-olhado,
Pela graça de Deus e da Virgem Maria, Nossa Senhora,
F. [...] ou F. [...],
Deus te deu e Deus te criou
E Deus te desolhe quem t'assim mal olhou!
Pela graça de Deus e da Virgem Maria, Nossa Senhora. (Vasconcelos, 2007: 139)

5. Talhar o lixo

Foi a D. Fernanda Rocha, de Penso, que me falou desta prática que se refere ao aparecimento de borbulhas na cara, que muitas vezes seriam causadas por alergias. Para eliminá-las, tinha de se “abrir e fechar várias vezes a masseira do pão para apanhar aquele ar azedo da fermentação do pão e dizer:

Lixo, lixeiro,
Sai-te ligeiro
Se és de cão, vai para Adão,
Se és de sapo, vai para o buraco,
Se és de galinha, vai para a asinha.

Composições religiosas e moralistas

Algo que sempre me impressionava nas minhas estadias por Melgaço era a forte religiosidade que guiava a vida das populações. Como refere Rocha (1993:372), era notório “o apego e amor aos costumes e tradições que o povo anónimo zelosamente guarda e transmite de geração em geração”.

Em primeiro lugar, a ida à missa todos os domingos com as roupas e os sapatos novos e mais bonitos que tivessem e depois, as festas em honra do santo padroeiro da aldeia e das outras aldeias vizinhas, acessíveis a pé por caminhos entre os pinhais.

Quando iniciei a minha pesquisa, pensei que conseguiria ouvir contar muitas lendas e contos, já que nesta região abundam igrejas, capelas, cruzeiros, alguns conventos e até mosteiros, frequentes palcos de histórias que tentam contar o aparecimento dos mesmos ou relatar acontecimentos que por ali se passaram, misturando imaginação, religião e interpretação popular.

A verdade é que, neste sentido, o que consegui recuperar ficou aquém das minhas previsões, tendo em conta as expectativas que tinha e o objeto deste trabalho. Encontrei algumas histórias que se enquadrariam noutra género de abordagem visto que, pelo modo como destacam o sobrenatural e a fantasia, se afastam desta tentativa pessoal de realçar a literatura oral como referência na transmissão de valores, costumes e tradições às gerações futuras.

No entanto, consegui alguns testemunhos dignos de nota que retratam o modo como os valores religiosos e morais se transmitiam e como alguns chegaram até aos nossos dias. Mostram também como muitas vezes o religioso e o lúdico se misturavam e confundiam, sem que consigamos distinguir a linha que separa o limite de cada um deles.

Assim, neste grupo das composições religiosas e moralistas, incluirei as recolhas relativas às idas à missa, às procissões e às festas em honra dos santos padroeiros. De seguida, farei referência aos relatos sobre duas das personagens mais conhecidas e faladas no concelho. Já no início deste trabalho as mencionei, são a Inês Negra e o Tomás das Quingostas. São duas histórias de vidas que nada têm a ver com a religião, mas que se enquadram nesta parte pelo destaque que dão aos valores morais como a justiça, a liberdade e a coragem, mesmo que um deles tenha sido um dos mais famosos bandidos desta região. Terminarei esta parte com a inclusão de uma série de provérbios, excelentes transmissores de conselhos e moralidade. Na sua maioria, os que vou transcrever, foram

transmitidos pela D. Virgínia do Carmo, de Paderne, que, durante anos, segundo a própria, escreveu num “caderninho os que ia ouvindo aos clientes” da sua mercearia na aldeia e dos quais selecionei os que, segundo o meu conhecimento pessoal da região e as minhas vivências, se enquadram no quotidiano do povo melgacense.

Começo pelas composições religiosas.

1. A missa

Disse-me a D. Virgínia do Carmo que “para a missa e para o moinho, não se espera pelo vizinho” e, para que as pessoas não se esquecessem disso, “às sete da madrugada, aos domingos, tocavam os sinos das igrejas, nas várias freguesias de Melgaço. [...] Às sete da manhã, lá ia o sacristão fazer o seu dever. Tangia o sino para chamar os fiéis ao dever deles: ir à missa de domingo.” (San Payo, 2000: 51). E, na aldeia, todos os habitantes se dirigiam para a igreja, com exceção dos mais idosos que não se pudessem deslocar. O que motivava estas deslocações, a pé, às vezes de cerca de quinze ou vinte minutos, para a igreja, todos os domingos? Sem sombra de dúvida, a forte fé que a população tinha em todos os santos que conheciam e nas tradições que lhe tinham sido transmitidas pelos seus antepassados e que muito respeitavam, era “voz corrente que afé é que nos salva” (Cerdeira, 2007:203).

Benita Gonzalez, do Lugar de Coriscadas, Castro Laboreiro, utente da Associação Castro Solidário, escreveu o pequeno poema a seguir transcrito que evidencia como não só os pais se preocupavam em transmitir as tradições e os costumes aos filhos, como os próprios filhos tinham orgulho de seguir “a educação que o meu pai me ensinou”.

Eu sou amante das almas,
Das almas amante sou.
Eu vou com a educação que o meu pai me ensinou.
Quem se apega com as almas será bem acompanhada,
Eu também das boas almas tenho sido ajudada. (Benita Gonzalez, ver Anexo III, nº 15)

Todos consideravam muito importante manter os costumes religiosos e era considerado uma vergonha e uma falta de respeito não se levantar cedo para ir à missa. Além disso, como lembra José Alfredo Cerdeira (2007:199), na sua obra já referida, *O Tomaz das Quingostas* que “os padres na altura detinham grande poder e, do alto dos seus púlpitos, elevavam um simples mortal às honras do altar, ou o condenavam às profundezas do inferno. Exerciam sobre a opinião pública o mesmo poder que actualmente comete à comunicação social”.

Note-se a alegria e o orgulho transmitidos pela D. Fernanda Rocha, de Penso quando conta como em casa a mãe “fazia um cafezinho” para oferecer ao “senhor Padre”, e “uma rosca de pão de ló” que se ia levar “à tarde” à igreja. (ver vídeo 00064).

Ir à missa, ao domingo, era o melhor modo de viver “com a consciência leve e tranquila do dever cumprido” (San Payo, 2000:52).

No entanto, este encontro semanal proporcionava também conversas e convívios que quebravam a rotina do duro trabalho rural. Conta Ruth San Payo (2000) que, quando chegavam

ao adro, já um grande grupo de homens se encontrava junto à porta lateral da igreja. Todos vestidos de preto, nos seus fatos domingueiros, ali ficavam na conversa, até à pancada final do sino, aproveitando para ver chegar as mulheres e as moças que, ligeiras e recatadas, entravam pela porta principal, ajeitando castamente o lenço da cabeça, mas lançando um olhar furtivo para os homens. (San Payo, 2000: 51)

Do mesmo modo, na obra *Retalhos de Vidas* (Melgaço, 2002:61), editada pela Câmara Municipal de Melgaço, conta Betty, nascida no lugar do Ramo, em Cristóval que “ia-se à missa aos domingos a S. Gregório e à saída, formavam-se grupos que davam passeios pela estrada que dava acesso a Paços [...] já se combinava onde e como iríamos passar a tarde.” Também a D. Virgínia do Carmo diz

Quando saíste da missa,
Vieste muito ligeiro,
Deixaste-me ficar atrás,
Mas eu tive companheiro.

A D. Ana Rosa Martinho, de 76 anos, do Lugar de Coriscadas, Castro Laboreiro, utente da Associação Castro Solidário com a sua amiga Benita Gonzalez, fizeram-me chegar um poema que foi conseguido para o evento promovido por esta Associação sobre a poesia em Melgaço, e dizem algo que vai ao encontro do que acabei de referir e que se prende com o aproveitar a ida à missa para conhecer futuros pretendentes.

No domingo vou à missa p’ra ver a quem quero bem.
Se não for à missa de alba,
Hei de ir à missa do dia,
Hei de te assenar com o lenço
Da porta da sacristia. (Ana Rosa Martinho e Benita Gonzalez, ver Anexo III, nº 17)

Também a D. Maria Castro, de Sante, não esconde o mesmo objetivo nas idas à missa, quando diz,

Se fores domingo à missa,
Poente em sítio que te eu veja
Não faças andar meus olhos
De leilão pela igreja. (Maria Castro, ver Anexo III, PDF 1734)

Neste enquadramento, incluo uma história contada pelo senhor Evaristo Esteves. Conta este senhor que quando era criança assistia à missa e estava sempre com muita atenção para que quando o padre se tivesse esquecido do vinho para o seu ritual, o pequeno Evaristo pudesse ir fazer o favor de ir buscá-lo. No entanto, confessa que o que ele queria eram “as bolachas e o cálice de vinho doce” que a D. Virgínia, a “governanta” do Sr. Padre, lhe dava na ocasião. (ver vídeo 1832)

Na realidade, as crianças acompanhavam os pais que lhes transmitiam esse hábito e desde cedo também “iam à doutrina”. Lembro-me de ouvir as minhas primas usarem esta expressão, mas na altura não percebia exatamente de que se tratava, apenas pensava que seria algum acontecimento relacionado com a igreja. E era. Aquilo que se dizia, em Lisboa, “ir à catequese” era afinal “ir à doutrina”, em Melgaço. Como refere ainda o senhor Evaristo Esteves, as crianças iam ao domingo de tarde à igreja “à doutrina” que era dada por “senhoras e meninas”, das quais ainda lembra os nomes e das quais fala com um carinho e respeito que nos faz desejar ter conhecido tão prestáveis e simpáticas senhoras (ver vídeo 0448). Claro que, como refere, levou “alguns puxões de orelhas” e ouvia “sermão e missa cantada” das suas avós e tias, porque “estava mais interessado em ir com a *galfarragem* aos ninhos, do que ir à doutrina”.

A D. Glória Guedes, embora bem mais nova, ainda fez parte da geração de crianças que iam “à doutrina” visto pertencer às “famílias cristãs” que davam muita importância à formação religiosa das suas crianças e que as mesmas conseguissem fazer “a primeira comunhão” e a “comunhão sulene”. Relatou-me que

quando as crianças começavam a frequentar o ensino primário, também era uso e costume das famílias cristãs que as crianças frequentassem a catequese para receber os ensinamentos e a preparação para a primeira comunhão e para a comunhão sulene os ensinamentos começavam por aprender a fazer o sinal da cruz o Pai nosso e a ave Maria e Santa Maria o credo e salve Rainha e os mandamentos da lei de Deus. (Glória Guedes, ver Anexo III, nº22)

Retomando as referências acima feitas ao sino, cabe-me inserir o testemunho da D. Fernanda Rocha, de Penso, que se lembra perfeitamente de como o sino tocava três vezes para chamar a população para a missa, já que naquele tempo “não havia relógios” (ver vídeo 00064). As três vezes serviam para dar tempo aos que moravam mais longe de poder chegar a horas, “o terceiro sinal do sino era dado um quarto de hora antes do início da missa. Nessa altura já os fiéis deveriam estar a caminho da igreja, se não queriam chegar atrasados” (San Payo, 2000:51).

Também o senhor Evaristo Esteves refere o papel do sino a tocar ao final da tarde para avisar que era hora da “reza”, ou como dizia, o “tocar as trindades” (ver vídeo 00069).

Quando ouviam o sino, “se andávamos a sachar no campo, parávamos e rezávamos um pai-nosso e uma avé-Maria”, diz também a D. Fernanda e o senhor Evaristo lembra que, se vinham com o carro de bois para casa, paravam no caminho e, antes de rezar tinham de “tirar a boina”. Mais uma vez se vê como eram transmitidos às gerações mais novas os costumes e o respeito pelos ensinamentos sagrados que passavam a fazer parte do quotidiano de todos na aldeia.

Conta ainda a mesma senhora, a D. Fernanda, como o sino era utilizado também para avisar que alguém tinha morrido ou que havia fogo, juntando a função religiosa à da ajuda à comunidade. Aliás, no vídeo acima referido protagonizado pelo senhor Evaristo, faz o simpático octogenário uma outra referência que se prende com uma época por si vivida, o fim da Segunda Guerra Mundial, anunciada pelos “sinos de Portugal e Espanha”, mesmo ali ao lado. (ver vídeo 0504)

Nesta temática do sino da igreja, enquadram-se duas lendas recolhidas pelos alunos da Escola Profissional do Alto Minho Interior, num trabalho intitulado *Lendas do Alto Minho - Melgaço*³. A primeira conta a história de um “sino de ouro” e uma imagem que foram encontrados no rio Minho e, embora reclamados por Espanha, ficaram do lado de cá, na posição “milagrosa” que a imagem escolheu. Reforça esta história a ideia dos supostos milagres realizados por pequenas estátuas de madeira ou de pedra que faziam valer a sua vontade, amedrontando os que conhecessem a história e impedindo-os de contradizerem os seus intuitos. Este temor de contradizer a vontade dos deuses foi durante muito tempo usado pela igreja para manter os fiéis nos seus caminhos, já que ninguém queria sofrer punições eternas. E estes receios eram transmitidos e lembrados aos mais novos que, como tenho vindo a mostrar por exemplo com o caso do jovem Evaristo, prezavam segui-los e não ousavam desafiá-los ou contrariá-los.

Nesta lenda de Sant’Ana, é também digno de nota a referência feita à rivalidade com a vizinha Espanha, tão comum nesta região.

Andava um casal a trabalhar numas leiras situadas junto ao rio Minho e quando levantaram a cabeça avistaram num barco que descia o rio a imagem de uma santa em pedra e um sino que reluzia como ouro.

Cheios de curiosidade dirigiram-se para a margem e repararam que o barco tinha encalhado junto a um coto. Pegaram na imagem e no sino e voltaram para a aldeia onde decidiram o destino a dar àquilo que encontraram.

Depois de conversarem as pessoas pensaram em colocar a imagem de pedra na igreja, mas não tardou muito tempo em que esta se voltasse para Espanha. Após várias tentativas continuava voltada para Espanha e então tomaram a decisão de fazer uma capela onde ficaria na posição por ela desejada. Dali em diante nunca mais a imagem de pedra mudou de posição.

³ Acessível em <http://patrimoniodefuturo.webs.uvigo.es/escola-profissional-epami-melgaco/>

Quanto ao sino os espanhóis que reclamavam ser deles foi levado para uma fundição de Braga para ser tratado, mas quando regressou os habitantes da aldeia repararam que ele tinha sido trocado. Uma pessoa de origem espanhola tinha feito a troca e tinha-o levado para Espanha, para um lugar que fica situado em frente a Paços. Supõe-se que é o sino existente na capela de Santa Marinha, na Ribeira em Espanha. (Recolhida pelos alunos da Escola Profissional do Alto Minho Interior, acessível em <http://patrimoniodefuturo.webs.uvigo.es/escola-profissional-epami-melgaco/>)

A segunda, também sobre um “sino de ouro”, desta vez descoberto no recinto onde se fazia a feira do gado em Paderne, que se “realizava no baldio do monte de Crastos e era uma das mais concorridas da região” (San Payo, 2000:39), lembra a presença dos Mouros na região e que eles “eram ricos”. É a “Lenda do sino de ouro da feira do gado de Paderne”.

Dantes, a maior parte da Península Ibérica era ocupada pelos Mouros, um povo muito rico e sabedor. Andou em luta com os romanos mais de cem anos. Então os romanos ganharam-lhe e deitaram fora os mouros. Antes de saírem da Península deixaram-nos muitas coisas: algumas palavras, os algarismos e alguns monumentos. Devido a terem existido muitos povos na Península Ibérica, o povo começou a criar as lendas que são narrações fantásticas com um cunho de verdade. Então, para dizer que os Mouros eram um povo rico e sabedor há uma lenda para contar: a lenda do sino de ouro da feira do gado.

Conta a lenda que há muitos anos, nesse local da feira sempre que passavam os carros de bois por ali, sentia-se o sino tocar: ‘tlintlim’. Toda a gente ficava admirada e não sabia como isso era causado.

Passaram anos, lustros, décadas e até séculos, até que um dia, a terra tinha sido desgastada pela chuva, pelos carros de bois que por ali passavam e começou-se a ver um bocado do sino. Então o povo reuniu-se e começou a escavar e encontrou um grande e lindo sino de ouro.

Este foi levado para um museu enriquecendo o país. Esta é uma das lendas que fazem crer que os mouros eram ricos. (Recolhida pelos alunos da Escola Profissional do Alto Minho Interior, acessível em <http://patrimoniodefuturo.webs.uvigo.es/escola-profissional-epami-melgaco/>)

Miguel Coelho (2017), na sua dissertação *Religiosidade Popular: tradições, práticas e mitos*, refere como a presença dos Mouros numa região pode ter sido motivo para nascerem “inúmeras lendas a justificar a criação de santuários e capelas” que funcionavam como locais que poderiam combater “as forças anticristãs representadas pelos mouros” (Coelho, 2017:20). Mostra também que é deste modo que nascem, fruto da realidade e da imaginação, determinadas práticas religiosas que englobam ritos e rituais e que

Configuram a relação do homem com o sagrado, englobando ritos, rituais, orações e outros. Os ritos religiosos são heranças culturais religiosas que determinam formas especiais de viver as crenças, nomeadamente o culto e a devoção pessoal. Os rituais religiosos são gestos, palavras, procedimentos, imbuídos de simbolismo, que efetivam os ritos religiosos, sendo resultado das normas estabelecidas por tradições religiosas. Os rituais são as ações e os ritos são as estruturas. (Coelho, 2017:20)

2. As procissões

Praticamente todas as festas religiosas dedicadas ao santo padroeiro realizadas nas aldeias em igrejas, capelas, mosteiros ou conventos eram acompanhadas de procissões, “rituais” (Coelho, 2017:20) onde as pessoas faziam questão de participar e aproveitar para cumprir promessas. “Pelos caminhos alcantilados em declive, lamacentos, escorregadios e pedregosos, não havia pé que não deslizesse e corpo que não se desequilibrasse ao andar” (San Payo, 2000: 157) para tentar acompanhar a procissão, “ao som da música da banda, em ritmo solene e respeitador”. Mais uma vez, continua a mesma autora, “soava o sino da igreja, estalavam foguetes no ar, a canalhada corria para apanhar as canas ardidadas a fumar de pólvora seca” e “tudo aquilo, no entanto, não deixava de ser festa” (San Payo, 2000: 158).

Como mostram estes excertos, as procissões eram cortejos religiosos muito apreciados e respeitados, mas durante os quais se juntavam a devoção com o divertimento, contribuindo para atrair as pessoas e reuni-las à volta deste duplo objetivo.

A obra *As Freguesias do Concelho de Melgaço nas Memórias Paroquiais de 1758*, publicada pela Câmara Municipal de Melgaço em 2005, descreve essa situação da mistura do divertimento com a devoção e refere que

sob a designação de romarias, clamores, votos, procissões, rezadas e outros se designam uma multiplicidade de actos religioso-profanos, à volta de uma devoção em capela ou igreja do lugar, das proximidades ou de parte longínqua onde se dirigem para pagamento de votos e promessas romeiros singulares, grupos de pessoas, comunidades inteiras sob a direção e o comando ou não de elementos eclesiásticos [...] dando lugar a viagens longínquas, que duram por vezes mais de um dia, obrigando a dormidas fora, viagens de noite, com danças e cantares e outros divertimentos, davam origem a muitos desregamentos que desde sempre as autoridades eclesiásticas pretenderam morigerar ou simplesmente extinguir, para abolir tais possibilidades de escândalo (Capela, 2005: 561)

E continua a mesma obra num tom crítico e de censura a falar contra a associação do “cumprimento destes votos à realização incontrolada de danças, festas, galhofas, condenáveis [...] servem mais a muitos de ocasião de ruína do que de devoção” (p.561), o que mostra uma grande preocupação em manter a pureza dos ensinamentos religiosos na luta contra a inclusão de outros modos de vida que eram considerados mais lúdicos e prazerosos para o corpo do que para o espírito. No entanto, e como já referi anteriormente, esta associação do lúdico com o religioso era muitas vezes usada para atrair os mais jovens, ainda pouco consistentes na sua fé e devoção e para permitir que espíritos mais *libertinos* pudessem também ser chamados ao Senhor. Permitiam-se determinadas (pequenas) demonstrações menos religiosas para que todos fossem aceites no círculo religioso da aldeia.

Francisco Augusto Igrejas, na sua obra *Poesia Popular* (1989), inclui um poema dedicado às festas da freguesia de Paderne em 1964 e que se enquadra nesta descrição. Embora o objeto da composição seja uma festa marcadamente religiosa, já que era em honra de um santo padroeiro e realizada num espaço físico pertencente à igreja, o poeta apresenta a festa misturando elementos religiosos como a “capela”, o “convento” e a “procissão” com elementos lúdicos como os “carroceis”, o “circo”, o “fogo de artifício” e a “música”, confirmando o que tenho vindo a afirmar sobre a tentativa de atrair toda a população para o convívio.

Notamos nas nove quintilhas do poema o recurso a uma rima pobre feita com palavras da mesma classe, como os adjetivos “radioso / vaidoso”, os nomes “Lanhelas / Penelas”, os verbos “viu / pariu”, ou ainda o recurso ao diminutivo “-inho” “arminho / anjinho”, mas também uma rima rica, entre palavras de diferentes classes, como adjetivos e nomes, “brilhante / marcante / Sante”. A rima facilitava a memorização do poema e, juntamente com algumas enumerações “carroceis, circo, barracas”, “música, fogo, balões, churros, roscas e cavacas” e aliteraões “carroças, carros, carrinhos” transmitia a musicalidade e alegria indispensáveis. O poeta recorre ainda à utilização de adjetivos em todas as estrofes de modo a tornar vívida a descrição da ocasião.

Mais uma nota pertinente sobre uma referência feita no poema, a qual chega aos nossos dias. Encontra-se na penúltima estrofe e tem a ver com a “oferta generosa da gente laboriosa, que moureja lá por França”. Que objetivo teria o poeta em fazer esta referência? Era com grande orgulho e patriotismo saudável que os emigrantes da região contribuía com avultadas somas que tornavam possível a realização das festas da aldeia, prática ainda hoje comum, já que a maior parte das romarias do concelho se realiza no mês em que mais emigrantes regressam para as suas férias de verão, o mês de agosto, e estas contribuições são recebidas pelos mordomos da festa que, no início do mês andam pelas aldeias “ a pedir para a festa”. Rocha (1993:374), refere na sua obra *Melgaço* que, em agosto, há festas nas freguesias de Chaviães, Cousso, Fiães, Gave, Parada do Monte, Penso, Remoães, S. Paio e na Vila.

Lemos sobre as festas de Paderne,

No começo deste mês,
De Outubro, tão radioso,
Realizou-se outra vez,
Festa ao gosto português,
Que pôs Paderne vaidoso.

Lindas ornamentações,
Carroceis, circo, barracas,

Forasteiros aos milhões,
Músicas, fogo, balões,
Churros, roscas e cavacas.

Formosa iluminação,
Sem artimanha nem truque,
Vinha de grande extensão,
Da capela de Queirão,
Até à porta do Duque,

O Convento, iluminado
Com farolinhos de cor,
Foi bastante apreciado
E também, foi mui gabada,
A fachada do Prior.

Carroças, carros, carrinhos,
Lambretas, vespas e motas,
Apesar de arrumadinhos,
Chegavam desde os Moinhos
Até à porta do “Botas”.

Fogo de vistas, brilhante,
De Viana e de Lanhelas.
Foi uma nota marcante,
Que envaideceu os de Sante,
Os do Pinheiro e Penelas.

A vistosa Procissão,
Com asas, coroa, arminho,
(bandas do Porto e Pejão)
Causou admiração,
Paderne ter tanto anjinho.

P’ra esta festa formosa,
De muita alegria e dança,
Veio oferta generosa,
Da gente laboriosa,
Que moureja lá por França.

Festa assim, tão grandiosa
O concelho nunca viu!...
É a fábula famosa,
Da montanha volumosa,
Que só um rato pariu. (Igrejas, 1989:38)

A D. Virgínia do Carmo conta também como era uma dessas romarias ao santo devoto da sua terra, São Brás, santo protetor “da garganta”.

Neste poema, destacamos um grande número de expressões de sentido positivo que transmitem a “muita alegria” dos devotos naquele momento, “todo o caminho a cantar”, “presença tão bela” e “com amor” e também a descrição da crença que movia o povo, que acreditava não só que o dito “santo” “ouve sempre a nossa voz”, mas também “que depressa melhoramos”. Nota-se também o uso dos verbos na primeira pessoa do

plural, o que transmite um senso de partilha e enquadramento de todos naquela ocasião, “vamos”, “agradecemos”, “recorremos” e “queremos” são alguns exemplos.

Estes momentos, por serem vividos por toda a comunidade, enraizavam-se nas tradições da aldeia e eram mantidos pelos mais devotos que tudo faziam para que não se perdessem e que, de um modo ou outro conseguiam contagiar os menos dedicados à religião. Leiamos os versos da D. Virgínia.

Vamos romeirinhos, vamos
Todo o caminho a cantar
Até ao São Brás chegarmos
Que está lá no seu altar

Está lá no seu altar
Dentro da sua capela
E nós queremos louvar
A sua presença tão bela

A São Brás agradecemos
Tudo quanto faz por nós
Quando a Ele recorremos
Ouve sempre a nossa voz

Se da garganta estamos doentes
A São Brás nos apegamos
E podemos ficar crentes
Que depressa melhoramos

Vamos com muita alegria
Percorrer este caminho
Que é da nossa freguesia
Do padroeiro São Martinho

Agora que terminamos
Despedimo-nos com amor
E a São Brás louvamos
E a Deus Nosso Senhor

3. As festas em honra dos santos padroeiros

A crença no poder dos santos padroeiros era muito acentuada e a população acreditava que realmente cada um deles, na sua área, poderia ajudar a viver melhor e a ultrapassar as dificuldades. Mais uma vez, vamos ao encontro do que tenho vindo a falar, na medida em que, muito provavelmente, o facto de haver um santo para cada “problema” permitia que todos na aldeia, por um motivo ou por outro, tivessem uma aproximação maior à devoção e aos atos religiosos a essa devoção ligados.

A lenda da Senhora da Orada é disto um exemplo e mostra a fé da população na capacidade do santo de realizar um milagre. Consegui recuperar mais do que uma versão desta lenda que a seguir transcrevo, já que em cada uma há variados aspetos que nos dão a conhecer a mentalidade e os modos de vida dos habitantes que se iam mantendo, apesar da passagem do tempo.

No entanto, antes de transcrever as lendas, parece-me apropriado inserir um poema que é um exemplo da quantidade de santos padroeiros a quem eram dirigidas devoções no concelho. O poema, datado da década de 50, encontra-se na obra *Poesia Popular* publicada por Francisco Augusto Igrejas em 1989. Quais são então as “Romarias da nossa terra”?

Minha terra tão bonita,
Alegre a todo o momento
Nas festas a Santa Rita

E, em Fiães, ao S. Bento.

Linda Senhora do Facho,
Tão bela no teu cantinho.
A Romaria que eu acho
Mais linda, do alto Minho.

“Livrai-nos da tempestade”
Diz toda a gente aflita.
“Valei-nos por caridade,
Santa Bárbara, bendita!”

Senhora de Lourdes bela,
Que moras ao pé da estrada
Só de olhar tua capela
Fica a gente abençoada.

Pecadoras como tu
Há no mundo muitas mais.
Ó Maria Madalena
Venerada em Chaviães.

Senhora Santa Marinha,
De Rouças, a Padroeira.
Dizei-me, senhora minha:
Há terra mais altaneira?

Nossa Senhora da Orada,
Tua capela é um ninho
Posta aí por mãos de fada,
P’ra ver as curvas do Minho.

Quem tem filhos tem Cadilhos,
Nem sempre fortes e médios
Salvai nossos lindos filhos,
Ó Senhora dos Remédios!

Nossa Senhora da Graça,
Senhora da Pastoriza.
“Valei-nos!” Diz-vos quem passa
O rio para a Galiza

Santa Maria da Porta
No mundo não tem rival
És padroeira da Vila
Mais linda de Portugal. (Igrejas, 1989:47)

A lenda que transcrevo em primeiro lugar foi retirada da recolha já atrás referida feita pelos alunos da Escola Profissional do Alto Minho e, para além de contar a história do suposto “milagre”, aborda mais uma vez a rivalidade existente entre esta zona fronteira e a Galiza, sendo que, quando algo desaparecia de um dos lados da fronteira, os culpados encontrar-se-iam do outro. Outros aspetos dignos de nota são a referência histórica a uma das épocas em que Portugal foi atingido pela peste, o terrível ano de 1569 e ainda a referência local à “malguinha de vinho” que ainda hoje na maioria das casas substitui os copos.

A lenda da Senhora da Orada

Corria o ano da Graça de Nosso Senhor de 1569, e pelas terras do Vale do Minho espalhava-se a peste. Em todas as freguesias as pessoas estavam apavoradas com o terrível flagelo. Ricos e pobres eram atacados por um grande febrão, e ninguém parecia escapar a esta desgraça. Cheios de pavor e de fé, todos se voltavam para os santos, pois só a eles parecia restar o poder de debelar tão grande infortúnio.

Por essa altura, morava no lugar da Assadura, junto da Senhora da Orada, Tomé Anes, mais conhecido por “Vira-Pipas”, pois andava sempre com uma malguinha a mais. Tomé Anes era uma figura alegre, mas um pouco desbocada, quando importunado com a alcunha. Para além de pequenas leiras que animava, Tomé limpava e arrumava a capela da Senhora da Orada, trabalho que fazia com muito desvelo e devoção.

Numa certa manhã, como de costume, Tomé foi arranjar a capela. Como ainda era cedo, só tinha tomado o seu “mata-bicho”, lá em casa, e uma pequena malga de vinho na tasca da Mirandolina. Chegado à capela, o “Vira-Pipas” quase morreu de susto, pois a imagem da Senhora da Orada não estava no seu lugar, nem em qualquer outro! Às vezes acontecia que chegava a ver duas ou três imagens da Senhora, quando a borracheira passava do normal. Não ver nenhuma assustava-o seriamente. Cego não estava! Ainda perguntou à imagem do Senhor S. Brás pela ausente, mas como este não respondeu, pensou que teriam sido os galegos os autores de tão vil afronta. Furioso saiu o “Vira-Pipas” em direcção à Vila para comunicar o sucedido ao Alcaide, e disposto a juntar o povo para enfrentar tal desfeita.

Ia o Tomé nestes propósitos pela via romana, quando o chamaram da casa do Arrocheiro para dar uma ajuda na trafega do vinho. Este era trabalho a que nunca se negava o Tomé, já que entre o passar dos cabaços de vinho lá ia bebendo uma pequena malga do apreciado líquido.

Depois de muito bebido e comido, o “Vira-Pipas” deixou-se levar pelo sono, de modo que só noite dentro acordou e contou o sucedido para os lados da Orada ao seu amigo. Conhecendo os hábitos do Tomé, este só se riu, não acreditando em tão fantasiosa história. Mas como o Tomé insistia tanto, concordou em confirmar o acontecido com uma visita à Igreja. Ao entrarem, verificaram que a imagem da virgem estava no seu lugar. O único surpreendido era o “Vira-Pipas”!

No dia seguinte, muito envergonhado, Tomé decidiu ir à Senhora da Orada mais cedo do que era costume. Para testar as suas capacidades, num grande esforço, não bebeu a sua malguinha de vinho, nem o imprescindível “mata-bicho”! Chegou até a meter a cabeça debaixo da fonte para dissipar os possíveis vapores alcoólicos do dia anterior.

Na capela verificou que só estava o menino Jesus, sentado com aquela cara de choro que toda a criança tem quando a mãe não o leva ao colo. Tomé ficou abismado, sem saber o que fazer. Com medo que se rissem dele, não contou a ninguém, preferindo entregar-se ao trabalho, ao ponto dos conhecidos ficarem admirados com tal dedicação.

De manhã e à noite ia à capela, e verificou que a Senhora da Orada voltava à noitinha. Umas vezes levava o menino, outras não. Só o Tomé sabia destas fugas, e pressentiu naquele mistério uma grande responsabilidade. Não lhe passava da ideia o que lhe acontecera, julgando-se destinatário de uma mensagem da Senhora para que abandonasse o consumo do álcool. Por isso, começou a diminuir no vinho, o que a todos surpreendeu!

Enquanto isto sucedia ao pobre do Tomé, em Riba de Mouro, no concelho de Monção, os habitantes viraram-se para a milagrosa Senhora da Orada a fim de se livrarem da mortífera peste, que por aqueles anos assolava toda a região. Para agradar à Senhora, prometeram uma romagem anual à capela.

Depois de aparecerem os primeiros casos, surgiu na dita freguesia uma senhora, muito bonita e educada, que dizia como saber tratar aquela doença. Ninguém sabia donde ela viera. Entrava na casa das pessoas doentes, mandava fazer um chá com uma planta que trazia

no alforje, e juntando outras ervas, mandava preparar um banho que ela própria passava no corpo do doente, fosse mulher, criança ou homem. Recomendava às pessoas que se lavassem com ervas de Santa Maria e folhas de sabugueiro, que defumassem as casas com alecrim e lavassem as roupas amiúde.

A bondosa dama não tinha mãos a medir! De manhã até à noite, não parava de atender doentes. Não comia nem aceitava convite para ficar à noite com eles. Quando trazia um menino, que dizia ser seu filho, este ajudava a descobrir a erva de Santa Maria e os sabugueiros que o povo não sabia onde mais encontrar.

Entretanto passaram-se quarenta dias, e a peste abrandou. Poucas pessoas sobreviveram ao flagelo, mas em Riba de Mouro ninguém morreu! A Senhora que tinha ajudado a população desapareceu tal como havia surgido. Todos se perguntavam agora sobre a identidade daquela misteriosa Senhora. Alguém se lembrou, então, que a roupa, e até a fisionomia, eram iguais à da Senhora da Orada!

Nesta certeza, logo partiram em romaria ao seu santuário, agradecendo a protecção. Vendo tal devoção e escutando o sucedido, o Tomé entendeu rapidamente o que lhe tinha sucedido e resolveu contar a todos o desaparecimento da Senhora naqueles dias anteriores. Agora, todos acreditaram!

Os romeiros partiram, espalhando o relato do milagre por todas as freguesias. (Recolhida pelos alunos da Escola Profissional do Alto Minho Interior, acessível em <http://patrimoniodefuturo.webs.uvigo.es/escola-profissional-epami-melgaco/>)

Conseguí também uma versão desta lenda contada pela D. Virgínia do Carmo com muitos pormenores semelhantes a esta versão escrita que acabo de inserir e que é um testemunho vivo de alguém que ainda se lembra de ver “a procissão que vinha de Riba de Mouro até à capela da Senhora da Orada”. (ver vídeos 00010, 00011 e 00012)

Destaca-se em ambas as versões a personificação da protagonista, “a Nossa Senhora da Orada”, uma entidade considerada sagrada e capaz de realizar grandes feitos para auxiliar os que nela se mostrassem crentes.

As imagens que materializam entidades santificadas pelas pessoas são protagonistas de muitas histórias e, neste momento, gostava de incluir uma outra história contada pelo senhor Evaristo Esteves que, para além de mais uma vez fazer referência à rivalidade entre as freguesias, inclui um pormenor interessante que levou os proprietários da imagem a perderem os seus direitos sobre a mesma.

Conta o senhor Evaristo que uma imagem era carregada com destino à capela de Paços, mas, como ao passar por Penso, já estava a ficar escuro, decidiram parar para pernoitar e guardaram a imagem na igreja paroquial. Acontece que, de manhã, os habitantes da freguesia de Penso não deixaram levar a imagem porque esta, para poder sair da igreja, teria de ter entrado “de costas”. Ficaram deste modo “os de Paços” sem a sua imagem e com certeza muito contrariados, mas ninguém ousou contrariar uma tradição estabelecida desde os tempos mais antigos. (ver vídeo 00068)

“Sobre estas antigas imagens envoltas em tradições mais ou menos afins”, na obra *Obra Histórica I* o seu autor, Padre Manuel António Bernardo Pintor, refere que muitas dessas

imagens foram escondidas pelos cristãos que fugiram quando os Mouros invadiram a Península Ibérica no princípio do século VIII. Os cristãos as esconderam para não serem profanadas, na esperança de um dia voltarem às suas terras e poderem recuperá-las. Porque muito não voltassem, ficaram tais imagens desconhecidas. (Pintor, 2005.: 177)

O mesmo autor cita “o grande historiador Padre Miguel de Oliveira na sua obra *Santa Maria na História e na Tradição Portuguesa*” que explica que

Talvez se possa aventar uma explicação para o aparecimento de tantas imagens. Nos primeiros séculos da Monarquia eram numerosos os que se retiravam dos povoados para viverem como eremitas. A fim de poderem sustentar-se, faziam peditórios, à margem dos caminhos apresentando aos transeuntes uma imagem da sua especial devoção. Quando o ermitão morria ou se deslocava, ou esquecia o sítio em que a tinha guardado, lá ficava a imagem à espera de que alguém a encontrasse. Muitos desses ermitães devem ter morrido na peste grande de 1348. (Pintor, 2005.: 177)

Outra história muito interessante está associada a uma prática muito peculiar, esta ainda feita dos dois lados da fronteira, e à qual já tive o prazer de assistir. Trata-se de “alumiar a São Tomé” na noite de 21 de dezembro, utilizando para tal feixes de palha seca aos quais se pega fogo numa clareira da aldeia.

No âmbito desta pesquisa, o que quero destacar é a frase que se repete durante este processo e que quando se ouve, sem conhecer a história, não se percebe o que tem a ver com todo aquele ritual, mas que toda a gente repete.

Dizem todos, com a palha na mão, “Viva o senhor S. Tomé! Viva!”. Até aqui, tudo bem, mas o que se segue... “Viva o velho e viva o novo!” ... A verdade é que o efeito dos molhos de palha a arder na noite em vários pontos do vale, estendendo-se além-fronteira é tão particular que a preocupação com o significado das palavras que o acompanham perde um pouco importância e, arrisco dizer que hoje, muitas das pessoas que a dizem não sabem como supostamente começou. Agradeço ao senhor Manuel Cordeiro, de 83 anos, de Penso, que me contou a história.

Explicou-me que “o velho” era a antiga imagem que foi substituída por promessa de um pobre homem que, ao vir do monte com um carro de bois carregado de tojo, perdeu o controlo do mesmo e dos animais e, na tentativa de tudo salvar, prometeu ao santo padroeiro da terra, o S. Tomé, mandar fazer uma imagem nova para a sua capela situada no cimo da montanha. Acontece que as duas imagens do santo padroeiro, “o velho” e “o

novo” acabaram por coexistir e manter viva a tradição que passa de geração em geração, embora perdendo infelizmente alguns detalhes esclarecedores. (ver vídeo 00065)⁴

Durante a recolha efetuada com o objetivo de encontrar composições de caráter religioso, pude confirmar como a devoção à senhora da Peneda está fortemente enraizada e se mantém muito presente entre a maioria da população melgacense residente e emigrante que, quando vem de férias, como já referi, tradicionalmente no mês de agosto, forma verdadeiras romarias ao santuário. Constatei que todas as quadras referentes à santa padroeira foram passando de geração em geração, adotaram algumas pequenas variantes que não alteraram a importância e o valor atribuídos à devoção e à suposta capacidade de realizar milagres, entre os quais o casamento.

Administrativamente, o santuário pertence ao concelho dos Arcos de Valdevez, mas, geograficamente, encontra-se cerca de 12 km mais perto da vila de Melgaço do que daquela vila. Talvez esta proximidade tenha facilitado a atração da população do concelho limítrofe de Melgaço que ainda hoje ocorre à festa realizada em honra da santa no início do mês de setembro, mantendo inclusivamente a tradição das “novenas”, nove dias de devoção e reza, e mantendo viva nas suas quadras a imagem da mesma. Incluo alguns exemplos.

O primeiro conjunto, com muitas semelhanças, inclui uma quadra transmitida pela D. Benita Gonzalez, utente do Centro de Dia Castro Solidário, em Castro Laboreiro, muito parecida com outra referida pela D. Virgínia do Carmo, de Paderne, que transcrevo juntamente com mais duas e nas quais se refere a admirável localização geográfica do santuário, literalmente “entre cotos e penedos”.

Da D. Benita,

A senhora da Peneda,
Onde ela se foi por
Entre cotos e penedos
Carrasquinhas ao redor (Benita Gonzalez, ver Anexo III, nº 14)

Da D. Virgínia,

A senhora da Peneda
Tão altinha se foi pôr
Entre cotos e penedos
Carvalhinhos ao redor

⁴ Recomendo a visualização da reportagem feita sobre esta prática pela Alto Minho TV, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=vWuwXAo3CPU>

Ó senhora da Peneda
Eu tenho um lenço de ouro fino
Lavado na água benta
Secado ao sol divino

Ó Senhora da Peneda
Senhora da Penedinha
Vós chamai-me afillhada
Eu vos chamarei madrinha (Virgínia do Carmo)

Augusto César Esteves, em *Obras Completas*, inclui também três quadras que passo a citar. Na primeira, faz referência aos “confeitos”, pequenos doces tradicionais aos quais as pessoas só tinham acesso nos dias de festa e que, sobretudo as crianças, apreciavam muito. É interessante poder ver o sucesso que a venda dos “confeitos” tem ainda hoje nas imediações do santuário onde simpáticas senhoras de idade continuam a vender os saquinhos coloridos que despertam a curiosidade dos mais pequenos e a nostalgia dos mais crescidos.

Nas outras duas quadras, note-se como era preciso ânimo e coragem para a difícil viagem que se fazia a pé, “por entre a ramagem dum robledo secular e a carcomida penedia duma serra altaneira” (Esteves, 2003a: 571). Pede-se ajuda à Senhora da Peneda, “ajudai-me e dai-me a mão”, mas encoraja-se a caminhada porque “correr a gosto não enfada”.

Para onde vais, Mariquinhas?
Para a Peneda.
Então trazes-me confeitos?
Ora... adeus... à vinda falaremos.

Ó Senhora da Peneda
Ajudai-me e dai-me a mão,
Que eu sou rapariga nova,
E sofro do coração

Raparigas, vamos depressa,
O caminho não custa nada.
Quem tem amores não dorme
Correr a gosto não enfada. (Esteves, 2003a: 571)

Também a D. Ilda da Conceição Xavier (ver vídeo 00043) e a D. Maria Rosa (ver vídeo 00051), utentes da Associação Castro Solidário, lembram duas quadras dedicadas à Senhora da Peneda.

Ó Senhora da Peneda,
Senhora minha madrinha
Tapou-me com o seu manto
Batizou-me na sua pia.

Senhora da Peneda
Tem um telhado de vidro
Que lhe deu um marinheiro
Que anda no mar perdido.

Embora se recorresse aos supostos poderes da entidade religiosa para curar principalmente males físicos, confirma-se nesta composição que os males do coração, “sofro do coração”, poderiam significar outro género de males, ou seja, de amor. Daí, se explica como, nas quadras que se seguem, se dê destaque a um elemento comum que se prende com a menção ao casamento. Note-se ainda como estas duas realidades, a religião e o casamento, se aproximam numa tentativa de realizar o sonho das jovens solteiras.

A D. Maria de Castro, de Sante, diz:

Ó Senhora da Peneda
No teu terreiro te digo
Não venho aqui outro ano
Sem vir meu amor comigo.

A Senhora da Peneda
Tem um tiare que não teçe
Ou ela anda de amores
Ou o tiare lhe aborrece. (Maria de Castro)

Do senhor Arlindo de Barros, de 87 anos, do Lugar do Ribeiro de Cima, em Castro Laboreiro, utente da Associação Castro Solidário,

Ó Senhora da Peneda,
senhora da penedinha,
P’ró ano lá hei-de ir
Casada ou solteira
Ou criada de servir (Arlindo de Barros, ver vídeo 00035)

Da D. Maria Rosa Fernandes, de 81 anos, do Lugar de Coriscadas, Castro Laboreiro, também utente da Associação Castro Solidário,

Ó Senhora da Peneda,
Venha-me esperar ao peito
Não tenho pai nem mãe,
Nem amor do lado direito (Maria Rosa Ferreira, ver Anexo III, nº 20)

Da D. Alzira Esteves, de 72 anos, do Lugar das Eiras, Castro Laboreiro, também utente da Associação Castro Solidário,

No terreiro da Peneda,
Tratei o meu casamento,
Nau tenha pena ninguém
Palavras leva-as o vento. (Alzira Esteves, ver vídeo 00038)

Da D. Aurora Alves, de Castro Laboreiro, utente da Associação Castro Solidário,

Ó Senhora da Peneda,
Venha ver o que aqui vai
Vai a murrinha pelos moços
Que até o cabelo lhe cai! (Aurora Alves, ver Anexo III, nº 19)

Também Augusto César Esteves, na sua obra acima referida, inclui mais duas quadras que se enquadram nesta temática.

Ao pé no terreiro
Rosa não fujas de mim,
Iremos rezar à Senhora
Eu por ti, e tu por mim.

Unidinhos no coração,
Unidinhos no pensamento,
Que o padre nos una depois
Com os laços do casamento. (Esteves, 2003a: 571)

O modo como apareceu naquela “terra tão fragosa, e de tão ásperas montanhas e rochedos [...] pelo inculto e inacessível de seus penhascos [...] uma montanha altíssima (distante cinco léguas do Soajo, de penedos muito grandes, à vista soltos e mal arrumados” (Santa Maria, 1712) uma construção como hoje conhecemos, deu origem à criação de uma série de histórias e lendas, com algumas semelhanças, que a seguir transcrevo.

A primeira, publicada no jornal *Notícias de Melgaço* e recuperada por Esteves (2003), explica a aparição da senhora da Peneda e compara o número de devotos desta padroeira cujo santuário era de tão difícil acesso, com outros que têm um menor número de fiéis.

Este mês da Senhora da Peneda lembra-me sempre e com que saudade me lembra os tempos em que eu era criança traquina e travessa! Como sempre me traz à lembrança a boa da tia Rosa e mais a história, para ela verídica, das *Seis Senhoras Irmãs* que um dia sua excelsa mãe Santa Ana de paços forçou a separarem-se, para nestas terras próximas ao velho Melgaço melhor ouvirem e atenderem as súplicas dos homens. Eram elas a Senhora do Rosário, de Paderne, a Senhora da Orada, a Santa Maria da Porta, a Senhora do Campo, a Santa Maria da Gave e a Senhora da Peneda, que no momento triste da abalada, por ordem de idades foram dizendo a terra que escolhido tinham para minorarem os sofrimentos da humanidade. E porque as mais velhas tinham escolhido as melhores freguesias do velho alfoz de Melgaço e só uma preferira o termo de Valadares, a mais nova, a Senhora da Peneda, lançou-lhes em rosto o seu egoísmo de escolherem a ribeira, obrigando-a a ela, mais nova, a ir para longe de sua mãe. E palavra puxa palavra, como última despedida a Senhora da Peneda disse para as irmãs:

- Pois bem; o tempo dirá quem mais os homens vão visitar: se a vós na Ribeira, se a mim na montanha! E a boa da tia Rosa acabava assim a sua história:

- E não há dúvida, menino, que nenhuma delas é tão visitada como a Senhora lá das fráguas da Peneda. (Esteves, 2003a:570)

Outra lenda encontra-se recuperada na *Obra Histórica* (Pintor, 2005) em relação à existência de eremitas na região e que por acaso descobriam “imagens escondidas pelos cristãos.”

Aqui, entre ásperas serras, ao pé de uma altíssima e precipitada penha, foi achada há muitos anos, em uma lapa, Nossa Senhora da Peneda. É tradição que a descobrira um criminoso natural de Ponte de Lima que acoçado da justiça passava miseravelmente a vida entre estes solitários bosques, servindo-lhe as feras de companhia, e nestes termos bem se pode presumir o quanto passaria desgostoso e maltratado, causa de recorrer a Deus com penitências acompanhadas de grande arrependimento, do que é evidente prova o consentir a Senhora que ele fosse o primeiro que a visse, depois de tantos anos estar oculta. É de cor morena e o corpo menos de palmo com o menino Jesus no braço; é imagem milagrosa, e de grande romagem todos os anos [...]. (Pintor, 2005:176)

Também os alunos da Escola Profissional do Alto Minho incluíram no seu trabalho uma lenda que se intitula Aparições da Nossa Senhora da Peneda⁵ e que inclui, provavelmente com o intuito de dar mais crédito à história, um suposto milagre com a identificação da pessoa curada, a senhora “Domingas Gregório”.

Conta-se que a Senhora da Peneda apareceu em cinco de Agosto de 1220 a uma serraninha que pastoreava por entre aquelas penedias, algumas cabras.

A Senhora apareceu-lhe em forma de uma pomba branca voando ao redor dela e, pediu-lhe que dissesse aos do seu lugar da Gavieira para lhe edificarem naquele lugar uma ermida; a pastorinha falou aos seus pais, da Senhora, mas sem efeito, porque não lhe deu crédito.

Noutro dia, voltando a pastorinha com as suas cabras por aquelas mesmas paragens, lhe tornou a aparecer a mesma Senhora na mesma lapa, não como na primeira vez, em forma de pomba (como ela referia) mas na forma em que hoje se vê, e lhe disse: filha, já que te não querem dar crédito ao que eu mando, vai ao lugar de Roussas (que fica na mesma freguesia de Gavieira, no mesmo termo do concelho de Soajo) onde está uma mulher entrevada há dezoito anos e diz aos moradores do lugar que tragam à minha presença, para que ela fique de perfeita saúde, e assim te darão crédito ao que eu te ordeno.

Assim o fez a venturosa pastorinha, e trouxe a mulher que se chamava Domingas Gregório. Tanto que esta chegou à vista daquela Sagrada Imagem da Rainha dos Anjos, logo alcançou uma perfeita saúde e ficou livre e sã de todos os males que padecia, louvando a Virgem Senhora pelo singular benefício que lhe havia feito. (Recolhida pelos alunos da Escola Profissional do Alto Minho Interior, acessível em <http://patrimoniodefuturo.webs.uvigo.es/escola-profissional-epami-melgaco/>)

Eram histórias como estas que iam sendo contadas de geração em geração que mantinham acesas as chamas da devoção religiosa. Nelas se misturavam factos e mitos que satisfaziam a curiosidade de todos.

4. A Inês Negra

Num âmbito fora da religião, mas impregnadas de muitas lições de moral, continuo com as composições moralistas protagonizadas por Inês Negra e Tomás das

⁵ Acessível em <http://patrimoniodefuturo.webs.uvigo.es/escola-profissional-epami-melgaco/>

Quingostas. Quem foram estas personagens? Por que são símbolos no concelho? Por que interessam as suas histórias e como é que as mesmas se enquadram no âmbito desta pesquisa?

Pelos seus feitos na época em que viveram, foram personagens que ficaram na história. O que me interessou, além do facto de se terem tornado lendas, o que se enquadra verdadeiramente nesta recolha, são as histórias que se contam, o modo como se contam e a maneira como são usadas para transmitir exemplos, valores e princípios às gerações vindouras, contar como esses antepassados defenderam a sua terra, lutaram por ela e firmaram a sua liberdade e independência.

Despertou-me a curiosidade ter encontrado tanto material escrito sobre o Tomás das Quingostas, tendo em conta que é quase sempre apresentado como “homem de muitas matanças” que “vidas sem fim ceifou”, segundo uns versos retirados de um poema de poeta anónimo, recuperados por Ilídio Sousa (2016), no seu blogue “Melgaço, do Monte à Ribeira”⁶

No entanto, Tomás é também descrito como “un ladrón bon, romántico e decimonónico, que roubaba aos ricos para dárllelo aos pobres. Um verdadeiro Robin Hood en versión enxebre”, como nos faz chegar Valter Alves no seu blogue intitulado “Entre o Minho e a Serra”, onde transcreve o que se conta na vizinha Galiza sobre este “famoso” melgacense nascido em Melgaço, na freguesia de S. Paio⁷.

Mas, começo pelas senhoras... Muitos autores fazem referência ao episódio histórico da Inês Negra a quem Fernão Lopes se refere na sua *Crónica de D. João I* como “a batalhadora, imagem simbólica das energias femininas [...] a heroína de Melgaço” (Melgaço, 1991:118-119). Também o saudoso Professor José Hermano Saraiva lhe dedicou atenção no programa “Horizontes da Memória” dedicado à vila de Melgaço, transmitido pelo canal RTP em 1998.⁸

O Professor e Historiador refere como esta mulher no meio “das tropas do mestre de Avis” desafia a “renegada”, uma outra mulher “má e desleal” que apoiava as tropas de Castela. Segundo o mesmo, este episódio destaca não só “o valor, a coragem e a

⁶ Acessível em <https://iasousa.blogs.sapo.pt/o-assassino-tomas-das-quiringostas-183035>

⁷ Acessível em <http://blogs.laopinioncoruna.es/xurxosouto/category/historias/>

⁸ Recomendo a visualização da reportagem através do link <https://www.youtube.com/watch?v=E2wr7CXU0kI>, não só pela descrição que o historiador faz desta vila da qual tenho vindo a falar, como reconta a história desta corajosa mulher, exemplo de “força e valentia das mulheres do Ato Minho”.

resistência” de Inês Negra, mas “a tenacidade, a força e a valentia, virtudes femininas das mulheres do Alto Minho”.

Também a D. Virgínia do Carmo, num poema dedicado à sua vila-natal faz referência a Inês Negra que “ajudou” o rei D. João I. Transcrevo de seguida todo o poema escrito pela D. Virgínia porque reflete a visão da vila feita por uma melgacense nos nossos dias, visão essa que poderia ter muito bem sido a da própria Inês Negra já que notamos muitas semelhanças e referências que se encontram nos outros dois poemas dedicados a Inês, que também transcreverei, e até na lenda recuperada por Valter Alves no seu blogue “Melgaço, entre Minho e a Serra”.

Todos os textos apresentam Inês como “guerreira”, “brava”, “valente” e uma mulher pronta “para o bem e para o mal” a poder lutar ao lado das tropas do rei, “a favor de Sua Alteza” para “defender a vila” dos “vis perros castelhanos” e dar-lhes “uma lição verdadeira”. A jovem mostra-se fiel “à causa portuguesa” e à sua “terra” que “é lusitana”. É desta disposição e apego cego ao que é nosso e à defesa e afirmação da nossa independência que é importante e necessário que as gerações vindouras se lembrem. Foram estas qualidades e estas virtudes que nos salvaram naquela época e que nos poderão salvar hoje ou nos dias vindouros.

Conta a D. Virgínia, no seu

“Amor a Melgaço”

IV

Melgaço terra tão linda
Sua beleza é infinita
Não há outra igual
Foi escolhido o seu cantinho
Á beira do rio Minho
No início de Portugal.

É rico em monumentos,
Tem igrejas e conventos
Maravilhosas capelas
Estas obras importantes
Encontram os visitantes
Que levam saudades delas.

II VI

Melgaço e o seu castelo
Alterneiro e muito belo
Com grande historial
D. João I lutou
Inês Negra o ajudou
E assim venceu Portugal.

As pessoas que o visitam
Muitos dias aqui ficam
A admirar o seu encanto
A beleza dos seus montes
A água das suas fontes
E o verde dos seus campos.

III VII

E com isto os inimigos
Ficaram desiludidos
E com uma raiva tamanha
Melgaço ficou contente
Porque deixou para sempre
De pertencer à Espanha.

Possue novas avenidas
Muito bem construídas
Com gosto e perfeição
Mas as ruas mais velhinhas
Apesar de estreitinhas
São linda recordação.

IV
Melgaço de lindos amores
Jardins com tantas flores
Canteiros com belas rosas
Andorinhas nos beirais
Misturadas com pardais
E varandas muito vistosas.

De José Jorge Letria (1995), na obra *O Dia de Inês Negra* lemos o seguinte poema dedicado à “brava” heroína e do qual destacamos os versos da terceira estrofe que ficam para exemplo de qualquer patriota. Inês Negra “mostrou à Arrenegada a força que tem a alma de uma pátria libertada”. É a este espírito que é preciso apelar num país cujas fronteiras foram durante a História palco de muitas guerras e disputas.

Três vivas à Inês Negra
brava mulher de Melgaço
que venceu a Arrenegada
e lhe meteu grande cagaço

Três vivas à Inês Negra
que fez descer a terreiro
a sua crença valente
sem ter armas de guerreiro

Três vivas à Inês Negra
que mostrou à Arrenegada
a força que tem a alma
de uma pátria libertada

Três vivas à Inês Negra
neste largo arraial
onde se joga em duelo
a sorte de Portugal

Três vivas à Inês Negra
com o estandarte de Aviz
e a festa dos soldados
reconquistando o país

Três vivas à Inês Negra
por ser guerreira e mulher
e por ter no dia certo
a força que faz vencer
quem sabe tomar partido
quem tem razão para escolher. (Letria, 1995)

Ainda o poema de Joaquim A. Rocha, escritor e investigador nascido em Melgaço, publicado no seu blogue “Melgaço, Minha Terra” a lembrar os “Tempos de glória”⁹. É um longo poema dialogado com quase quarenta quadras que transcrevem a conversa da

⁹ Acessível em <http://melgacominhaterra.blogspot.com/2018/10/poemas-do-vento-por-joaquim-a.html>

jovem Inês com um seu amigo, a preparação para a batalha, a conversa com o rei, o desafio da Arrenegada e a vitória. Sobressaem mais uma vez a coragem e a bravura da decidida jovem, mas desta vez aliadas à proteção divina, “ao bom deus meu corpo dou”, “pedindo a Deus pretesia”. Este aspeto é relevante num contexto geralmente muito religioso onde a igreja esteve sempre muito próxima da coroa e, num contexto mais local onde essa influência era ainda mais notória, visto que, como já anteriormente referi, a figura do padre era uma autoridade e um exemplo para a população.

Tempos de Glória

Andava a jovem Inês
Na lavoura labutando
Quando o filho da Mercês
Lhe traz a nova brincando:

- Sabes tu, minha aguerrida,
Quem vem afoito a Melgaço?!
- Que voz assaz atrevida,
És tu tolo, ou madraço?!

- Nem uma cousa, nem outra;
Só te digo o que ouvi.
- Vai gozar com a Picouta,
Essa gosta mui de ti.

- Não compreendes, mulher,
O que te quero afirmar:
É o rei, que deus o quer,
Que está mesmo a chegar!

- És mentiroso e vil,
Reles bastardo embusteiro;
Não estamos em Abril,
É início de Janeiro.

- Não me queres entender,
O rei vem tomar Melgaço;
Não acreditas, vais ver,
Eu não sou nenhum palhaço.

- Se vier, venha por bem,
Ao berço de Portugal;
Irei com ele também,
Para o bem e para o mal.

Tomaremos o castelo,
As muralhas de granito;
- Eu levarei camartelo,
Aqueles muros eu brito!

- Irá Paderne inteiro,
Também Prado e Remoães...
- Levarei o Zé Sineiro,
O Manetas e seus cães.

- Ao alcaide lembraremos:
«*esta Vila é portuguesa*»;
- Contra seu poder marchemos
A favor de Sua Alteza.

Ao longe ouviram marchar
Os mil cavalos reais;
À frente el-rei a mandar...
Atrás iam os demais!

- Avante, gente guerreira,
Pelo chão dos lusitanos;
Dêmos lição verdadeira
Aos vis perros castelhanos.

A infantaria avançava,
Eram bem mais de mil lanças;
Álvaro Pais nem sonhava:
Terminaram as bonanças.

Vem o rei, e logo Inês
Se ajoelha (linda tela):
- Este solo é português,
Não é praça de Castela.

Ergue-te daí, mulher,
E com a hoste te irmana;
Em breve, se deus quiser,
Esta terra é lusitana.

- Obrigada, meu Senhor,
Contra o ladrão lutarei;
Cubra-se o mundo de dor
Se outra for diversa lei.

Já perto da fortaleza
Ouvem-se gritos de medo;
Sentiam, como certeza,
A derrota e o degredo.

Aquela gente rezou...
O alcaide esperava
Ajuda que não chegou,
Milagre que já tardava.

Uma mulher, das da Vila,
Armada em forte e valente,
Moldada em frágil argila,
Grita com voz estridente:

- Sei que no vosso arraial
Há uma mulher decidida;
Melgaço será Portugal
Se me levar de vencida!

Referia-se à brava Inês,
Símbolo da força e bem;
Bonita, morena tez,
Um lindo olhar de desdém.

Aos ouvidos do soberano
Chegou a notícia arteira;
Sorriu, com sorriso lhano,
Achou graça à brincadeira.

Mas Inês, que tal ouvira,
Correu veloz prò seu rei:
- Meu Senhor, não é mentira,
A traidora enfrentarei.

Chamamos-lhe a Arrenegada
Por defender a Castela;
É virago bem armada,
E tem dentes de cadela.

Dom João, por precaução,
Cede à insólita luta;
Sem vincular a nação,
Sem desistir da disputa.

Eram da tarde três horas;
Um sol breve refulgia...
Chegavam as mães e noras,
As comadres da Folia.

De Fiães, veio a rainha,
Numa égua ajaezada,
Dom abade e a sobrinha,
A fidalga e a criada.

De Paços vem o “Faz-Tudo”,
E sua vizinha Alzenda;
Julgavam estar no entrudo,
Queriam assistir à contenda;

Todo o mundo queria ver
Aquela absurda liça;
Entre criaturas de crer,
Ouvintes da mesma missa.

Forte porta se abriu,
Dela surge a guerreira.
Romana deusa a pariu,
Não parecia verdadeira!

A Inês, sem embaraço,
Ergueu o braço e gritou:
- Por Portugal e Melgaço,
Ao bom deus meu corpo dou.

Lutaram horas a fio,
Numa ânsia de vencer;
Esqueceram chuva e frio,
O medo que faz tremer.

De repente, mão gigante,
- daquele chão lamacento –
Ergue troféu arrogante:
Mil cabelos e um cento!

Não se sabia quem era
A virago vencedora;
A Inês, feita quimera,
Ou a lacaia traidora.

Era Inês, quem o diria!
De olhos fixados no céu,
Pedindo a deus preitesia,
Melgaço para o rei seu.

O Dom João, comovido,
Disse-lhe com emoção:
- «*És um peito destemido,
Tens alma de capitão.*»

- Melgaço é minha terra,
Nobre rincão deste Minho;
Cem vales, agreste serra,
Verdes searas, alvo linho.

Vá-se embora o castelhano,
O cruel usurpador;
Viva Dom João soberano,
Um rei justo e sabedor.

Assim acaba a história,
Com um final tão feliz;
Inês Negra ganhou glória,
A outra, ruim chicória,
A fama de calhastriz. (Joaquim A. Rocha)

Para terminar a referência a Inês, duas lendas.

A primeira, recuperada por Valter Alves, no seu blogue “Entre o Minho e a Serra”, que transcrevo na íntegra¹⁰. A segunda, recuperada por Fernanda Frazão, na obra *Lendas Portuguesas*, e da qual transcrevo alguns excertos mais significativos para esta pesquisa, ou seja, a importância dada à coragem e à lealdade de Inês, um exemplo a ser seguido por todas as mulheres melgacenses.

A lenda recuperada por Valter Alves.

Esta história teve lugar em 1388, no início do reinado de D. João I, em que se travou uma guerra contra Castela pela independência de Portugal. Esta contenda, em que sobressaíram os feitos do Condestável Nuno Álvares Pereira e de muitos nobres portugueses, dividiu a aristocracia e o povo português, tomando muitas terras o partido de Castela.

Foi durante esta guerra civil que a Inês Negra, uma mulher do povo fiel à causa portuguesa, abandonou Melgaço quando esta cidade se pôs ao lado do rei de Castela. Quando D. João I decidiu reconquistar Melgaço, Inês Negra juntou-se ao seu exército, mas as duas facções nunca chegaram a defrontar-se. A batalha travou-se entre Inês Negra e uma sua inimiga de longa data, a "Arrenegada", que tinha optado por apoiar os castelhanos. A

¹⁰ Acessível em <https://entreminhoeserra.blogspot.com/search?q=In%C3%AAs+Negra>

lenda diz que a "Arrenegada" desafiou Inês Negra do alto das muralhas, propondo que a contenda fosse resolvida entre ambas com o acordo do exército castelhano.

D. João I assistiu espantado à resposta de Inês Negra que dizia aceitar o desafio. Ambos os exércitos concordaram com este duelo e a Inês Negra, de espada na mão, defrontou a sua inimiga apoiada pelos gritos de incitamento dos homens de D. João I. O silêncio instalou-se quando a "Arrenegada" fez saltar com um golpe a espada das mãos de Inês, mas esta tirou uma forquilha da mão de um camponês e fez-se à luta, procurando atingir a "Arrenegada" nas pernas. Sentindo-se em desvantagem, esta atirou fora a espada e pegou num varapau que quebrou com fúria nas costas de Inês. Louca de fúria e de dor, Inês Negra largou a forquilha e atirou-se com unhas e dentes à sua oponente, rolando ambas no chão empoeirado. Um grito de dor gelou a assistência, que não conseguia perceber qual das duas vencera. Foi então que a "Arrenegada" se levantou e fugiu para o castelo, tapando as nódoas e o sangue do rosto com as mãos.

Os castelhanos abandonaram Melgaço no dia seguinte e D. João I quis recompensar a heroína, mas esta respondeu que estava plenamente recompensada pela sova que tinha dado à sua inimiga. (publicada por Valter Alves no seu blogue "Entre o Minho e a Serra, acessível em <https://entreaminhoeaserra.blogspot.com/search?q=In%C3%AAs+Negra>)

A lenda recuperada por Fernanda Frazão.

A Inês Negra é uma outra heroína popular desses tempos conturbados [...] era uma virago poderosa e musculada. D João juntou um exército bastante razoável e foi pôr cerco a Melgaço, onde os castelhanos se prepararam para resistir ao combate da sua fúria. Contudo, nenhum dos exércitos chegou a guerrear. A batalha resolveu-se de outro modo: numa luta singular entre duas mulheres, ambas de Melgaço e inimigas de longa data. Os exércitos, assim como a população, limitaram-se ao papel de espectadores quase passivos do combate entre as duas viragos.

Inês Negra, a partidária dos portugueses, fugira de Melgaço aquando da sua tomada pelos castelhanos. Do lado de dentro dos muros da cidade ficara aquela sua velha rival, a quem tinham passado a chamar "Arrenegada" por ter traído os seus.

Diz a lenda que a Arrenegada – estava nas ultimações da batalha – lançou um desafio, gritando das muralhas, à Inês Negra que passeava pelo arraial de D. João o seu conhecido ódio ao castelhano. No meio dos mais diversos improperios, a Arrenegada propunha resolver aquela batalha num combate único entre ambas e afiançava ter, para o efeito, a autorização do chefe da guarnição castelhana.

El-Rei, que assistia a esta cena boquiaberto, ao ver que Inês se dispunha a aceitar o desafio da de dentro, mandou um emissário até à muralha para inquirir da verdade das afirmações da Arrenegada. E como lhe fosse garantida a veracidade do desafio e da proposta, ordenou que se desse à virago tudo o que ela achasse necessário ao combate.

A Arrenegada saiu do castelo e encaminhou-se para o centro do terreiro entre gritos de apoio dos seus partidários. De entre a soldadesca e a população do arraial de D. João, que rodeavam a cena, surgiu a Inês Negra [...].

De espada na mão, sobressaia arregaçada e corpete entreaberto a Inês Negra atirou com o chapéu de feltro no ar e respondeu à sua gente com um urro imenso, avançando decidida para a outra que a esperava já de espada desembainhada. Durante uns segundos, tão longos como a eternidade, as duas mulheres mediram-se, de mão à ilharga, olhos chispando ódios. Inês, de um pulo, desferiu uma estocada que a outra aparou com a espada. [...] Um golpe de sorte da virago do castelo fez saltar a espada de Inês Negra e no arraial português perpassou um silêncio sussurrado. Mas, depois de um segundo de hesitação, Inês correu para um camponês que assistia ao duelo, tirou-lhe a forquilha da mão e voltou à lide, desgrenhada e rota. Procurou acertar nas pernas da outra, que sentindo-se em desvantagem pelo menor comprimento da espada a atirou fora e correu a agarrar um varapau, que estava caído no terreiro, atirando-se à Inês Negra com fúria tal que lhe quebrou a vara nas costas.

A outra, enlouquecida pela dor e pela raiva, largou a forquilha decidida a utilizar os seus próprios meios. Atirou-se com todo o peso do seu corpo, agarrou-se aos cabelos da traidora e, com unhas e dentes, atacou-a com redobrada força. [...] (Frazão, s/d:13-18)

E, como já sabemos, segundo a história, venceu. Não transcrevo a restante parte, visto que o final é conhecido e o relevante para esta pesquisa é destacar como as qualidades e as virtudes de uma jovem mulher salvaram a vila de Melgaço. Qualidades estas que, obviamente, ficaram na História e que eram para imitar.

5. O Tomás das Quingostas

Falemos agora do não menos famoso Tomás das Quingostas, que “não foi o bandido que nos pintam, nem o benemérito que nos querem impingir” (Cerdeira, 2007), mas de quem se contam tantas histórias e do seu interesse para esta pesquisa.

Um homem que suscitou opiniões tão diferentes e foi tão acarinhado por alguns da sua terra, quanto odiado e perseguido por outros e pelos sodados da coroa, o que terá a ver com o valor do património oral?

No início do século XIX, quando nasceu Tomás Joaquim Codeço, poucos sabiam ler e escrever e, os que sabiam poucos meios tinham para o fazer, não se dedicando seguramente a deixar registada a história de vida de um homem que aterrorizava as populações. Foi a transmissão oral que manteve viva esta personagem, mesmo que “adulterando a verdade dos factos, à medida que a distância sobre os mesmos aumentava e o número de pessoas suas contemporâneas decrescia, acabando por desaparecer completamente” (Cerdeira, 2007:22)

Na sua obra *O Tomaz das Quingostas*, este mesmo autor explica que

quase nada se escreveu acerca de tal bandoleiro e, mesmo esse pouco, com o atraso de cerca de cem anos e que [...] nos dias que correm quase ninguém detém reminiscências dos seus feitos, mesmo as pessoas mais idosas e que viveram e nasceram na freguesia que lhes serviu de berço (Cerdeira, 2017: 22)

Também San Payo (2000) refere que “o Tomaz das Quingostas é uma dessas figuras, entre guerrilheiros e salteadores, que se tornaram lendários” e que a sua avó “contava-nos, muitas vezes, estórias relativas a essa personagem tão polémica na história como nos relatos do povo” (San Payo, 2000:121), mas acrescenta que a avó “não lhe denegria a figura. Contava até que o Tomaz das Quingostas era moço alto, bonito de cabelo louro e dizia:

- [...] Era ladrão, mas respeitava as senhoras. Não lhes fazia mal. (San Payo, 2000:121)

Alguns dos que mais tarde escreveram sobre ele, como o professor e historiador Valter Alves no seu blogue “Entre o Minho e a Serra”, debaixo do tema: “Tomás das Quingostas: herói ou salteador?”¹¹ registam o que ouviram contar aos seus antepassados, que também já tinham ouvido contar a outros. Diz Valter Alves que

Uma das figuras históricas mais conhecidas da freguesia de S. Paio é o chamado Tomás das Quingostas. Admirado no Alto Minho mas também na Galiza. Idolatrado por uns e odiado por outros, a verdade é que cresci a ouvir histórias da minha avó materna (nascida na primeira década do século XX) que ela própria tinha ouvido de familiares mais idosos ainda em criança.

Ainda há poucas décadas, não havia certezas da sua existência. Era uma personagem lendária. Na verdade havia uma notável falta de estudos que comprovassem a sua existência. Nas últimas décadas, há uma série de estudos que comprovam claramente a sua existência e a sua importância durante a guerra civil entre absolutistas e liberais na primeira metade do século XIX. (Valter Alves no seu blogue “Entre o Minho e a Serra”, debaixo do tema: “Tomás das Quingostas: herói ou salteador?”, acessível em <https://entreaminhoeaserra.blogspot.com/search?q=Tom%C3%A1s+das+Quingostas>)

Ilídio Sousa (2018), no seu já referido blogue “Melgaço, do Monte à Ribeira” publica em 29 de dezembro de 2018, um excerto debaixo do tema “A Cruzada de S. Gregório”¹², que explica o aparecimento desta personagem pelas terras de Melgaço.

A aceitação da vitória liberal, não sendo um facto consumado em todo o reino, contribuiu para o desenvolvimento de uma política de guerrilha. Constituiu o primeiro passo para a formação de bandos organizados, que se dedicavam à prática de todo o tipo de atentados.

Apesar da detenção, no decurso do ano de 1835, de algumas das figuras destacadas da guerrilha, e, Janeiro de 1836 o provedor de Melgaço traçou um cenário desolador. Algumas estradas, nomeadamente a que ligava a freguesia de Penso a Valadares, estavam praticamente intransitáveis, devido ao clima de medo imposto por bandoleiros, sendo o mais conhecido Tomás das Quingostas, que deambulavam por aquelas terras. Por outro lado, funcionários judiciais recusavam-se a entrar nas aldeias e afixar editais contra eles, com receio de perder a vida, imperando, por isso, um verdadeiro clima de medo e delação. (Ilídio Sousa no seu blogue, “Melgaço, do Monte à Ribeira”, acessível em <https://iasousa.blogs.sapo.pt/a-cruzada-de-sao-gregorio-216590>).

Podemos perguntar como é que numa terra tão longínqua e de difícil acesso, chegaram naquela época as ideias revolucionárias que influenciam esta personagem e o levaram a querer seguir as “pisadas de alguns aventureiros” (Cerdeira, 2007: 40). Mais uma vez, a resposta prende-se com a transmissão oral que era feita por quem vinha de fora e chegava àquelas paragens. Tomaz das Quingostas “ambicionava” (Cerdeira, 2007:40) ser como aqueles “cujos feitos tinham chegado até ele através de relatos ouvidos

¹¹ Acessível em <https://entreaminhoeaserra.blogspot.com/search?q=Tom%C3%A1s+das+Quingostas>

¹² Acessível em <https://iasousa.blogs.sapo.pt/a-cruzada-de-sao-gregorio-216590>

a almocreves vindos de outras paragens e a quem escutava embevecido.” (Cerdeira, 2007:40)

Célia Maria Silva, num artigo intitulado “Movimentos absolutistas no período de implantação do Liberalismo”, publicado aquando do *IV Congresso Histórico de Guimarães*,¹³ refere que “no alto Minho era o bando de Tomás Joaquim Codeço, mais conhecido por ‘Quingostas’ que destabilizava a tranquilidade” (pp.323) mas “gozava do apoio popular como todos os ‘bandidos sociais’. [...] era considerado um herói pela comunidade, por isso, o protegiam” (pp.323). Explica a mesma autora que este género de pessoas

permaneciam dentro da sociedade camponesa de onde saíram e eram considerados pela sua gente como heróis ou justiceiros, razão por que os ajudavam e apoiavam. As ações desse bandido eram aceitáveis dentro dos seus valores de comportamento como quem rouba aos ricos para dar aos pobres ou mata para limpar a sua honra ou a de algum familiar. [...] não roubava o camponês, mas apenas os senhores ricos. (Silva, s/d)

Diferente de Inês Negra, Tomaz teve um triste fim e acabou sendo capturado pelos soldados que há muito o perseguiram. San Payo (2000) conta que, segundo ouviu também contar, “foi ingloriamente capturado sem se poder defender. Bastou cortarem-lhe os suspensórios das calças, que lhe caíram aos pés, atrapalhando a fuga” (San Payo, 2000: 123). No entanto, Tomás das Quingostas conquistou a maior parte da população melgacense sendo um ponto de referência na coragem e luta pela defesa dos valores que passou de geração em geração até aos nossos dias, um “final pouco glorioso para o ‘herói’ duma estória, que ainda hoje vive na memória do povo”. (San Payo, 2000: 122)

6. Os provérbios

Outra forma desde sempre usada para transmitir lições de moral e ensinamentos baseados na vida e no bem tem sido através dos provérbios. Terminarei esta parte das composições moralistas por incluir alguns dos que melhor se enquadram nesta pesquisa, ou seja, que são exemplos de transmissão de conhecimento e valores que foram passando oralmente até chegarem aos nossos dias. Dividi-os em dois grupos.

O primeiro grupo inclui apenas alguns que selecionei de um conto de Diamantino Vale Costa (2000), intitulado *Mães do Minho*. Não pude deixar de fazer referência a este pequeno grupo porque se enquadra de modo perfeito no objeto de estudo que me propus fazer. São exemplos de provérbios utilizados por um velhote da aldeia onde se passa a

¹³ Acessível em <https://ch.guimaraes.pt/uploads/actas/4CH/2sec/4ch-2sec-014.pdf>

história e a quem “a criançada passava horas esquecidas a ouvi-lo contar a fantástica odisseia da sua ida à guerra. Como cada versão era diferente nos pormenores, a canalhada bebia-lhe as palavras.” (Costa, 2000:46-47). Ou seja, é deste género de pessoas que a literatura oral vivia e chegou aos nossos dias. Eram estas pessoas que mantinham vivas as tradições e os ensinamentos que transmitiam de geração em geração.

O segundo grupo, bastante maior, foi-me transmitido pela D. Virgínia do Carmo Ferreira, de Paderne e está dividido em subgrupos, de acordo com os temas.

Costa (2000) inclui na sua história dedicada às mulheres que “ficaram nas aldeias, no vazio das casas, abraçadas pelo xaile negro da despedida, carregando o árduo amanhã da vida” uma personagem “rústica e multifacetada”, o “tio Zé Esgazeado”, um “velho caçador” que “por vezes, substituía-se ao médico, ao jurista e ao veterinário. Era o regedor, sacristão, lavrador, fazia versos e tocava concertina”. (Costa, 2000: 46). Ora esta personagem ao longo do conto de poucas páginas utiliza uma série de provérbios quando fala com um dos protagonistas, com o intuito de o fazer desistir de emigrar para França, viagem que, na época, fazia sonhar os pobres jovens que viviam nas aldeias longe de tudo e de todos. Transcrevo apenas os seguintes, a título de exemplo, todos utilizados em apenas duas falas da referida personagem.

Já pataco quer ser vintém.
Em cavalo ruim até as éguas dão coice.
A cão fraco acodem as moscas.
Já fevereiro quer ser mês. (Costa, 2000: 50-51)

Para enriquecer a minha pesquisa, tive a oportunidade de reunir uma série de exemplos que me foram transmitidos pela D. Virgínia do Carmo Ferreira, de Paderne. Esta senhora de 90 anos escreveu ao longo da sua vida, a trabalhar na loja da aldeia de que era proprietária, os provérbios que ia aprendendo com os mais velhos. Foram copiados diretamente do livrinho da D. Virgínia e sem nenhuma alteração ortográfica, de modo a manter a proximidade da escrita com o modo de falar da região. São um grande grupo que dividi em pequenos grupos, de acordo com os temas e que transcrevo na íntegra no Anexo II.

Muitos serão já conhecidos e encontrar-se-ão equivalentes noutras regiões do país, o que mereceria uma outra abordagem, que não se enquadra no âmbito desta pesquisa, mas que poderá surgir numa ocasião futura.

Assim, destaco, dos grupos que criei, alguns exemplos que me parecem mais pertinentes e exemplificativos do modo de vida das gentes de Melgaço, já que para os perceber, tive de pedir a ajuda da D. Virgínia, pois, com uma primeira leitura, não os consegui enquadrar. Transcrevo-os, juntamente com a explicação que me foi dada oralmente pela D. Virgínia, numa das muitas tardes que passei com ela, na sua casa em Paderne.

- a) “Em Outubro, recolhe tudo.”

Deveria o lavrador guardar todas as ferramentas e utensílios utilizados no cultivo das terras, porque nesta altura acabavam as colheitas dos produtos semeados na região, como o milho, o centeio ou o linho e até as vindimas deveriam já estar feitas.

- b) “No janeiro, sobe ao Outeiro, se verdejar, põe-te a chorar, se vires torrear, põe-te a cantar”.

O “Outeiro”, neste contexto, uma serra ou um local mais elevado, se estivesse a “verdejar”, ou seja, se a erva já estivesse a crescer no monte, em “janeiro”, era motivo para “chorar”. Porquê? Ainda era muito cedo para a chegada da primavera. Por outro lado, se estivesse a “torrear”, ou seja, se a erva estivesse queimada da geadas, era bom sinal.

- c) “Quem testa na rua, serve-se pela sua.”

A forma do verbo “testar” significa, neste contexto, fazer fronteira com os campos dos vizinhos ou com o caminho, a “rua”. Assim, só passaria pelo terreno de um vizinho, quem de outro modo não pudesse fazer.¹⁴

- d) “No Março, tanto durmo, como faço.”

Refere-se ao facto de, habitualmente no mês de março, os dias serem tão grandes como as noites, ou seja, o tempo que se dorme, é igual ao tempo que se passa a trabalhar.

- e) “No Abril, queima a velha o carro e o carril.”

Como habitualmente ainda estava frio no mês de abril, era preciso acender a lareira. No entanto, talvez já se tivesse gasto muita lenha no inverno, e então, queimava-se o que se tinha, “o carro e o carril”. Este provérbio vai ao encontro

¹⁴ Ainda hoje se usa na região a expressão “dever caminho”. Significa que, muitas vezes, o acesso a um terreno é feito passando pela propriedade de outra pessoa. Pode-se “dever caminho” a pé, para o carro de bois ou para o trator. Poucos ousam desrespeitar estas regras estabelecidas há gerações entre os proprietários e os herdeiros das referidas propriedades, já que quando isso acontece, originam-se verdadeiras contendas que envolvem outros vizinhos da aldeia, sobretudo os mais antigos, como testemunhas desse “dever”.

de um outro mais conhecido que diz que “Em abril, comem-se as cerejas ao lume”

- f) “Cabra coxa, não tem sesta.”

Uma cabra coxa, por ter mais dificuldade em andar, não tinha tempo para fazer a “sesta”, tal como um lavrador, com algum tipo de dificuldade, não poderia descansar tanto como outro que não tivesse nenhum contratempo.

- g) “Quem não tem carro nem bois tem de ir primeiro ou depois.”

Os trabalhos do campo nesta região eram auxiliados por carros de duas rodas, puxados por bois ou vacas. As pessoas mais pobres, que não tivessem “carro” nem “bois”, tinham de pedir emprestado aos vizinhos e, teriam de fazer os trabalhos “antes” ou “depois” deles.

- h) “O menino engorda para crescer e o velho engorda para morrer.”

Enquanto era bom sinal uma criança engordar, já que era sinónimo de estar a crescer, uma pessoa idosa, quando engordava, era sinal de proximidade da morte.

- i) “Ave de bico, não põe o dono rico.”

A criação de subsistência de galinhas, muito comum nesta região, era encarada como de pouco ganho para o agricultor, já que a venda dos ovos não dava grande dinheiro e o dono nunca enriquecia. Vender uma vaca ou uma vitela fazia toda a diferença.

É com esta seleção e curta explicação de alguns provérbios que lamentavelmente termino a minha recolha. Digo “lamentavelmente” porque cada um de todos os provérbios que consegui merecia uma análise individual, uma explicação e uma aplicação prática nos nossos dias, já que cada um deles ainda hoje se pode aplicar na nossa vida agitada do século XXI. No entanto, e citando a simpática e generosa D. “Gininha”, como me permitiu que a tratasse, “O que não puderes fazer no dia se Santa Luzia, fazes noutra dia!”.

Chegará esse dia...

CONCLUSÃO

Quando comecei este trabalho, era meu objetivo recuperar o maior número possível de textos em prosa e poesia que fossem exemplificativos da Literatura Oral no concelho de Melgaço e que provassem o valor deste saber transmitido de geração em geração como meio de passar valores, costumes, princípios e tradições.

Foi um percurso muito satisfatório e positivo porque me permitiu aprofundar conhecimentos e descobrir verdadeiros tesouros da literatura descritivos dos usos e modos de vida de diferentes épocas e gerações.

Consegui conhecer um mundo vasto de informação de valor inestimável que me permitiu entender e compreender melhor o modo de vida da população melgacense que ainda guarda muito deste saber recebido dos seus antepassados e da proximidade com a fronteira galega.

Sinto que foi um objetivo cumprido tendo em conta o limite de tempo para realização do mesmo, mas sinto também que há muito mais a recuperar. Ainda há muitas pessoas que recordam aprendizagens e tradições deixadas pelos seus antepassados e que podem passar este legado às gerações vindouras.

No entanto, o tempo passa e as circunstâncias mudam, desaparecem o contexto e os intervenientes e certos usos e costumes caem no esquecimento. Lemos na página em linha da Unesco que as “oral traditions are threatened by rapid urbanization, large-scale migration, industrialization and environmental change” (Unesco, s/db) e eu tive a oportunidade de comprovar este facto dado que é a alteração e o desaparecimento dos espaços originais em que eram criadas e divulgadas a maior parte das composições transmitidas oralmente o que mais contribui para a perda deste património.

Lemos na mesma página que “books, newspapers and magazines, radio, television and the internet can have an especially damaging effect on oral traditions and expressions.” (Unesco, s/db) No entanto, provo também com este trabalho e com as referências citadas que os livros, os jornais, as revistas, a rádio, a televisão e a internet podem ser, ao contrário, excelentes meios de preservação e transmissão da tradição oral.

Caberá a cada um de nós fazer por isso.

Gostava de terminar este trabalho como comecei, com uma citação que se “enquadra de modo perfeito neste momento” e que descreve a nostalgia de acabar esta página com a sensação de que muito ainda há a ser feito. Disse Amadou Hampaté Bâ que “chaque vieillard qui meurt est une bibliothèque qui brûle »¹⁵ (Babaty, 2009)

¹⁵ Acessível em <http://babaty-litterature.blogspot.com/2009/01/introduction-generale-letude-de-la.html> (publicado a 13 de janeiro de 2009)

REFERÊNCIAS

AA. VV., (2003), *Literatura Portuguesa de Tradição Oral* Projecto Vercial - Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro.

AA.VV, (2016a), *Lendas do Alto Minho (Melgaço)*, recolhidas por alunos da Escola Profissional EPRAMI, em <https://issuu.com/patrimoniodefuturo/docs/lendas2> (Consultado em 8 de setembro de 2018)

AA.VV, (2016b), *Melgaço, Arte, Ambiente e Alvarinho – Identidade e Território*, trabalho realizado por alunos da Escola EB 2,3 de Melgaço, em <http://patrimoniodefuturo.webs.uvigo.es/eb-23-de-melgaco-melgaco-identidade-e-territorio/> (Consultado em 8 de setembro de 2018)

AA.VV. (s/d), “La Légende”, Euroconte, Centre Méditerranéen de Littérature Orale, em <http://www.euroconte.org/fr-fr/anthropologiedelacommunicationorale/lalitteratureorale/lalitteratureoraleetsesgenres/lalegende.aspx> (Consultado a 11 de outubro de 2018).

ALVES, Valter, (2013), “Batizado na Barriga na Ponte de S. Lourenço (Prado - Melgaço)”, *Melgaço, entre o Minho e a Serra*, em <http://entreaminhoaserra.blogspot.pt/2013/11/batizado-na-barriga-na-ponte-de-s.html> (Consultado em 16 de outubro de 2018).

ALVES, Valter (2014a), “Castro Laboreiro, 1903 - Dois castrejos à conversa (Parte 1)”, *Melgaço, entre o Minho e a Serra*, em <http://entreaminhoaserra.blogspot.pt/2014/05/castro-laboreiro-1903-dois-castrejos.html> (Consultado em 16 de outubro de 2018).

ALVES, Valter (2014b), “Castro Laboreiro, 1903 - Dois castrejos à conversa (Parte 1)”, *Melgaço, entre o Minho e a Serra*, em <http://entreaminhoaserra.blogspot.pt/2014/05/castro-laboreiro-1903-dois-castrejos.html> (Consultado em 16 de outubro de 2018).

ALVES, Valter, (2014c), “O "falar" das gentes de Melgaço no início do século XX”, *Melgaço, entre o Minho e a Serra*, em <http://entreaminhoaserra.blogspot.pt/2014/05/o-falardas-gentes-de-melgaco-no-inicio.html> (Consultado em 16 de outubro de 2018).

ALVES, Valter, (2014d) “Cubalhão (Melgaço), por volta de 1904 - Cantiga popular da tradição oral”, *Melgaço, entre o Minho e a Serra*, em <http://entreaminhoaserra.blogspot.pt/2014/06/cubalhao-melgaco-por-volta-de-1904.html> (Consultado em 16 de outubro de 2018).

ALVES, Valter, (2014e) “Poesia popular castreja (início do século XX)”, *Melgaço, entre o Minho e a Serra*, em <http://entreaminhoaserra.blogspot.pt/2014/03/poesia-popular-casteja-inicio-do-seculo.html> (Consultado em 16 de outubro de 2018).

ALVES, Valter, (2016a), “O "Sábio de Vila Draque" (Paços - Melgaço) e outras estórias deste mundo e do outro”, *Melgaço, entre o Minho e a Serra*, em

<http://entreaminhoeaserra.blogspot.pt/2016/02/o-sabio-viladraque-pacos-melgaço-e.html> (Consultado em 16 de outubro de 2018).

ALVES, Valter, (2016b), “A lenda da Nossa Senhora da Natividade de Cubalhão (Melgaço)”, *Melgaço, entre o Minho e a Serra*, em <http://entreaminhoeaserra.blogspot.pt/search/label/lendas%20de%20melga%C3%A7o> (Consultado em 16 de outubro de 2018).

ALVES, Valter, (2017), “Sobre a linguagem das gentes de Parada do Monte (Melgaço) em 1902”, *Melgaço, entre o Minho e a Serra*, em <http://entreaminhoeaserra.blogspot.pt/2017/06/sobre-linguagem-das-gentes-de-parada-do.html> (Consultado em 16 de outubro de 2018).

BABATY, Bocar, (2009), “La tradition Orale”, *Litterature*, em <http://babaty-litterature.blogspot.com/2009/01/la-tradition-orale.html> (Consultado em 2 de setembro de 2018).

BERGERON, Bertrand, (2012) “Les genres de la tradition orale”, Les Publications Québec Français, em <https://www.erudit.org/fr/revues/qf/2012-n164-qf07/65886ac.pdf> (Consultado em 25 de julho de 2018).

CAMPELO, Álvaro, (2002), “Caminhando pelo Mundo do Fantástico no Vale do Minho” em *Antropológicas*, Nº6, pp.287-305.

CAPELA, José Viriato, (2005), “Alto Minho: Memória, História e Património” em *As Freguesias do Concelho de Melgaço nas Memórias Paroquiais de 1758*, Melgaço: Câmara Municipal de Melgaço, pp. 561-615.

CERDEIRA, José Alfredo, (2007), *O Tomaz das Quingostas*, Edição de Autor.

COELHO, Miguel Alexandre Batista, (2017), *Religiosidade Popular: Tradições, práticas e mitos*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

COSTA, Diamantino Vale, (2000), *Mães do Minho*, Melgaço, Edição Câmara Municipal de Melgaço.

DERIVE, Jean, (2016), “La littérature orale traditionnelle, un instrument d’éducation ?”, *Nordic Journal of African Studies* 25(3&4), Savoia : Université de Savoie, France, em http://www.njas.helsinki.fi/pdf-files/vol25num3-4/1_4_derive.pdf , pp. 236–245 (Consultado em 15 de setembro de 2018).

DOURADO, Henrique Autran, (2013) “Cantos, Cantigas e Canções de trabalho” em <http://blogdohenriqueautran.blogspot.com/2013/02/cantos-cantigas-e-cancoes-de-trabalho.html> (Consultado em 22 de agosto de 2018).

ESTEVES, Augusto César, (2003a), *Obras Completas*, Recolha e introdução de Armando Malheiro da Silva e Joaquim Rocha, Volume 1, tomo 1, Melgaço: Edição da Câmara Municipal de Melgaço.

ESTEVES, Augusto César, (2003b), *Obras Completas*, Recolha e introdução de Armando Malheiro da Silva e Joaquim Rocha, Volume 1, tomo 2, Melgaço: Edição da Câmara Municipal de Melgaço.

FERNANDES, Justino, (1983), *Variedades*, Brasil, Editora Danúbio Lda.

FERREIRA, Márcio, (2017), “Tradição de alumiar a São Tomé mantém-se viva em Penso”, Alto Minho TV, em www.altominho.tv/site/2017/12/22/tradicao-de-alumiar-a-sao-tome-mantem-se-viva-em-penso/ (consultado em 20 de janeiro de 2019).

FRAZÃO, Fernanda (Rec. s/d), *Lendas Portuguesas*, Lisboa: Amigos do Livro Editores, Volume 2, pp. 13-18.

GODARD, Barbara, (2006) “Oral Literature in English”, *The Canadian Encyclopedia*, em <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/oral-literature-in-english> (Consultado em 1 de agosto de 2018).

GOODY, Jack, (s/d), “Oral Literature”, *Encyclopaedia Britannica*, em <https://www.britannica.com/art/oral-literature> (Consultado em 29 de julho de 2018).

GUERREIRO, Viegas Manuel, (1986), “Literatura Popular: Em torno de um conceito”, Portal do Folclore Português, em http://www.folclore-online.com/literatura/literatura-popular-torno-conceito1.html#.XFA9O_ZFzIU (Consultado em 26 de julho de 2018).

HENRY, Jones, (s/d) “Traditional Work Songs”, Library of Congress, em <https://www.loc.gov/collections/songs-of-america/articles-and-essays/musical-styles/traditional-and-ethnic/traditional-work-songs/> (Consultado em 19 de julho de 2018).

IGREJAS, Francisco Augusto, (1989), *Poesia Popular*, Melgaço: Câmara Municipal de Melgaço.

KUIPER, Kathleen, (s/d) “Proverb Folk Literature”, *Encyclopedia Britannica*, em <https://www.britannica.com/art/proverb> (Consultado em 25 de agosto de 2018).

LETRIA, José Jorge (1995) *O Dia de Inês Negra*. Melgaço: Centro Cultural do Alto Minho.

LORD, Albert Bates, (s/da) “The Nature and Kinds of Oral Literature”, Center for Hellenic Studies, Harvard: Harvard University, em https://chs.harvard.edu/CHS/article/display/6272.1-the-nature-and-kinds-of-oral-literature_(Consultado em 17 de Agosto de 2018).

LORD, Albert Bates, (s/db) “Writing and Oral Tradition”, Center for Hellenic Studies, Harvard: Harvard University, em <https://chs.harvard.edu/CHS/article/display/5595.albert-b-lord-the-singer-of-tales> (Consultado em 12 de janeiro de 2019).

MARQUES, Amália, (2013), *Mouras, mouros e mourinhos encantados em lendas do norte e sul de Portugal*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares apresentada à Universidade Aberta, Lisboa.

MARQUES, J. J. Dias, (2002), *A génese do Romancelheiro do Algarve de Estácio da Veiga*. Tese de doutoramento em Literatura, especialidade de Literatura Oral e Tradicional. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve.

MARTINS, Eva, (2001) *Memórias, gentes de Melgaço*, Melgaço: Edição da Câmara Municipal de Melgaço.

MELGAÇO, A Voz de (em linha), (2018), “Diz que nun é bô - Histórias de Vida lá de Riba”, em <https://www.vozdemelgaco.pt/2018/02/historias-de-vida-la-de-riba-diz-que-nun-e-bo/> (Consultado em 20 de março de 2018).

MELGAÇO, Câmara Municipal de, (1991), *VI Centenário da Tomada do Castelo de Melgaço, Historial, Textos e Entrevistas das Comemorações*, Melgaço: Edição da Câmara Municipal de Melgaço.

MELGAÇO, Câmara Municipal de, (2002), *Retalhos de Vidas*, Melgaço: Câmara Municipal de Melgaço.

MELGAÇO, Município (s/d), Portal Municipal, em www.cm-melgaco.pt/viver/municipio/#mainContentOfPageID (Consultado em 12 de agosto de 2018).

MOTTA, Ana Raquel, (2015), “O papel da música nas atividades de trabalho”, em <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457320415>, (Consultado em 20 de agosto de 2018)

PEDROSO, Consiglieri, (2000), *Contos Populares Portugueses*, Lisboa: Ulmeiro.

PÉREZ, Xosé Afonso Álvarez, (2019), “La frontera entre España y Portugal: un tesoro lingüístico amenazado”, *Frontespo Frontera hispano-portuguesa: documentación lingüística y bibliográfica*, Alcalá: Universidad de Alcalá, em <https://theconversation.com/la-frontera-entre-espana-y-portugal-un-tesoro-linguistico-amenazado-111924> (Consultado em 15 de março de 2019)

PINTO, Paulo Feytor, (2013), “Cultura oral: oratura, escritas ágrafas, geografia corporal e observação direta”. Em AA, VV, - *Há conversa com os programas de português: [atas]*, Lisboa: Associação de Professores de Português, p. 131-140.

PINTOR, Padre Manuel António Bernardo, (2005), *Obra Histórica I*, Monção: Edição do Rotary Club de Monção.

RAIMUNDO, Helder, (1990), *O impacto do romancelheiro do Algarve no contexto português e peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, Racial Clube de Silves.

ROCHA, A. Joaquim, (2009), *Dicionário Enciclopédico de Melgaço*, 1º volume, Edição de Autor.

ROCHA, J. Marques, (1993), *Melgaço de Ontem e de Hoje*, Braga: Compolito – Serviços de Artes Gráficas, Lda.

SAN PAYO, Ruth, (2000), *Tempos Que Já Lá Vão*, Melgaço: Guide – Artes Gráficas, Lda.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de, (1712) *Santuário Mariano e História das imagens milagrosas de Nossa Senhora*. Tomo IV, Lisboa: Oficinas de António Pedrozo Galram.

SARAIVA, A. Arnaldo, & NOGUEIRA, Carlos, (2001), *Quadra tradicional: questões de estrutura e de forma*. Faro: Centro de Estudos Ataíde Oliveira.

SARAIVA, José Hermano, (2004), *História das Freguesias e Concelhos de Portugal*, volume 10, Matosinhos, Quidnovi Edições.

SILVA, Célia Maria, (s/d), “Movimentos absolutistas no período de implantação do Liberalismo”, publicado aquando do IV Congresso Histórico de Guimarães, em <https://ch.guimaraes.pt/uploads/actas/4CH/2sec/4ch-2sec-014.pdf> (Consultado em 12 de maio de 2019)

SOUSA, Ilídio, (2016), “O assassino Tomás das Quingostas”, *Melgaço, do Monte à Ribeira*, em <https://iasousa.blogs.sapo.pt/o-assassino-tomas-das-quiringostas-183035> (Consultado em 15 de fevereiro de 2019)

SOUSA, Ilídio, (2018), “A Cruzada de S. Gregório”, *Melgaço, do Monte à Ribeira*, em <https://iasousa.blogs.sapo.pt/a-cruzada-de-sao-gregorio-216590>, (Consultado em 15 de fevereiro de 2019)

UNESCO. (s/da), (em linha) “What is Intangible Cultural Heritage?” em <https://ich.unesco.org/en/what-is-intangible-heritage-00003> (Consultado em 15 de agosto de 2018).

UNESNO. (s/db), (em linha) “Oral traditions and expressions including language as a vehicle of the intangible cultural heritage” em <https://ich.unesco.org/en/oral-traditions-and-expressions-00053> (Consultado em 15 de Agosto de 2018).

VASCONCELOS, José Leite de, (1916), “Excursão a Castro Laboreiro” em *Revista Lusitânia*, pp.271

VASCONCELOS, José Leite de (1928), “Linguagem Popular de Castro Laboreiro”, *Opúsculos, Vol. II – Dialectologia* (parte I), Coimbra: Imprensa da Universidade, pp.364

VASCONCELOS, J. Leite de, (2007), *Etnografia Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

VAZ, Luís António, (2000), *Melgaço 2000 Roteiro*, Braga: Edição de “A Voz de Melgaço”

ANEXO I

Vídeos recolhidos no terreno – identificados pelo respetivo número.

ANEXO II

Provérbios copiados do caderno da D. Virgínia do Carmo Ferreira.

Para destacar as qualidades e condenar os defeitos:

A bondade e o perdão, às vezes dão ingratidão.
A perseverança é a mãe do sucesso.
O pai empertenece o filho desoviedente.
A dor e a desgraça é de quem a passa.
A desconfiança é a sentinela da segurança.
A pintura e a peleja, de longe se veja.
Homem que não tem arte nem manha, morre no mar como a aranha.
Ocupação e fadiga destroem melancolia.
É da proibição que nasce a tentação.
O avarento por um real perde um cento.
A paixão cega a razão.
Do indigente, ninguém quer ser parente.
Amar e reinar, nunca dois a par.
Um bom conselheiro alumia melhor que um candeeiro.
Antes invejado do que lastimado.
A ambição enche a cabeça e cerra o coração.
Para neste mundo bem andar, é preciso ver, ouvir e falar.
Onde vires lume deita água.
Quem mente três vezes não é acreditado uma.
Acaba-se a amizade quando se entra na familiaridade.
Amigo de mesa não é de firmeza.
Repreensão bem dada é palavra abençoada.
Bom é saber calar até poder falar.
Muita confiança, pouco respeito.
O amor e a fé nas obras se vê.
Quem tem brio, não tem frio.
Amigo fiel e prudente é melhor que um parente.
Para ser bom cosinheiro é preciso ter bom cheiro.
Honra e proveito não cabem em saco estreito.
Quem compra e mente, a bolsa lho sente.

Para dar conselhos para a vida diária:

Aprende a obedecer para saberes mandar.
Não te metas entre martelo e vigorna.
Vai para a cama quando as galinhas, levanta-te quando à cotovia, terás saúde e alegria.
Quem bem ama bem castiga.
No enterro e na boda verás quem te honra.
Ama a quem te ama e responde a quem te chama.
Ao teu amigo não descubras o teu segredo, podes dar causa a perdê-lo.
É difícil fazer um amigo num ano, mas é fácil perdê-lo numa hora.
De pessoa calada afasta a tua morada.
Não desejes mal ao teu vizinho que pode o teu vir pelo caminho.
Se queres ver o homem morto, dá-lhe couves no mês de agosto.
Aprende do velho, ele te dará um bom conselho.
A casa do rico irás quando fores convidado, a casa do pobre irás sem seres chamado.
Nunca ponhas os ovos todos no mesmo cesto.

Cava o poço para teres água antes de teres sede.
Água que não podes beber, deixa-a correr.
Foge da ocasião e evitarás a tentação.
Prática e serás mestre.
À terra onde fores, faz o que vires fazer.
Se não fossem as percas, todo o mundo era rico.
Cumpre o teu dever, aconteça o que acontecer.
Pensa de vagar e trabalha depressa.
A quem confiaste o teu segredo fizeste-o senhor de ti.
Preocupa-te a agenciar e não em gastar.
Pelo mal não te mates e pelo bem não te agaches.
Emenda em ti o que te desagrada em mim.
Não metas na casa quem te ponha fora dela.
Quanto mais o tolo conta, mais mostra quem é.
Ão pobre, quando lhe cai o pão é sempre com a manteiga para o chão.
Sofre o bucho e viva o luxo.
Viva a mocidade do seu tempo e não o tempo da sua mocidade.
Amigo de boa conta quem tem defeito aponta.
Amor antigo não enferruja.
Por falta de um alho não deixes de fazer uma alhada.
Vale mais deixar a ruins que pedir a bons.

Para incentivar a ser um bom cristão:

A bom capelão, melhor sacristão.
A amar e a rezar não se pode obrigar.
Deus nos faça do alheio feio.
Uma casa sem mulher, nem o diabo a quer.
Em ralhações, ninguém diz orações.
O que não poderes fazer no dia de Santa Luzia, fazes no outro dia.
O ceu é de quem o ganha e a terra é de quem a arranha.
Para a missa e para o moinho, não se espera pelo vizinho.
Sem Deus, nem até à porta, com Deus, atravez dos mares.

Para transmitir a sabedoria popular baseada na experiência de vida:

A poesia é a música da alma.
Dinheiro emprestado amigo afastado.
Consultar quem sabe é já saber metade.
O melhor meio de ganhar é poupar.
Arrufos de namorados são amores dobrados.
Quem não se farta a comer, não se farta a lamber.
Vale mais uma palavra antes do que duas depois.
Ladrão que não é apanhado é sempre honrado.
O segredo de três, o diabo o desfez.
Pai ganhador, filho gastador.
A primeira vez tem graça, a segunda já é chalaça.
Amigo só quando tem necessidade não é amigo de verdade.
Quando o ganho é fácil, a despesa é louca.
Para saber mal, vale mais não saber nada.
Amigos que desaparecem esquecem.
Amizade de genro é sol de inverno.
Ao rico mil amigos se deparam, aos pobres até os maus os desamparam.
Nada tem quem nada lhe basta.
Amigos de longe e contas de perto.
Depois do mal feito, todos o previam.
Quem dá de mão beijada não recebe nada.
Quem encurta a ceia prolonga a vida.

Dos enganados vivem os escrivanos.
Quem leve vai leve bem.
Coração que suspira não tem o que deseja.
Compra a quem errou que não sabe o que custou.
O empata não ataca nem desata.
O que não custa não lustra.
Quem diz o que sente, não peca nem mente.
Quem come almoços, deve jantares.
Quem serve dois senhores ao mesmo tempo, algum fica enganado.
Uma palavra boa custa pouco e vale muito.
Quem não pode morder, não mostra os dentes.
À beira da noiva se talha o vestido.
Quem se mete em atalhos, mete-se em trabalhos.
O que fica por dizer é sempre o mais bem dito.
Comer do barato e vestir do caro.
A ração não é para quem se talha, mas é para quem calha.
Bom é saber calar até poder falar.
Vale mais pão duro do que figo maduro.
Palavra fora da boca é pedra fora da mão.
Quem ao longe vai casar, ou cega ou vai cegar.
Bons exemplos e boas ações avassalam os corações.
Um coração contente, é um festival permanente.
Quem compra sem poder, vende sem querer.
Barqueiro a barqueiro não leva dinheiro.
Quem se veste de ruim pano, veste-se duas vezes no ano.
Quem canta antes do almoço, chora antes do sol posto.
Quem vive em paz, dorme em repouso.
Amigos e livros, poucos e bons.
A arma, a mulher e o alguidar não são de emprestar.
Quem viver verá as voltas que o mundo dará.
A pergunta disparatada, não se responde nada.
Afronta muitos, quem afronta um.
A casas honradas, não há portas fechadas.
A azeitona e a fortuna, às vezes muita e outras nenhuma.
A primeira machadada não derruba nada.
Quem se obriga a amar, obriga-se a padecer.
Para a fome, não há pão duro.
A mulher e a carteira, quanto mais magra, mais fria.
Quem com água se cura, pouco dura.
Repreensão bem dada, palavra abençoada.
Por causa do dinheiro anda a guerra no mundo inteiro.
Quem vai muito depressa, pode partir a cabeça.
De um sim e um não, nasce toda a questão.
A criança diz na eira o que ouve aos pais na lareira.
Ouro afechado sono perdido.
Ladrão endinheirado nunca morre enforcado.
Não tira bom resultado quem se mete onde não é chamado.
Quem foi rei, nunca perde a magestade.
Quanto mais vivemos, mais aprendemos.
Um teimoso nunca teima só.
O amor e a morte vencem o mais forte.
Mal que não tem cura, é a velhice e a loucura.
De ruim cabaça, não sai boa pevide.
Vale mais um minuto a bem pensar do que um mês a trabalhar.
Mãos que não dão e faca que não corta, leve-as o diabo que pouco importa.
Quem semeia demais, gasta mais e colhe menos.
Não custa a gastar o que não custa a ganhar.
Quem não quer perder não joga.
A doença entra às braçadas e sai às polegadas.
A pedra e a palavra não volta atrás depois de lançada.

A prática ensina mais que os livros.
Homem pequenino é bom dançarinho.
Somos senhores das palavras que não pronunciamos, mas escravos das que nos escapam.
Sogra e nora, cão e gato, não comem no mesmo prato.
Quem vive só para si, pouco vive.
De tolo e louco, todos temos um pouco.
Crianças e loucos dizem a verdade aos poucos.
Quém não sabe o que diz, diz o que não sabe.
Demasiado dinheiro rompe o saco.
O espetador vê melhor que o jogador.
Mais vale poupar no princípio do que no fim.
A tenda quer-se na mão de quem a entenda.
A chuva não quebra o osso.
Quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre.
Com pão e vinho já se anda caminho.
De um sim e um não, nasce toda a questão.
Ao médico, ao advogado e ao padre diz-se toda a verdade.
Conselhos e água só se dá a quem pede.
Guarda o que não presta e terás o que te faz falta.
Não há mel sem aguilhão.
O menino engorda para crescer e o velho engorda para morrer.
Quem pingas bebe, pingas deve.
O desembaraço vai no braço.
Do monte mau, venha um pau.
Dinheiro à vista, olho não pisca.
Não à sim sem senão, nem regra sem exceção.
Quem escuta, de si ouve.
Fraco é o dente que come a semente.
A mandar nunca ninguém se cansou.
Vale mais magro no mato do que gordo no rabo do gato.
Quem a boa árvore lhe acolhe boa sombra o cobre.
Quem com coxo anda aprende a mancar.
Pão que sobre, carne que baste e vinho que falte.
Quem não tem pé não pode dar coice.
Quem impresta não melhora.
Quem muito escolhe, sai escolhido.
Encomendas sem dinheiro caíram ao passar o regueiro.
O vinho e o amigo, o melhor é o mais antigo.
Cale quem deu, fale quem recebeu.
Lenha verde não acende, quem muito dorme pouco aprende.
Os figos da figueira é para quem está à beira.
Quem ama mulher casada tem a vida emprestada.
Não é por muito madrugar que amanhece mais cedo.
Indo por caminho reto, de longe se faz perto.
Quando as folhas voem, o vento lhes dá.
Quem teima em dizer verdades perde amizades.
Um bom conselheiro alumia melhor que um candeeiro.
Quem vê as barbas do vizinho a arder põe as dele de molho.
Em boa vigorna o malho não faz moça.
Quem cala, colhe, quem fala semeia.
Aquele que conta dez amigos não tem um.
Não é com palha que se apaga o fogo.
Beber sem comer é cegar e não ver.
No aperto e no perigo se conhece o amigo.
Vale mais na casa fazer do que na rua mal parecer.
A vontade de comer faz a velhinha correr.

Utilizando animais e os alimentos da terra:

A pior ovelha é a que mais berra.
O peixe que foge do anzol é sempre o maior.
Vole com o rabo o cão, não por ti, mas pelo teu pão.
Ave de bico não põe o dono rico.
Na tua casa não tens sardinha e na casa alheia queres galinha.
Com bom sol se estende o caracol.
Quem não tem cão caça com um furão.
Mal por mal antes dar a lã do que o carneiro.
Casa de pombos, casa de tombos.
De curral alheio nunca bom cordeiro.
Pintainho de janeiro vai com a mãe ao poleiro.
Pé de galinha não mata pinto.
Galinha velha faz bom caldo.
Do contado come o lobo.
Bem sabe a rola em que mão pousa.
Quem lida com burros é que sabe alvardar.
Deixa estar o jacaré que a lagoa há de secar.
Na terra dos lobos ouvia-se como eles.
Perdido é o gado que não tem pastor nem cão.
Carneiro que recria, maior marrada dá.
A mulher e a ovelha com o dia para a cortelha.
Quando a raposa anda aos grilos, mal para ela, pior para os filhos.
Cordeiro manso mama na sua mãe e na alheia.
Todo o passarinho gosta do seu ninho.
O filho do gato, se não morde, esgardunha.
O galo que canta à entrada do poleiro quer ver o dono fora do eido.
A rã não bebe até ao fim a água do charco onde vive.
Quando se casa uma filha dá-se carga para o burro, quando se casa o filho, dá-se burro para a

carga.

Quem nasce para lagarticha nunca chega a jacaré.
Quando as baleias brigam, os camarões são comidos.
Galinha gorda para pedreiro, ou é choca ou caiu do poleiro.
Quem não cria, não pia.
A raposa perde a lã, mas as manhas não.
O comerciante e o porco só se vêem depois de morto.
Não se vende o burro por ter grandes orelhas.
Aos peixes não se ensina a nadar.
A perdiz é perdida se quente não for comida.
Não se apanham trutas com barbas enxutas.
Quem não tem carro nem bois tem de ir primeiro ou depois.
Cabra coxa não tem sesta.
Pragas com razão nem ao rabo do meu cão.
Perdigão perdeu a pena não há mal que não lhe venha.
O cão tanto anda com a roca que dá conta da massaroca.
Gaiola feita, pássaro morto.
Com peras, vinho bebas.
Banana com queijo sabe a beijo.
Jantar comido, companhia desfeita.
Sem sangue não se fazem morcelas.

Para melhor entender o tempo e fazer melhor os trabalhos agrícolas:

Ao cabo de um ano, o criado tem as manhas do amo.
Maio frio e junho quente bom pão e vinho valente.
Com muito geitinho levarás a água ao teu moinho.
Tenham os meus parentes, e tenha a minha vizinha, mas tenha o meu saco farinha.
A vista do dono aduba os campos.
Julho caloroso, amo formoso.
Pela palha já se conhece a espiga.

Diz o rifão, da terra negra sai o bom pão.
Com vento de leste nem caces nem pesques.
Novembro à porta, geada na horta.
Vento de nascente, chuva de repente.
Se Domingo de Ramos chover nózes não vai haver
Quem quer a sardinha chega-lhe a brasinha.
Fraco é o maio que não rompe uma croça.
Não mates mais do que o que podes salgar.
No janeiro, sobe ao outeiro. Se verdejar, põe-te a chorar, se vires torrear, põe-te a cantar.
Março virado de rabo é pior que o diabo.
Trabalhar para aquecer, vale mais morrer de frio.
O melhor advogado é o tempo.
Vinho que rebenta no abril, não rebenta no barril.
Se a trovoadá fôr para o mar, mete os bois ao arado e vai lavrar.
Chovendo dia de Ascensão todos os campos dão pão.
Não há mês mais irritado do que o abril zangado.
Em dia de S. Matias começam as enchertias.
No mês de junho, foicinha no punho.
A aveia de fevereiro enche o celeiro.
Quando em março arrulha a perdiz é sinal de um ano feliz.
Luar de janeiro não tem companheiro.
Da Páscoa à Ascensão, 40 dias vão.
Primeiro dia de agosto, primeiro dia de inverno.
Moinho parado não ganha maquia.
Não chova em todo o ano, chova em abril e maio.
No maio, comem-se as cerejas ao borralho.
Cheias de janeiro, redes ao fumeiro.
Por janeiro fora, mais uma hora, mas se bem contares, hora e meia encontrarás.
Nem em dezembro marear, nem em agosto caminhar.
Quem ao moinho vai, enfarinhado sai.
O sol de março crasta a dama no palácio.
Sábado a chover é como o bêbedo a beber.
Entrudo na borralheira, Páscoa na soalheira.
Por S. Lourenço, vai à vinha, enche o lenço.
O fruto nunca cai longe do tronco.
Por S. Mateus, vindima tu e vindimo eu.
A chuva de S. João talha o vinho e não dá pão.
No abril, queima a velha o carro e o carril.
No março, tanto durmo como faço.
Por S. Tiago pinta o bago.
Quem testa na rua, serve-se pela sua.
O vinho a ferver e a fava a nascer.
Sementes de nabos no S. Lourenço, nem nascida nem no lenço.
Não à luar como o de janeiro, nem amor como o primeiro.
Em outubro, recolhe tudo.
Se janeiro fôr escuro, semeia pelo seguro.
Entre os Santos e o Natal, bem chover e melhor nevar, vão-se as noites de fiar.
Fevereiro quente trás o diabo no ventre.
Mora madura, pinta na uva.
De 40 em 40 anos, sobem os cabaneiros e descem os cavalheiros.
Quem não poupa água e lenha não poupa outra coisa que tenha.

ANEXO III - Scan

Fotografias de poemas cedidos pela Associação Castro Solidário, descrições da D. Glória Guedes sobre o “enganido” e a ida à “doutrina, quadras da D. Maria Castro, de Sante e poemas fotocopiados dos cadernos da D. Virgínia do Carmo Ferreira, de Paderne.